O TEMPO REVISITADO

RELEITURA PROUSTIANA DE 70 ANOS COMO ESTUDANTE E DOCENTE DA USP

Diva Benevides Pinho
Professora Emérita da FEA/USP

O TEMPO REVISITADO

releitura Proustiana de 70 anos como estudante e docente da USP

On ne voit bien qu'avec le coeur.
L'essentiel est invisible pour les yeux.

Antoine de Saint Exupéry

São Paulo
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Seção de Processamento Técnico do SBD/FEA/USP

Pinho, Diva Benevides

O tempo revisitado: releitura proustiana de 70 anos como estudante e docente da USP / Diva Benevides Pinho. – São Paulo: FUNCADI, 2015.

162 p.

Bibliografia.

1. Pinho, Diva Benevides 2. Biografias 3. Carreira profissional 4. Professores I. Título.

CDD – 920

In Memoriam
Carlos Marques Pinho

Professor Titular da FEA-USP

Economista e Advogado...
...meu Companheiro de vida

Agradecimentos

Dedico este livro aos participantes de minha trajetória (inclusive por internet)

AFILHADOS – representados p/ Dirce Helena Benevides Carvalho
PRIMOS – p/ Jano Benevides Garotti
FAMÍLIA DOTTO BENEVIDES – p/ Diva Haidê Benevides Carvalho
FAMÍLIA PINHO – p/ Gil Clemente de Magalhães Pinho
FAMÍLIA ARVAI PEREIRA – p/ Helder/Andrea Arvai Pereira Picarelli

AMIGOS DA USP, FEA, AMEFEA E FUNDAÇÕES: representados p/
Jacques Marcovitch – Reitor/USP: 1997-2001
Adalberto Américo Fischmann (Diretor)
Joaquim José Martins Guilhoto (Vice-Diretor)
Hélio Nogueira da Cruz (Chefe Dep. Economia)
Almir Ferreira de Souza (FIA - Dep. Administração)
Fábio Frezatti (Departamento de Contabilidade)
Ana Cristina Limongi-França (Prof. Administração)
Décio Zylbersztajn e Rose (Prof. e Artistas violeiros)
Eneida Chiuzini - Secretária da FEA-USP
Alda Freire de Castro – p/Funcionários FEA
Maria Tereza Aléssio – Coopercultura/FEA

COOPERATIVISTAS:
Roberto Rodrigues, Sigismundo Bialoskorski Neto, Valdecir Palhares, Vander Boaventura.
Famílias Cooperativistas: Nídia e Rodrigo Leonardi Boaventura

ARTISTAS PLÁSTICOS: Yatiyo Yassuda p/ colegas artistas
Yoguis: Mahesh/Prithivi, Gustavo/Tatiana, Paula Brum Barrinuevo – adolescente que decidiu ser economista.
ALUNAS/OS: Hamilton Luiz Correa, José de Souza Martins e Heloisa Lisbeth Rebollo e Antonio Gonçalves, Marcos Cortez Campomar, Ralf Panzzutti e Nilce e Vera Sydow Cerny

DIRETORES DO FUNCADI - Lara de Medeiros Brum e Plinio Rangel Pestana Filho
In Memoriam - Marco Aurélio Marcondes Mantecca (Afilhado)
Isaías Custódio (Ex-aluno e professor da FEA)
Ednéa de Fátima Ramos Palhares (Coopta)

Sumário

Há alguns anos, venho construindo as bases de uma agradável e produtiva vida acadêmica *pós-aposentadoria compulsória*, embora em outro ritmo, como voluntária junto ao Departamento de Economia da FEA-USP e como associada honorária e cofundadora da AMEFEA, Associação de Amigos da FEA-USP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo).

Ao me aproximar dos 9.0, para usar a expressão agora em moda, ou de meus *quatre vingt dix ans* (em francês é mais melodioso e choca menos...), resolvi escrever *O Tempo Revisitado – releitura proustiana de 7.0 como estudante e docente da Universidade de São Paulo.*

Conto resumidamente minha ***trajetória*** na USP, iniciada como aluna do Curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), então na Rua Maria Antônia (Bairro de Vila Buarque, Capital). Estudei com grandes Mestres, entre os quais o sociólogo e educador Fernando de Azevedo – um dos idealizadores da USP e da FFCL - juntamente com outros intelectuais e os Mesquitas de *O Estado de São Paulo,* que somaram esforços para fundar uma Universidade, até então inexistente no Brasil. Mas aquele ideal só foi concretizado depois da Revolução de 1932, quando o interventor do Estado de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, ofereceu-lhes os recursos necessários. Outro grande mestre foi o sociólogo e antropólogo Roger Bastide, apelidado *Bastidinho* (para distingui-lo de Bastidão, membro da mesma Missão Francesa), que se tornou famoso pelos estudos aqui realizados sobre as religiões afro-brasileiras; seu assistente, o sociólogo Florestan Fernandes, mais tarde seria político e um dos fundadores do PT, Partido dos Trabalhadores. Antônio Cândido de Melo e Souza, ainda sociólogo, logo depois migraria para a Literatura e se tornaria internacionalmente famoso;

Recepção aos novos Professores Titulares do Depto. de Economia da FEA-USP; professores Carlos Pinho (Vice-Diretor), Diva Pinho (Chefe do Depto. de Economia) e Prof. Jacques Marcovitch (Diretor)

o brilhante professor de Política, Lourival Gomes Machado, seria convidado para prestar serviços na UNESCO; Paul Hugon – o último representante da Missão Francesa contratada pela USP, implantaria os *Cursos de Economia* na Capital paulista e formaria muitos discípulos (entre os quais mais tarde eu seria Auxiliar de Ensino e, em seguida, Assistente).

Tive a oportunidade de conhecer Aziz Simão, então aluno de outra Turma, que a todos deslumbrava por sua capacidade de aprendizado e de liderança, apesar de progressiva deficiência visual. Mais tarde chegaria a Professor Titular e Chefe do Departamento de Sociologia.

Ainda na Maria Antônia, convivi com professores de outras áreas e aqui destaco especialmente o historiador Eurípedes Simões de Paula, que deixou sua marca de competência, equilíbrio e humanismo como Diretor da FFCL por duas vezes. Foi ele quem conseguiu amenizar a tumultuada e rápida mudança de alunos, funcionários e professores - da Rua Maria Antônia para a CUASO, Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, em 1968, logo depois do Ato Institucional n.5...

Transferida *ex-officio* para a FEA (1970), então denominada Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FCEA), ainda convivi algum tempo com o grande humanista Heraldo Barbuy, professor de Sociologia Econômica, e com a historiadora Alice Canabrava, que me convidou para participar de suas pesquisas, então em andamento sobre a ***História da FEA***, em dois volumes, e incumbiu-me de escrever sobre o Departamento de Economia. Depois de sua aposentadoria, mantive a tarefa de publicar textos históricos sobre nossa Faculdade. Assim por exemplo, são bilíngues os dois últimos: *em 2006 - A FEA-USP no Tempo – Contribuição à Memória de seus 60 Anos; em 2003 – FEA-USP no Século 21: Sincronismos Histórico, Econômico, Político, Social e Educacional.* Foi igualmente gratificante meu convívio com professores dos outros dois Departamentos da FEA – Administração e Contabilidade, entre os quais destaco Jacques Marcovitch, sobretudo o período iniciado com seu retorno dos estudos pós-graduados no Exterior e minha participação em sua Banca de Doutoramento, até sua nomeação para *Pró-Reitor de Cultura e Extensão Universitária*, quando me convidou para a Vice-Presidência. Em seguida, foi brilhante e dinâmico Reitor da USP, de 1997 a 2001.

E no Departamento de Contabilidade e Atuária quero mencionar especialmente o saudoso Prof. Nakagawa e os trabalhos que nós dois realizamos na área artística, sobretudo a encenação, com funcionários da FEA, de um texto de História da Contabilidade, que ele havia escrito. Outro contabilista, Prof. Fábio Frezatti, tem prestigiado nossas atividades na *Casa da Cultura Carlos e Diva Pinho,* no Pacaembu (Rua Almirante Pereira Guimarães, 314).

Na USP, cursei também a tradicional ***Faculdade de Direito***, *as famosas Arcadas do Largo de São Francisco,* e concluí meu curso em 1954, *Ano do 4º Centenário da Cidade de São Paulo.* E assim, passei do heterodoxo *Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP* para um ambiente ortodoxo, então integrado no *mainstream político e* marcado por tradição - a *Faculdade de Direito-USP n*as famosas Arcadas - tradicional até no conjunto arquitetônico em que funciona no Largo de São Francisco, na Capital paulista.

Foi fundada em 1827 por D.Pedro I, *para ser o pilar fundamental do Império, isto é, formar governantes e administradores públicos capazes de estruturar e conduzir o País recém-emancipado.* Aliás, somente em 1946, mais de cem anos depois, é que seria criada a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, FCEA-USP, embora prevista no mesmo decreto que criou a Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Barão do Rio Branco é ainda o mais destacado exemplo do amor que a tradicional Instituição desperta em seus professores e alunos:

> ***"Não posso dissimular a emoção que experimento ao achar-me após tão longa ausência no recinto desta Faculdade que foi minha Alma Mater, o lugar em que verdadeiramente aprendi as regras do Direito e do Dever".***

E assim, foi nas Arcadas que aumentou meu interesse pelas interações da ***Economia*** (*que administra recursos escassos para satisfação das necessidades humanas) e* as múltiplas áreas do ***Direito***, cuja característica básica é a *organização da ordem social.*

O campo do Direito sempre representou um *mercado profissional aberto*, pois além das áreas tradicionais (Civil, Constitucional, Penal, Comercial, Trabalho, Processual....), continuamente surgem outras relacionadas a Direitos Humanos (*Human Rights, Droit de l'Homme*), inovações tecnológicas ou a recentes avanços socioeconômicos, políticos e culturais de nossa época, tais como Direito da Criança e do Idoso, Direito da Regulação Ambiental, Direito da Tecnologia da Informação, Direito da Inovação, Contencioso Empresarial, Tutela Jurisdicional dos Interesses Transindividuais...

Entre as mais recentes interações de Economia e Direito está a criação de **Agências Reguladoras** – que sinalizam o aumento da delegação de serviços públicos estatais à atividade privada, sobretudo por meio de **Terceirizações**. Aliás, o Brasil segue a tendência mundial de implantação de um novo modelo estatal mediador e regulador, em detrimento do monopólio estatal que caracteriza o intervencionismo do Estado. Daí o aumento de ***Autorizações***, ***Terceirizações*** e outras *formas de retirada* ***total*** *do Estado* da área de serviços públicos.

Nas Arcadas, fui aluna de notáveis professores, entre os quais destaco Miguel Reale (Filosofia do Direito), Basileu Garcia (Direito Penal), Waldemar Ferreira (Direito Comercial), Antônio Ferreira Cesarino Júnior (e seus vários Assistentes incumbidos da prática de Direito do Trabalho), além de Alexandre Correa, de Direito Romano, famoso por sua grande erudição e exigências proporcionais...

Na **carreira acadêmica** submeti-me a todos os ***concursos de títulos e provas*** exigidos pela USP para a obtenção dos títulos de Doutor, Livre Docente, Professor Associado e Professor Titular. E, então, defendi três teses – de doutoramento, livre docência e professor Titular.

Comecei na FFCL-USP, em 1962, com a ***tese de doutoramento*** – "Cooperativas e desenvolvimento econômico do Brasil", orientada pelo Prof. Dr. Paul Hugon, e examinada por uma Banca por ele presidida e composta de mais quatro membros, entre os quais o sociólogo Florestan Fernandes e o filósofo João Cruz Costa.

Em 1964, ainda na FFCL-USP, submeti-me à maratona que caracterizava o ***Concurso para Professor Livre Docente***: prova escrita, prova oral de erudição, avaliação didática, plano de pesquisa, arguição e julgamento do Memorial (previamente

entregue), e defesa da tese apresentada – Planejamento Regional e Cooperativismo.

Devido a minha transferência *ex-officio* para a FEA-USP, pela Reforma Universitária de 1970, como já mencionado, submeti-me nesta Faculdade ao "Concurso de Títulos para ***Professora Associada***" em 1972, que consistia em julgamento de Memorial e documentos comprobatórios da produção científica após o Concurso de Livre Docência. E mais tarde, também na FEA, prestei concurso para ***Professora Titular*** nos termos da Reforma Universitária de 1970, que extinguira as cátedras e, pouco depois, eliminou a exigência de apresentação de tese original. Mas o então Diretor da FEA, Prof. Dr. José Francisco de Camargo, já havia informado o corpo docente de que "ele" continuaria a "exigir" tal prova. Achei prudente não *polemizar com o Diretor*, já que – enfim – eu tinha um longo *know how*... e facilmente redigiria minha derradeira tese. E então, preparei a tese ***Economia e Cooperativismo***, na qual fiz grande esforço de teorização econômica no campo cooperativo (em 1977, publicada pela Editora Saraiva).

E mais tarde, dando um balanço nos fatos, cheguei à conclusão de que a apresentação de tese escrita foi muito importante porque *delimitou o campo de debates* (ou de *combate*...), já que a alternativa era a *discussão aberta* de um longo programa de 4 anos dos *Cursos de Graduação em Economia* – que incluía desde as noções introdutórias à evolução do pensamento econômico, das teorias microeconômicas às teorias macroeconômicas, da população, emprego e distribuição de renda ao desenvolvimento econômico e às várias estratégias desenvolvimentistas, além da economia monetária, do comércio internacional, da metodologia da ciência econômica, da economia regional e urbana, da economia do meio ambiente e seus problemas de recursos não renováveis, bens comuns, poluição... etc... etc...

Posteriormente, a preocupação com a atualização do conhecimento econômico e com a inclusão das novas teorias econômicas, reapareceria em nossas publicações didáticas, com destaque para o *Manual de Economia de uma equipe de professores da USP*, que organizamos juntamente com os colegas Marco Antônio S. de Vasconcellos e Rudinei Toledo Jr – Manual publicado pela Ed. Saraiva, já na 7ª. Edição, e considerado importante "carro chefe" de vendas...

O Cooperativismo em minha carreira docente

Aos poucos, desenvolvi e aprofundei o tema Cooperativismo, publiquei várias pesquisas, lecionei em cursos regulares do Collège Coopératif de Paris, a convite de seu Diretor, o famoso intelectual cooperativista Henri Desroche (Universidade de Paris), e lecionei também no Departamento da América Latina da Universidade de Münster (Alemanha); dirigi o Comitê de Gênero em Cooperativas Brasileiras durante a gestão Dejandir Dalpasquale, na OCB (Organização das Cooperativas Brasileiras), em Brasília, e na gestão de Roberto Rodrigues na Aliança Cooperativa Internacional (ACI, em Genebra, Suíça) quando fui responsável pelo Comitê do Gênero em Cooperativas – homens e mulheres compartilhando igualdade e responsabilidades (título de minha publicação bilíngue pela OBC/Secoop, em 2000). Também organizei e lecionei a disciplina

Prof. Dr. Sigismundo Bialoskorki Neto, diretor da FEA-Ribeirão e líderes cooperativistas brasileiros.

Cooperativismo em Cursos de Graduação, Pós-Graduação e de Extensão Universitária da USP: tanto na FFCL como na FEA, e também em Faculdades e Organizações cooperativas de países latino-americanos (Argentina, Uruguai, Venezuela, Peru), africanos (Moçambique, Angola, Senegal, Argélia), Canadá francês (Québec, Montreal, Cooperativas Desjardins). Então, quando me candidatei ao Concurso de Professor Titular da FEA-USP, *eu não ousei indicar a área de Cooperativismo* em minha inscrição. Propus outras três áreas para avaliação da Diretoria e da Congregação da FEA: Microeconomia, História do Pensamento Econômico ou Sociologia Econômica. Entretanto, o *Parecer* que o Relator Prof. Laerte de Almeida Morais encaminhou à Congregação mudou completamente a questão: indicou a "disciplina *Cooperativismo, criada e desenvolvida com sucesso pela candi*

data..." – Parecer então aceito pelo então Diretor - José Francisco de Camargo - e pela Congregação da FEA-USP.

Lecionei várias disciplinas nos Cursos de Graduação e de Pós-Graduação da FFCL/USP e da FEA/USP, com destaque para História do Pensamento Econômico, Sistemas Econômicos Comparados, e algumas *disciplinas eletivas* - que mudava periodicamente, para relacioná-las a minhas pesquisas em andamento na ocasião, como, por exemplo, Mercado de Arte, *Economia da Arte* ou diferentes enfoques do Cooperativismo – econômico, teórico, doutrinário, sistêmico, ou, ainda, o papel das Cooperativas no Agronegócio, na organização do Trabalho ou no Sistema Financeiro de Crédito do Brasil.

Prof. Dr. Sigismundo Bialoskorki Neto (FEA-USP) e Dr. Américo Utumi (OCB).

Em 2009, a Congregação da FEA-USP outorgou-me o título de ***Professora Emérita*** - a maior honraria atual concedida excepcionalmente pela *Comunidade Acadêmica* a *professores aposentados* como reconhecimento de sua relevante atuação no ensino, pesquisa e serviços à comunidade. Aliás, em 65 anos a FEA concedeu aquele título a apenas cinco professores aposentados no último degrau da carreira docente... Em minhas memórias uspianas, destaco o período de 1955-64 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, então chamada carinhosamente de *Faculdade da Maria Antônia,* devido a seu importante papel educativo, intelectual e político até 1968. Neste ano, entretanto, a Reforma Universitária dividiu-a em Institutos vários e dispersou-os na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira... *Dividir para governar – um lema getuliano que criara escola...*

Lançamento deste trabalho: a partir das 18:oo horas do dia 11/agosto/2015 - data comemorativa da fundação de nossa ***Casa da Cultura Carlos e Diva Pinho***, no bairro do Pacaembu (veja www.funcadi.com.br), cujos fundadores compõem a primeira Diretoria assim constituída: sou a Diretora-Presidente e conto com a competência e iniciativa da Diretora-Vice-Presidente, Profa. Lara de Medeiros Brum e do Diretor Jurídico, advogado Plínio Rangel Pestana.

São Paulo, 15 de agosto de 2015
Diva Benevides Pinho

O TEMPO REVISITADO

Costuma-se dizer popularmente que *o tempo passa... e não volta mais...* Tal é, por exemplo, o lamento do poeta gaúcho Mário Quintana[1]– *"O tempo não pára! Só a saudade é que faz as coisas pararem no tempo".*

Aliás, ***o tempo*** tem preocupado artistas, filósofos, psicólogos, historiadores e estudiosos das mais diferentes culturas. E entre todos eles, sem dúvida, o grande destaque é o francês Proust (Valentin Louis Georges Eugène Marcel, 1871-1922), famoso por seu extenso romance *de busca do tempo perdido* - À La *Recherche Du Temps Perdu* - sete volumes escritos entre 1906 e 1922, e publicados de 1913 a 1927. O próprio Proust comparou sua extensa obra a uma catedral gótica que, vista de baixo, parece estender-se para cima infinitamente. Já o crítico norte-americano Edmund Wilson considerou-a uma sinfonia, e Harold Bloom observou que Proust desafiou o talento shakespeariano de representar personagens, já que nenhum romancista do século XX conseguiu sequer igualar seu imenso rol de atores.

---

[1] Tradutor dos 4 primeiros volumes da grande obra do romancista e filósofo francês Marcel Proust – À La Recherche Du Temps Perdu. A tradução do vol.5 é de Manuel Bandeira e Lourdes Souza de Alencar; do vol. 6 é de Carlos Drummond de Andrade; o vol. 7, de Lúcia Miguel Pereira. Outra tradução brasileira mais recente, do poeta Fernando Py, com base na edição francesa definitiva da Gallimard, de 1987, foi lançada em 1992 em três volumes pela Ediouro.

Vale a pena destacar inicialmente três pontos interessantes: (1) a definição final do título da obra de Proust; (2) a metodologia utilizada por Proust na elaboração de sua vasta obra e (3) as dificuldades que Proust enfrentou para a publicação de seus sete volumes, cujos custos tiveram de ser assumidos por ele mesmo - que era rico... situação excepcional se comparada com a grande maioria dos intelectuais e artistas de todos os países, inclusive a própria França).

Quanto ao título *Em busca do Tempo Perdido,* Proust referiu-se diversas vezes a ele usando adjetivos de "infeliz" (1914), "enganoso" (1915) e "feio" (1917), mas reconheceu que aquela denominação indicava claramente o tema central do romance: ***a busca das causas da dissipação e da perda do tempo*** ou *uma história prática e universalmente aplicável sobre como parar de desperdiçar a própria vida e começar a apreciá-la.* Estava muito claro para Proust que não se tratava de um livro de *memórias,* nem do percurso de um caminho pessoal "rumo a uma fase etária mais lírica".

Quando começou a procurar editora para publicar seu romance, ainda inacabado, mas já com cerca de 700 páginas datilografadas, Proust o chamou *Le Temps Perdu. Logo depois referiu-se a ele como um díptico – Temps perdu, Temps retrouvé.*

Quanto à ***metodologia do romance***, Proust projetou o início e o fim de sua obra a partir de 1909, e imediatamente escreveu o 1º capítulo do volume 1 e o capítulo final do volume 7 (ou último volume). E então passou a escrever t*oda a parte central ou o núcleo denso do romance.* E foi assim que Proust conseguiu manter a unidade e a coerência *entre as partes de sua obra*, apesar da fantástica extensão, do séquito de personagens (25 principais e uma miríade de secundários e coadjuvantes) e dos cinco cenários diferentes, além dos *longos diálogos com frases complexas e extensas - algumas delas ocupando uma página inteira... Assim, por exemplo, em um período com 13 orações, 12 delas subordinadas à primeira, Proust consegue exibir todas as facetas de dois personagens, Swann e Odette, que se encontram e terão, juntos, um futuro que já pode ser captado nessa primeira leitura.* É que cada frase de Proust consegue criar a noção de um tempo contínuo, de um tempo vivido a cada momento, mas um só dado novo pode apresentar outras perspectivas.

Então, tal como em um romance policial, cada pormenor pode se tornar uma pista para o entendimento do restante...

Outra peculiaridade de Proust são os vários cenários onde se desenvolvem as ações de seus personagens: a aldeia de Combray, Paris, Balbec, Doncières e Veneza. Aliás, nas primeiras 200 páginas do romance, Proust destaca Combray, sua vila imaginária de cerca de 350 mil habitantes – que na realidade é Illiers, do Departamento Eure-et-Loire e hoje denominada Illiers-Combray, em homenagem a Proust. É lá que estão as raízes de Proust e da cultura francesa.

É em **Paris**, aliás, onde quase todo o romance de Proust se desenvolve: primeiramente nos jardins dos Champs-Élysées, onde surge **Gilberte Swann**, e depois no apartamento da Família, junto ao duque e à duquesa de Guermantes. Em Paris, especialmente, Proust vai se inspirar nos Salões frequentados por nobres e burgueses.

A narrativa de Proust tende sempre à **plenitude da existência**, e ele esgota todas as perspectivas possíveis sobre o ***Tempo*** e a ***Memória***. Mas volta ao passado em ***O Tempo Recuperado***, vol. 7, por meio de lembranças provocadas pelo *paladar*,

FFCL–USP – Carlos Marques Pinho,Turma formandos de 1945

cheiros e sons, a fim de salientar *como* a "memória involuntária" permeia nossas recordações. E apesar do gigantismo de sua obra literária, consegue manter o foco principal de dissecar as relações do homem com o ***tempo*** e a ***memória***...

Mas não é sem razão que o dramaturgo irlandês **Samuel Becket** (prêmio Nobel de Literatura em 1969) observa que ler Proust é um exercício existencial devido a seu *estilo cansativo*... Em seguida, ameniza sua observação, afirmando que tal leitura ***não cansa a mente***... mas apenas indica ao leitor as pistas que orientarão o ritmo da narrativa... Assim, por exemplo, no primeiro volume - A Caminho de Swann - a questão sobre quem estava com Odette na tarde em que ela não atendeu à porta, vira o eixo da vida de Swann. Quanto aos ***custos da publicação de sua extensa obra,*** vê-se que a peregrinação de Proust em busca de Editora e as dificuldades enfrentadas são problemas recorrentes que até hoje se repetem... Três editoras francesas recusaram seu romance, inclusive a renomada Gallimard, cujo editor era o famoso intelectual André Gide. Finalmente, Bernard Grasset aceitou publicar a obra, mas *às expensas do autor...*

Entretanto, no momento em que *seu romance* passou a ser aplaudido por intelectuais e críticos do mundo Ocidental, apenas as primeiras páginas *manuscritas* de *Du Coté de chez Swann,* com correções do próprio Autor, foram arrematadas por 663.750 libras em Leilão da famosa Christie's de Londres, em julho de 2000...

Atualmente, o trabalho de Proust ocupa o sexto lugar entre os 100 livros essenciais da literatura mundial, com mais de 4 mil páginas distribuídas em sete partes, cujos longos e complexos diálogos envolvem uma multidão de personagens, expõem as profundezas da alma humana... e até a insegurança de um romancista que se considerava incapaz de escrever... No último volume, entretanto, Proust descobre o sentido da vida na arte e na literatura...

Realmente, esse monumental trabalho semiautobiográfico é muito mais do que "lembranças do um narrador"; é um conjunto de reflexões sobre a *literatura, a memória e o tempo.* E atualmente, desperta especial atenção dos estudiosos de ***neurociência***, principalmente devido à atualidade do interesse científico pela importância da ***memória involuntária*** no ***reencontro do tempo que passou.***

Tornou-se popular o famoso exemplo de Proust, logo no primeiro volume de sua série: ao comer um pouco de *madeleine* mergulhada em chá, suas reminiscências foram ativadas pela memória involuntária... De repente, toda Combray ressurgiu com seus jardins e arredores... *E assim, o artesão Proust usava a escrita como uma espécie de rede para colher as lembranças nas águas profundas da memória e salvá-las da dispersão do "eu" no tempo perdido.*

Em 1914, Proust disse em **entrevista**: "Minha obra é dominada pela distinção entre a ***memória involuntária*** e a ***memória voluntária***. Esta, para mim, é sobretudo uma memória da inteligência e dos olhos, e não nos dá do passado senão faces sem verdade; mas um aroma, um sabor reencontrados, em diferentes circunstâncias, revela-nos o passado, mesmo contra a nossa vontade; sentimos como esse passado era diferente do que acreditávamos recordar, e que nossa memória voluntária o pintava, como os maus pintores, com cores sem verdade" (...).

No último volume, Proust resume todo o seu plano ao tratar do *Temps Retrouvé,* verbo que pode ser entendido como tempo reencontrado, recuperado ou

revisitado. É que para Proust, "***o eu não é um dado imóvel, pois se transforma sem cessar...***" E assim, o *tempo que passa* não se perde. E*sse tempo precioso,* explica Proust*, não pode ser vivido no presente porque aconteceu no passado, mas continua vivo em um dia ou em um fato do passado.* É, então*, um tempo virtual* que pode ser reencontrado *em uma descida ao inconsciente pela lembrança.* E isto fica claro em outra explicação de Proust: *o homem se vê menino na lembrança do narrador, mas continua sendo um homem adulto. É por causa das sensações e associações da reminiscência que ele se vê menino, embora continue a ser fisicamente um homem adulto.*

O pesquisador Jonah Lehrer, no Prefácio de seu livro intitulado *Proust foi um neurocientista* (Editora BestSeller, Grupo Record), conta que costumava levar o livro *Em Busca do tempo Perdido* para o laboratório, a fim de ler trechos nos momentos de espera entre suas experiências sobre a memória. Percebeu, então, que muitas das ideias de Proust, de mais de um século, são extremamente atuais, e só agora estão sendo "provadas" ou "aceitas" pela própria ciência. Então, decidiu começar uma investigação sobre o assunto e escreveu um interessante livro mostrando que Proust e outros artistas de diferentes áreas já apresentavam conceitos atuais, hoje considerados lugar-comum pela ciência, e que surgiram ou foram *anunciados/ enunciados* ao mundo em primeiro lugar por artistas, mas de forma intuitiva. Apenas em um segundo momento é que tiveram aceitação da ciência e receberam sua "comprovação"...

A ***memória involuntária***, insiste Proust, apossa-se do indivíduo arbitrariamente e possibilita um processo de reconstrução do passado no presente, mas não anula as distâncias temporais entre ambos. É um *tempo que não pode ser vivido no presente porque aconteceu no passado, mas pode chegar ao consciente pela lembrança...*

E assim popularizou-se a explicação proustiana cujas raízes encontram-se no filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso*: tudo muda e nada permanece, pois estamos em constante evolução. E, por isto, não conseguimos passar duas vezes pelo mesmo rio, porque seu fluxo de água já se modificou e porque nós já não somos os mesmos... Sofremos a infalível marcha do tempo. Daí, a conclusão de Proust: a psicologia não é estática, mas sim evolutiva e* ***o eu transforma-se sem cessar...***

Carlos e Diva Pinho – professores de Economia Brasileira – Collége Copératit dirigido pelo Prof. Henri Desroche, (Paris, 1945)

COMO TUDO COMEÇOU...

A sabedoria não se transmite,
é uma maneira de ver as coisas.
Proust

USP - MINHA GRANDE META

O sonho de continuar os estudos após a conclusão do Curso Clássico no Colégio Estadual de São João da Boa Vista (Estado de São Paulo): as únicas opções eram a Pontifícia Universidade Católica (PUC), em Campinas (instituição privada) e a Universidade de São Paulo (USP), na Capital paulista (instituição pública gra-

tuita, muito disputada)... Surgiria muito mais tarde a grande multiplicação de Faculdades particulares, tanto na Capital como no interior do Estado de São Paulo.

Daí, a grande aventura de vir para São Paulo *enfrentar* o exame vestibular da USP, sem cursinho preparatório... que, na ocasião, só havia na Capital paulista. Mas era estimulada por meus pais (sobretudo pelo entusiasmo de minha mãe, que concretizaria em mim seu frustrado desejo de "estudar em Faculdade") e, também, pela presença no Ginásio estadual de competentes jovens professores com *licenciatura* da USP (curso superior + 1 ano de Curso de Didática), então recém-nomeados pelo Governo do Estado de São Paulo para lecionar Filosofia, Espanhol e Grego no Curso Clássico do Colégio Estadual de São João da Boa Vista...

Em São João da Boa Vista eu havia cursado o então pré-acadêmico Curso Clássico do Colégio Estadual, depois de ter completado a 5ª. série no Ginásio Estadual de Mococa, e as quatro séries anteriores no Ginásio Municipal de Cajuru.

A Capital Paulista em 1945.

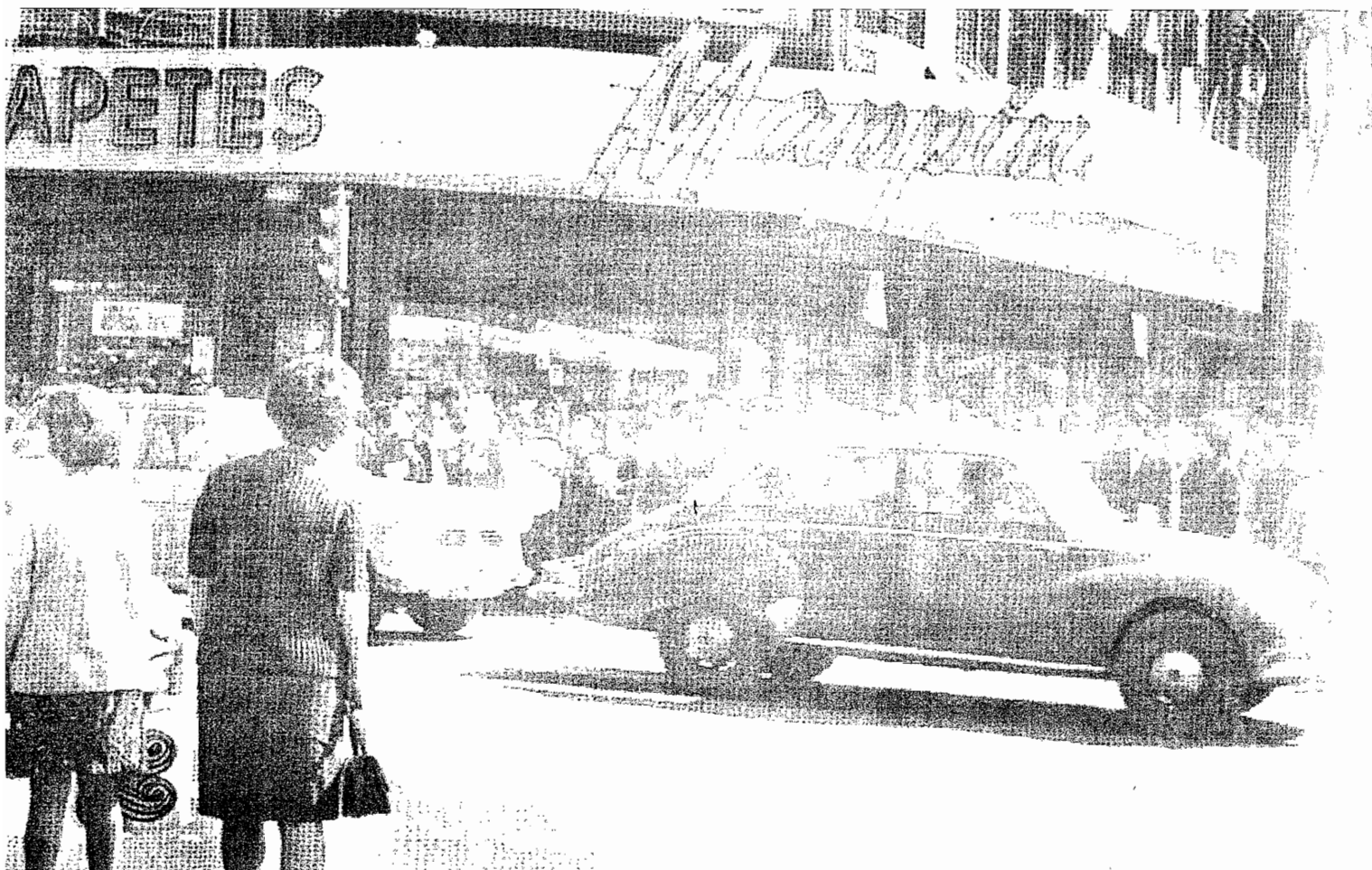
Para continuar meus estudos da área de Humanidades, só havia duas opções – a PUC em Campinas, e a USP na Capital de São Paulo. No chamado "interior" de São Paulo, ainda não havia Faculdades públicas municipais, estaduais ou federais, nem Faculdades particulares, nem *cursinhos preparatórios* para vestibulares em Faculdades que funcionavam apenas na Capital...

E que representavam um novo modelo de *jovens docentes de disciplinas tão instigantes quanto desconhecidas dos alunos... Todos formados pela USP... versus* tradicio nais mestres autodidatas, em geral sisudos advogados, juízes e médicos... Então, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP surgia como incentivo especial para alunos em busca da definição de uma carreira profissional...

Lembro-me do emocionante momento em que li e reli várias vezes para confirmar - para ter certeza! – o meu nome na *lista de Aprovação do Exame Vestibular* do Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo), em 1945. Lista anunciada para o período

da tarde, mas já de manhã aflitos vestibulandos começavam a se aglomerar diante do *Quadro de Avisos* no corredor do último andar da Escola Normal Caetano de Campos, onde a FFCL estava provisoriamente "hospedada".

Naquela época não existia a FUVEST (Fundação Universitária para o Vestibular), que agora seleciona os candidatos inscritos para cursar a USP. Os exames de seleção dos ingressantes eram de responsabilidade dos catedráticos e assistentes designados pela

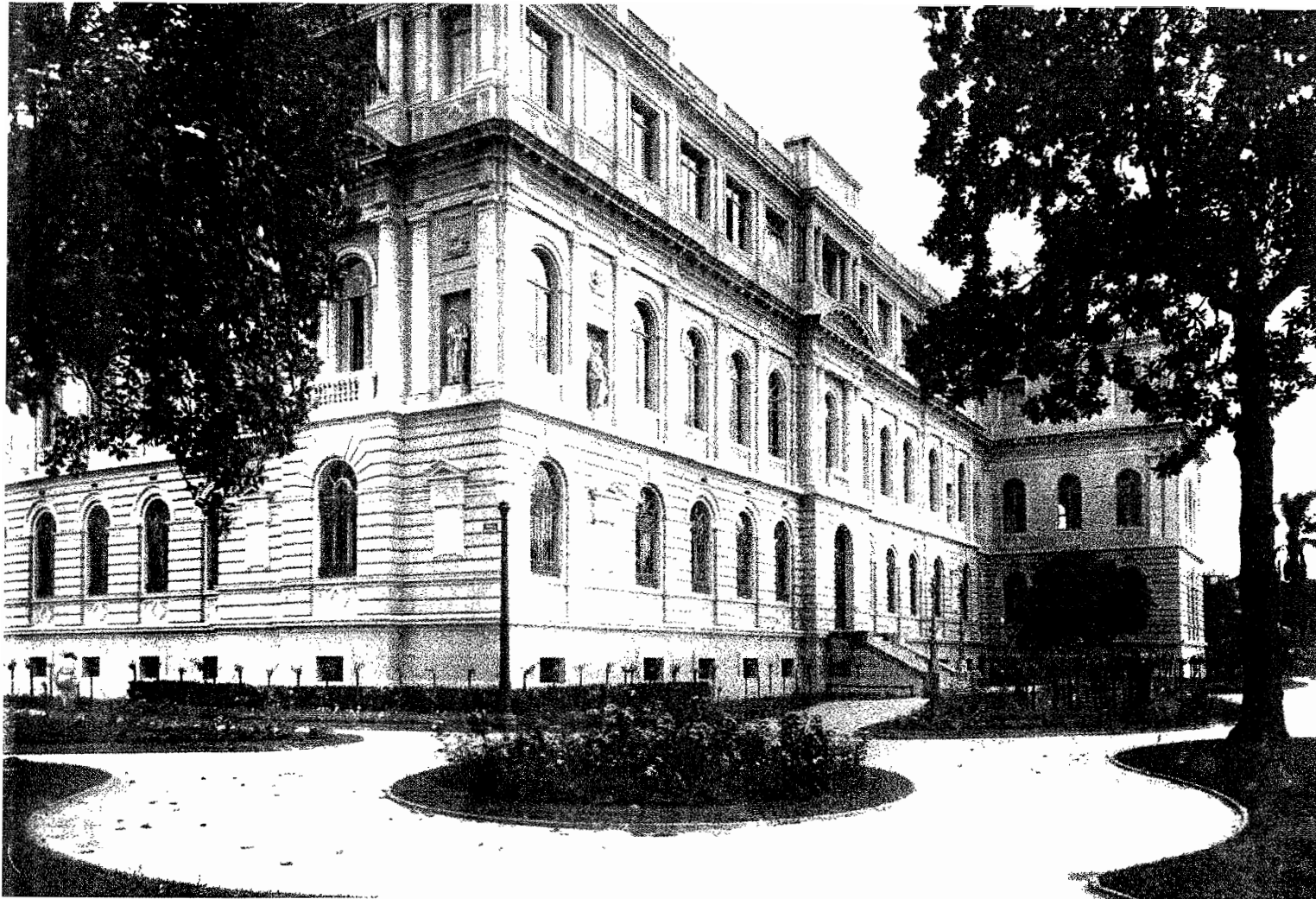
Congregação da FFCL-USP. Também não havia o INCLUSP (programa para aumentar o acesso e a permanência na USP de estudantes de escola pública), nem outros programas como o PASUSP, de Avaliação Seriada. Aliás, a própria USP – a primeira Universidade fundada no Brasil – estava apenas começando. Hoje a USP é um complexo de "Campi em São Paulo (4), Bauru, Piracicaba, Pirassununga, Lorena, Ribeirão Preto e São Carlos (2) –cf. quadro A USP em números (2014).

A USP em números (2014)

Campi: São Paulo (4), Bauru, Piracicaba, Pirassununga, Lorena, Ribeirão Preto e São Carlos (2)	
Área edificada (aproximadamente)	**1.914.611 m2**
Unidades e outros órgãos	
Ensino e pesquisa	42
Órgãos centrais de direção e serviço	31
Institutos especializados	6
Hospitais e serviços anexos	4
Museus	4
Alunos matriculados	**92.792**
Graduação (1o. Semestre)	58.204
Pós-Graduação	29.547
Mestrado	14.149
Doutorado	15.398
Especiais	5.041
Homens (51,63%)	47.909
Mulheres (48,37%)	44.883
Docentes	
Homens (62,13%)	3.733
Mulheres (37,87%)	2.275
Técnicos-administrativos	**17.450**
Homens (51,23%)	8.940
Mulheres (48,77%)	8.510
Nível: Superior (23,92%)	4.174
Nível: Técnico (46,44%)	8.104
Nível: Básico (29,51%)	5.149
Nível: Outros (0,14%)	24
Produção Científica	25.653
No Brasil	15.740
No exterior	9.913
Trabalhos publicados e indexados (ISI-USA)	16.013
Editora da USP (obras publicadas)	48
Jornal da USP (exemplares)	680.000
Espaço Aberto (edições eletrônicas)	11
Revista USP (exemplares)	4.000
Atividades culturais e de extensão	
Cursos extracurriculares	1.067
Participantes	31.004
Museus (visitantes)	1.071.531
Museu Paulista (Museu do Ipiranga) com Museu Republicano Convenção de Itu (MRCI)	281.192
Museu de Arte Contemporânea (MAC)	607.723
Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE)	46.622
Museu de Zoologia (MZ)	135.994
Estação Ciência (público)	1.325.930
Centro Universitário Maria Antonia (público)	591.765
Cinema da USP (público)	22.698
Orquestra da USP (público)	24.953
Centro de Difusão Científica e Cultural (visitantes)	75.873

Fonte: USP em números 2014

CUASO – CIDADE UNIVERSITÁRIA ARMANDO DE SALLES OLIVEIRA – UM DESCAMPADO

Em 1945, tanto a FFCL quanto a USP, ambas criadas pelo mesmo Decreto 6.283, de 25/01/1934, ainda continuavam sem sede própria. Parecia um sonho distante a edificação de um centro avançado de ensino, pesquisa e prestação de serviços à comunidade no *campus* da antiga Fazenda Butantã – uma área de mais de oito milhões de metros quadrados doada à USP por Armando de Salles Oliveira, Interventor do Estado de São Paulo.

Desde 1934, o campus da USP era um descampado, com ruas apenas traçadas e somente um edifício simples, que seria ocupado por Gleb Wataghin para experiências de física nuclear - *contaria o Prof. Miguel Reale em suas Memórias.*

A FFCL ficou uns tempos "hospedada" na então Escola Normal Caetano de Campos - Praça da República. Depois foi transferida para a Rua Maria Antonia (Vila Buarque e em 1968 passou para a CUASO (Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira) - então fragmentada em cerca de oito institutos e as faculdade de Educação e FFLCH (conhecida como fefeleche)

CUASO – Embora prevista em projeto da década de 1930, a construção da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira foi adiada várias vezes por falta de verba. Somente em 1968, dois fatos aceleraram suas construções: (1) o plano do Regime Militar após o AI-5, que objetivava afastar os movimentos estudantis do centro das grandes metrópoles; (2) a urgente necessidade de alojar na CUASO as novas Faculdades e Institutos resultantes da intensa fragmentação de FFCL (até então sediada na Rua Maria Antônia e em alguns outros pontos centrais da Capital).

E foi assim que a CUASO surgiu como um campus predominantemente de ensino e não de moradias como, por exemplo, a Cité Internationale Universitaire de Paris: abriga Faculdades, Institutos, órgãos administrativos da USP (Reitoria, Pró-Reitorias e demais serviços da administração), além de Museus, outros serviços culturais e dois Hospitais – Hospital Universitário e Hospital Veterinário.

CUASO é muito diferente, por exemplo, da conhecida *Cité Universitaire de Paris (CIUP),* localizada *no* Boulevard Jourdan, que aloja estudantes e pesquisadores de 140 nacionalidades diferentes em 40 *Maisons* (inclusive a Maison du Brésil), construídas em terreno cedido pela municipalidade parisiense, mas com administração e normas próprias, segundo a cultura do país conveniado. A CIUP é uma instituição privada de utilidade pública, de propriedade das universidades

CUASO – Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira - São Paulo 2014.

parisienses, que mantém convênios de moradias com as *Maisons*, para receber estudantes estrangeiros. Entre 1923 e 1969, foram construídas 40 Maisons, que abrigam anualmente mais de 10 mil estudantes e pesquisadores de cerca de 140 nacionalidades. Tudo é pago na CIUP – moradia, alimentação, lavanderia, uso do salão de ginástica etc.

A USP, entretanto, apenas excepcionalmente oferece um número limitado de alojamentos gratuitos para alunos de baixa renda, provenientes de outras localidades do país: o **Conjunto Residencial da USP (CRUSP), com** sete blocos - dois blocos para alunos da Pós-Graduação e cinco blocos para alunos de Graduação; os apartamentos têm dois ou três quartos e um banheiro; há também uma cozinha coletiva para todos os apartamentos em cada bloco.

E como a demanda é muito maior do que a oferta, os candidatos são selecionados de acordo com critérios socioeconômicos (cf. site da COSEAS <www.usp.br/coseas>). O total de vagas, porém, depende da saída de moradores por motivo de conclusão do curso ou mudança para outro local.

Não foram transferidas para a CUASO, entretanto, duas antigas e tradicionais Faculdades incorporadas à USP em 1934: a Faculdade de Direito, criada em 1827 por D. Pedro I, com funcionamento no Largo de São Francisco (Centro de São Paulo), e a Faculdade de Medicina, instalada desde 1944 no importante complexo *Hospital das Clínicas*, na Avenida Dr. Arnaldo (Bairro Cerqueira Cesar).

Em síntese, a CUASO surgiu sem planejamento global e sem considerar as características de uma *cidade universitária* ou de um *parque*. Comenta-se que predominou a inicial orientação *historicista* e a intenção de um *urbanismo funcionalista.* E a predominância de espaços parecidos a *superquadras* indica que a construção dos edifícios teria seguido a lógica de movimentos e escolas típicas da arquitetu-

Professores contratados na Alemanha, Itália, França e Portugal - para a FFCL-USP (em pé), diretor de O Estado de São Paulo (em pé) e autoridades da USP (sentados).

ra do século XX. Critica-se que os arquitetos da USP buscaram um ideal de cidade diferente da realidade da Capital paulista, mas só conseguiram erguer um bairro isolado dentro de São Paulo, com poucas ligações com a Capital que o rodeia...

De fato, até agora a CUASO conta com poucas linhas especiais de ônibus urbanos e de metrô (este só chega até à parte externa). A solução individualista do automóvel, além de agravar a poluição ambiental do Bairro Butantã, provoca fantástico congestionamento diário, já que atende quase 100 mil *estudantes* (dos cursos diurno e noturno, que frequentam as Faculdades, Institutos, museus, fundações, centros acadêmicos, poliesportivos, culturais, recreativos e outros), *centenas de funcionários* que trabalham na estrutura administrativa da USP e das demais instituições que lá funcionam. Há também a circulação de moradores do Conjunto Residencial (CRUSP), do pessoal atendido nos dois Hospitais (Universitário e Veterinário), participantes do Coral-USP, da Orquestra-USP, etc.... etc.

Nas horas de *rush,* é muito difícil a circulação nas avenidas e ruas de acesso às entradas principais da CUASO, principalmente nas Avenidas Rebouças, Corifeu de Azevedo Marques e na Praça Panamericana.... De fato, o *campus* é meio isolado em relação ao seu próprio entorno e à Capital, tanto pela limitação do transporte público disponível, quanto por seus únicos três "portões"... Os próprios alunos e funcionários que moram nas proximidades acabaram "criando" alguns atalhos para *entrada de pedestres...*

Outra peculiaridade: as Faculdades e Institutos ocupam edifícios afastados uns dos outros, e seu isolamento é marcado por cercas vivas, muros e portões especiais. Cada Unidade, todavia, conta com grandes bolsões de estacionamento e espaços livres, cobertos por vegetação. No conjunto, a CUASO é uma bela e agradável Cidade Universitária, cujas ruas arborizadas e espaços gramados recebem, aos domingos e feriados, um grande número de esportistas e de visitantes.

A Contratação de Professores na Europa Ocidental

Após o decreto estadual que criou a Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o grupo de fundadores decidiu convidar eminentes professores europeus para a implantação do ensino e da pesquisa dos novos cursos criados. O matemático brasileiro Teodoro Ramos ficou incumbido de fazer os convites porque convivera com a comunidade científica europeia durante os vários anos de trabalho na Sorbonne, em Paris.

A ocasião era especialmente propícia porque na Europa Ocidental já se pressentia um clima de pré-mobilização de guerra e de crescente oposição ao comunismo e ao judaísmo. O Partido Nazista de Adolf Hitler e o Partido Fascista de Benito Mussolini beneficiavam-se das consequências da depressão econômica, política e social decorrentes da derrota no fim da 1ª. Grande Guerra (1918) e, depois, da crise internacional de 1929, que começara nos USA. O momento era particularmente oportuno para trazer à FFCL-USP professores de alto nível nas áreas de ciências

humanas, ciências da natureza e matemática, e que desejavam sair do ambiente de pré-guerra da Europa.

Teodoro Ramos foi primeiramente a Roma convidar Enrico Fermi para dirigir a área de física, mas o professor italiano estava ocupado com experimentos que se tornariam famosos – e recomendou Gleb Wataghin, da Universidade de Turim, que aceitou o convite.

Um balanço retrospectivo de seu discípulo, prof. Salmeron, indica como seria difícil encontrar alguém mais adequado que o Prof. Wataghin para implantar os estudos de física em São Paulo, não somente por sua notável estatura científica, mas também por suas qualidades humanas. Aponta Salmeron as dificuldades de todos os tipos - humanas, culturais, administrativas e financeiras - que Wataghin encontrou, na Universidade de São Paulo, para implantar pesquisas de física em um país sem tradição. Mas ele soube resolver tais dificuldades com energia, sabedoria e tato, sempre sorridente. Interessava-se pelas coisas e pelas pessoas, era apaixonado pela ciência, pela profissão de professor, e estava sempre disponível para longos diálogos com os estudantes.

Gleb Wataghin e outros professores europeus iniciaram o programa de encaminhamento de jovens estudantes brasileiros para grandes centros universitários europeus, a fim de adquirirem experiência com eminentes mestres e pesquisadores. Depois de 16 anos de trabalho na USP, Gleb Wataghin retornou à Universidade de Turim, na Itália, onde realizou belíssimo trabalho teórico e experimental com jovens físicos, em uma «época de ouro» da física de partículas feitas com raios cósmicos – trabalho mais tarde realizado com aceleradores.

A Capital paulista em 1945

Em 1945, quando cheguei em São Paulo para prestar o Vestibular do Curso de Ciências Sociais, na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a Capital paulista era muito diferente da megalópole de

hoje - uma das cidades mais populosas do mundo, atualmente com cerca de 12 milhões de habitantes apenas no perímetro da Capital e 21 milhões em sua área metropolitana...

A São Paulo que então conheci tinha “somente” 1 milhão e meio de habitantes... Mas seu burburinho de bondes e ônibus já era suficiente para “atemorizar” quem veio de uma pequena e calma cidade paulista de cerca de 30 mil habitantes... Eu guardaria aquele *barulho urbano* associado a temor do desconhecido... e pagaria caro pela insonorização de meu apartamento em Higienópolis, já que o barulho de SAMPA aumentaria com seu fantástico crescimento – hoje macrometrópole e polo de prósperas cidades produtoras de bens e serviços.

Macrometrópole Paulista ou Complexo Metropolitano Expandido – a macro concentração urbana que ultrapassa 32 milhões de habitantes ou mais de 75% da população de todo o Estado de São Paulo, se consideradas as regiões metropolitanas de Campinas, da Baixada Santista, do Vale do Paraíba, de Sorocaba e de outras cidades próximas, como Piracicaba e Jundiaí. É a maior conurbação ou união de malhas urbanas do Hemisfério Sul e importante polo de produção industrial e econômica, que reúne 72 municípios e 12% da população do Brasil e uma área de quase cinquenta mil km².

Em 1945, a 2ª. Grande Guerra internacional chegava ao fim com desastrosas consequências para o mundo todo, inclusive para a recém-criada USP: além do retorno à Europa dos professores estrangeiros, então contratados para as Missões que implantaram novos cursos na FFCL, os anos de Guerra criaram um grande *vazio cultural* que dificultava importação de livros/revistas do Exterior, enquanto a produção interna era incipiente. E as Bibliotecas públicas, além de desatualizadas, não dispunham de serviços de xérox para a reprodução dos poucos textos disponíveis para uso em seminários e debates de professores e estudantes.

Não havia também Internet nem computadores de mesa, cujas múltiplas funções facilitariam consultas e pesquisas em âmbito internacional. Atualmente, é possível "baixar" e ler online obras de famosas Bibliotecas estrangeiras, como a BNF (Bibliothèque Nationale Française) ou a Biblioteca do Senado norte-americano, e até realizar pesquisas acadêmicas com participantes de vários países, a custo reduzido devido à eliminação de despesas de transporte e de estadia. Sem mencionar a atual possibilidade de estudantes seguirem cursos a distância - de graduação e de pós-graduação - em reputadas Universidades estrangeiras; e de professores manterem-se reciclados graças aos serviços científicos disponíveis na Internet.

Voltando à minha narrativa, em janeiro de 1945 desembarquei na Capital paulista, vindo de São João da Boa Vista pela Estrada de Ferro Mogiana até Campinas, com baldeação para a São Paulo Railway Company, que me transportaria até o majestoso edifício da Estação da Luz.

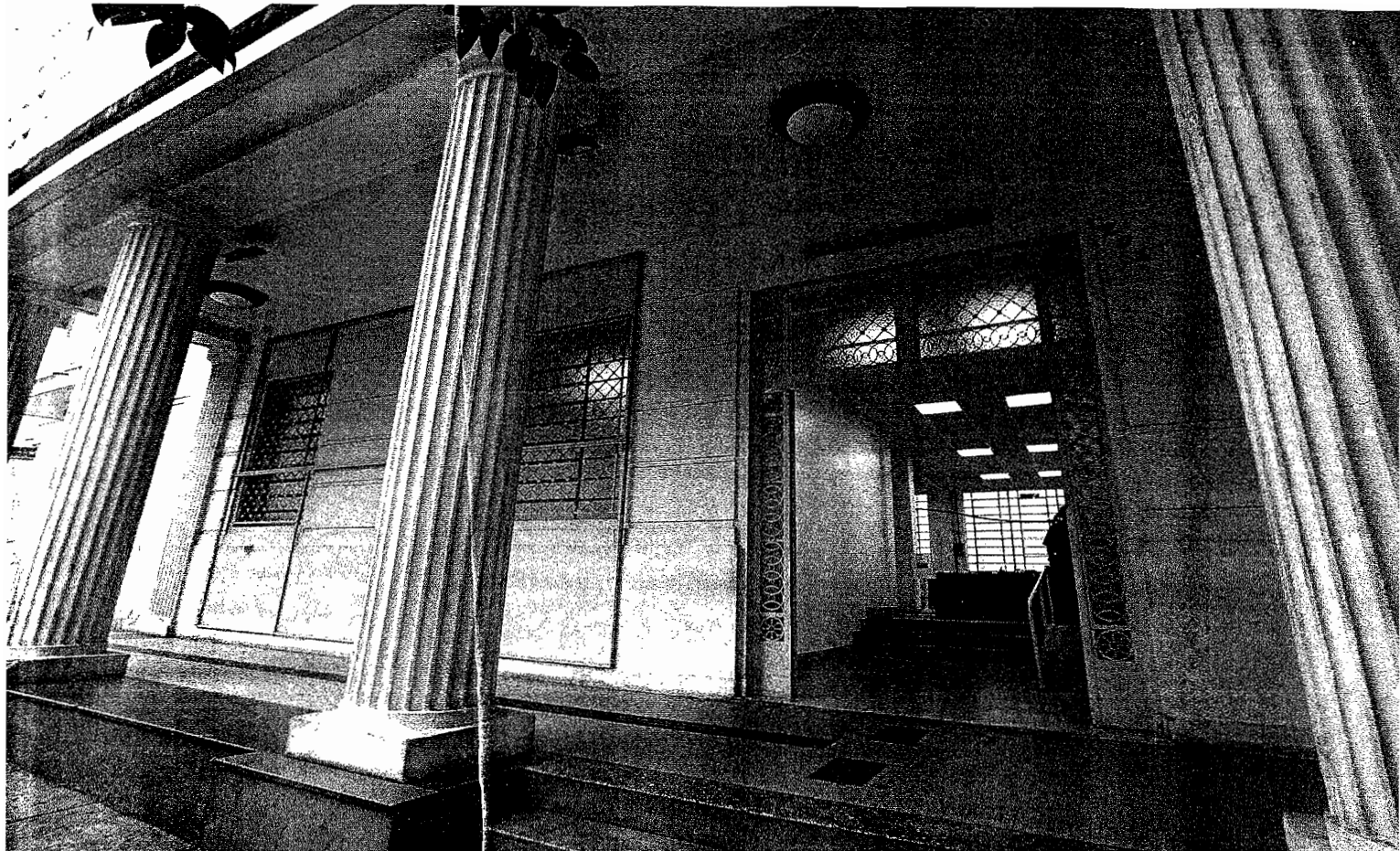
Construída em 1901, de estilo vitoriano, com estruturas trazidas da Inglaterra, a Estação da Luz foi palco de recepção de importantes personalidades, autoridades, empresários, intelectuais, políticos e até diplomatas e reis... Tombada pelo Condephaat, é hoje sede do Museu da Língua Portuguesa. Nas proximidades encontra-se a **Estação Júlio Prestes** (ex-Estação São Paulo), da Estrada de Ferro Sorocabana, de estilo francês, projetada pelos arquitetos Cristiano Stockler das Neves e Samuel das Neves, em 1925, e concluída 13 anos depois. Seu nome é homenagem a Júlio Prestes de Albuquerque, ex-presidente do Brasil. Desativada, é hoje sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, que se apresenta na majestosa Sala São Paulo, inaugurada em 9 de julho de 1999 (com capacidade para 1.484 lugares e 22 camarotes).

Aproveito a oportunidade para lamentar o desaparecimento das ferrovias paulistas devido, sobretudo, à priorização dos carros de passeio pela indústria automobilística instalada no Governo JK – fato que determinou a construção de modernas autoestradas e o aparecimento de confortáveis ônibus intermunicipais e interestaduais, entre outras novidades. Juscelino Kubitschek foi o grande mentor dessa substituição, com seu famoso Programa de Metas que prometia desenvolver

o Brasil *50 anos em apenas 5 anos...* E a indústria automobilística, voltada para carros de passeio, integrava aquele importante Programa...

Então, conheci a primeira grande mudança demográfica de São Paulo, uma cidade cosmopolita que, com a diminuição da imigração estrangeira, passava a atrair mão de obra de outros Estados brasileiros, sobretudo do Nordeste.

A FFCL instala-se em prédio da Rua Maria Antônia

Embora espalhados em diferentes edifícios da Capital paulista, os múltiplos cursos de Humanidades, Filosofia, Ciências e Letras criados com a FFCL, tinham uma só Diretoria e uma só parte administrativa, que também funcionavam provisoriamente na Praça da República (onde atualmente é a Secretaria da Educação). Após

intensa reivindicação dos alunos e dos Docentes, esses serviços acadêmicos e uma parte dos Cursos foram transferidos para a Rua Maria Antônia, na Vila Buarque.

E lá permaneceriam até 1968 – ano do AI-5, Ato Institucional que marcou o endurecimento da ditadura implantada com o Golpe Militar de 1964. De acordo com a prática ditatorial de "dividir" para "enfraquecer" os opositores, a polêmica FFCL-USP ou *Faculdade da Maria Antônia,* como se tornou popularmente conhecida, foi dividida em 10 Unidades da USP, isto é, em Faculdades e Institutos espalhados pela inconclusa *Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira,* no Bairro do Butantã. O Curso de Ciências Sociais, por exemplo, tornou-se "hóspede" provisório do prédio de História, até que ficassem prontos seus precários barracos...

Os dois grandes pilares de minha formação acadêmica

Ao rememorar as origens de minha formação acadêmica e fazer um balanço da *herança cultural que recebi da USP*, distingo muito claramente os dois pilares da importante orientação filosófica de defesa da democracia e da cidadania que me marcaram profundamente – o curso de *Ciências Sociais*, que havia surgido em 1934, com a fundação da FFCL e da USP, e o curso de *Direito das Arcadas do Largo de* São Francisco, fundado em 1827 por Dom Pedro I, e que representava importante *tribuna livre* - ocupada por grandes Mestres, bacharéis e estudantes, desde as turbulências da implantação do Império do Brasil (1822-1889) e da proclamação da República Brasileira até à época atual.

Abro parênteses para dirigir ***veemente apelo às Autoridades da Capital paulista*** sobre a urgente necessidade de recuperação do Largo de São Francisco, onde se encontram importantes marcos da história paulistana e um dos principais conjuntos da arquitetura barroca de São Paulo: a Faculdade de Direito da USP, a Igreja São Francisco de Assis e a Igreja Chagas do Seráfico Pai São Francisco.

O convento, construído por frades franciscanos na época colonial, abriga o maior conjunto de pinturas de José Patrício de Silva Manso (1753-1801). No teto da nave, as pinturas de 1790-91, representam São Francisco entregando a Regra (observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo) aos irmãos terceiros, e na capela-mor o teto, decorado entre 1791-92, representa São Francisco subindo aos céus em um carro de fogo.

Palestras sobre Proust – uma lembrança marcante

O grande ponto de inflexão desta revisitação de meu passado acadêmico e docente na USP está marcado por palestras sobre Proust que assisti na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo.

E assim, à maneira de Proust, tento nesta revisitação de meu passado uspiano *assumir existencialmente* a busca do tempo perdido na memória e transmutá-lo em

tempo redescoberto com base na *memória involuntária*, a fim de resgatar fragmentos de um passado que parecia perdido, mas tem vida...

Entre os palestrantes proustianos mais conhecidos no Curso de Ciências Sociais, destaco o sociólogo e professor de Sociologia Ruy Galvão de Andrada Coelho. Mas sem a pretensão de chegar ao elevado nível dos mestres uspianos especialistas em Proust - romancista que está suscitando importantes pesquisas na moderna neurociência.

O entorno das Ruas Maria Antônia e Dr. Vila Nova, na Vila Buarque

Procurei concentrar-me nas lembranças dos fatos políticos, sociais, econômicos e acadêmicos que se sucederam em cascata entre 1960 e 1968, sobretudo no entorno da confluência das Ruas Maria Antônia e Dr. Vila Nova, no Bairro Vila Buarque da Capital de São Paulo. Fatos que continuariam repercutindo, ainda algum tempo, na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, e que até hoje fazem parte de saudosas lembranças da *Faculdade da Maria Antônia...*

Depois de mais de meio século, essas lembranças ainda afloram em conversas sobre a importância da *Maria Antônia...* da época em que FFCL funcionava na Maria Antônia... E justificam a curiosidade de jovens alunos, hoje na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira: *Afinal,* perguntam hoje os estudantes aos professores mais antigos - *quem foi essa senhora Maria Antônia? Por que a citam tanto?*

Na tentativa de resumir em poucas palavras, direi que a *Maria Antônia* foi o epicentro de uma "pequena grande revolução cultural"... Repito, assim, a feliz expressão do Prof. Fernando de Azevedo ao se referir à criação da FFCL, em 1934. De fato, a Maria Antônia, como se habituou a chamar a FFCL-USP, foi o centro de intensidade máxima de um *quase terremoto político-cultural,* marcado por memoráveis polêmicas e debates sobre os fatos políticos, sociais, econômicos e cul-

FFCL , depois vai da Rua Maria Antônia para a CUASO

Os cursos da FFCL-USP funcionaram inicialmente em vários endereços da Capital até 1968, quando foram transferidos para a Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (CUASO). Eram prédios cedidos pelo Estado ou por outras Unidades da USP, o que explica as várias mudanças de endereço até que sua sede e alguns cursos permaneceram vários anos na Rua Maria Antônia.

Assim, A FFCL começou nas dependências da *Faculdade de Medicina e da Escola Politécnica, com pequenas turmas e um total de oitenta e três alunos distribuídos nos cursos de* Química, Ciências (*Biologia, Botânica, Mineralogia, Paleontologia e Zoologia),* Geografia *e* História, Ciências Sociais, Letras, Matemática *e* Física. De 1937 a 1947, algumas seções da FFCL funcionaram na *Rua da Consolação, Praça da República, Avenida Tiradentes e Avenida Brigadeiro Luís Antônio.* E como já foi dito, a sede administrativa e parte dos cursos funcionaram na *Rua Maria Antônia* (Vila Buarque) até 1968, quando foram transferidas para a *CUASO, Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira.*

A FFCL - cosmopolita desde sua origem

A FFCL reunia pessoas de diferentes origens culturais e sociais: **professores europeus das "Missões"**, que colocavam a universidade na corrente das tendências mundiais; **jovens das elites paulistanas**, que compartilhavam o espírito de seus fundadores; **jovens da classe média**, entre os quais **estudantes que já lecionavam no ensino público** - colocados à disposição da FFCL, com vencimentos, para estudar, e professores secundários do Estado de São Paulo, na maioria do ensino público estatal.

Nos cursos dos professores franceses, elegantes senhoras da sociedade paulistana - com luvas e *petits chapeaux – formavam a maioria do alunato ouvinte,* já que as turmas de alunos regulares geralmente se limitavam a 8 ou 10 alunos.

E pareciam felizes com a oportunidade de dialogar, em francês, com os docentes de Economia, Sociologia e Metodologia, já que naquela época ainda se falava "français chez les grandes Familles brésiliènnes...".

A SAGA DA FFCL-USP

MISSÕES ESTRANGEIRAS – A AVENTURA DE IMPLANTAR CURSOS *LÀ BAS*...

Em 1934, os mestres europeus contratados por Armando de Salles Oliveira, Governador do Estado de São Paulo, começaram a chegar ao Brasil - país longínquo... là bas...

> ***Como diz a canção: Là-bas...Là-bas...Tout est neuf et tout est sauvage... Libre continent sans grillage. Ici, nos rêves sont étroits. C'est pour ça que j'irai là-bas. - N'y va pas...Y a des tempêtes et des naufrages...***
>
> ***Là bas.... ainda agora os europeus assim se referem à América Latina. Ouvia de meus colegas e professores, quando bolsista do Governo Francês em Paris - vous êtes de là bas...***
>
> ***E o Papa Francisco, da Argentina, confirmou a grande distância geográfica entre a América Latina e a Europa em sua posse: Vim de longe... muito longe...***

Quatro eram as **Missões Estrangeiras** contratadas pelo Governo do Estado de São Paulo, imediatamente após o decreto de 1933 que criou a USP e a FFCL: a **Italiana** (Ciências Exatas), a **Alemã** (Química), a **Francesa** (Economia,

Sociologia, Antropologia, Geografia e História) e a **Portuguesa** (Literatura).

Seus professores começaram a chegar à Capital paulista por transporte marítimo via Santos, já no início de 1934. O objetivo principal era instalar, na Capital São Paulo, os novos cursos superiores criados na FFCL-USP e preparar professores para o ensino secundário e superior no Brasil.

Ainda não havia, entretanto, uma infraestrutura mínima para o ensino e a pesquisa em muitas das novas áreas da FFCL. Então, nas disciplinas de ***Ciências Humanas*** que independiam de equipamentos, os jovens professores recém-chegados puderam organizar, imediatamente, ciclos de palestras para um público adulto, constituído, sobretudo, de advogados e engenheiros. *Só havia o decreto de criação da FFCL*, comentaria em Paris, em entrevista à Folha de São Paulo, cinco décadas depois, o bem-humorado professor Paul Arbousse Bastide. E observaria ainda - *Os professores estrangeiros entraram, sem querer, naquele original processo de bandeirantismo cultural.*

Posteriormente, o prof. Salmeron, em saudação a seu mestre Gleb Wataghin, explicaria a situação do ensino superior no Brasil, em 1934: não havia cursos de ciências humanas, ciências físicas e naturais ou literatura. Os especialistas de quase todos os campos do conhecimento eram autodidatas: engenheiros e estudantes de engenharia interessavam-se por matemática ou física, médicos dedicavam-se à biologia e acadêmicos de direito à literatura. Pouquíssimos universitários tinham a oportunidade de se especializar na Europa.

A fundação da USP e da FFCL tem sido destacada, por estudiosos de várias áreas, como *o acontecimento mais importante da história do ensino superior paulista e brasileiro* – e cujo plano exerceu grande influência na posterior implantação das universidades brasileiras.

A USP reuniu os cursos superiores já existentes na cidade de São Paulo, e a FFCL promoveu o desenvolvimento de outros múltiplos campos das ciências - física, química, matemática, biológicas, naturais e humanas, com subsequente influência sobre as universidades que foram surgindo posteriormente em todo o Brasil. Para a implantação do ensino e da pesquisa das várias ciências criadas, os fundadores

da USP decidiram convidar especialistas europeus e incumbiram desta tarefa o matemático brasileiro Teodoro Ramos, que trabalhara vários anos na Sorbonne, em Paris, e tinha bom relacionamento com a comunidade científica europeia.

Naquele período, o ambiente pré-guerra da Europa e o crescimento do nazismo alemão e do fascismo italiano contribuíram para que notáveis cientistas de origem judaica aceitassem o convite do Prof. Ramos para trabalhar na USP.

A **Missão Italiana** trouxe importantes especialistas em **ciências exatas** - Gleb Wataghin, Luigi Fantappié, Guiseppe Occhialini, Vittorio de Falco, Giacomo Albanese. E o grande poeta Giuseppe Ungaretti, que se destacaria em Literatura. O Reitor Miguel Reale escreveria mais tarde, em *Minhas Memórias* (Estudos Avançados, vol. 8, 1994) - *no descampado do Butantã, com ruas apenas traçadas, só funcionava um edifício rudimentar, destinado a experiências de física nuclear, desenvolvidas sob a sábia direção de Gleb Wataghin (...).* Físico e pesquisador da Universidade de Turim, ucraniano de origem nobre, culta e bem sucedida economicamente, Gleb Wataghin introduziu na USP uma nova concepção do ensino de Física e criou duas correntes de pesquisa - uma voltada para a Física teórica e outra para os raios cósmicos. Entre seus brilhantes discípulos destacam-se César Lattes, Oscar Sala, Mário Schenberg, Roberto A. Salmeron, Marcelo Damy de Sarauza Santos e Jaymes Tiomno (descendente de judeus russos).

Já a **Missão Alemã** contava com três ilustres doutores de origem judia que queriam sair do ambiente alemão de nazismo em ascensão - *Heinrich Rheinboldt* (professor de fama internacional, da Universidade de Bonn), *Heinrich Hauptmann,* Assistente Científico, *e Herbert Stettiner,* Assistente Técnico.

Rheinboldt era filho de Joseph Rheinboldt, ministro dos Transportes e das Finanças da Alemanha, e mais tarde cônsul na Suíça, e neto de Heinrich Caro, químico que participou ativamente do desenvolvimento da indústria química alemã no Século XIX. A seu respeito, o Prof. Paschoal Senise, aluno da primeira Turma de Bacharéis em Química/USP, comentaria: (...) *chegou em julho de 1934, com 43 anos, e se empenhou em instalar o Departamento de Química (...) a despeito das enormes dificuldades que enfrentou em uma Faculdade ainda em constituição. Seu de-*

saparecimento prematuro aos 64 anos provocou grande impacto dentro e fora da USP. Além de grande cientista, historiador da ciência, metódico e extremamente criativo, foi também extraordinário professor, de notável capacidade didática. Suas aulas fascinavam os alunos.

Entre suas frases, ficaram populares no meio acadêmico; "aprender a pensar quimicamente" e "aprender a pensar por fenômenos". Rheinboldt empenhava-se para cumprir o combinado com a USP - construir uma nova obra de Química - mas não conseguiu superar as limitações, em grande parte decorrentes da rigidez burocrática, da demora de planejamento de novas obras e da precariedade das instalações da nascente USP. Faleceu relativamente jovem, mas em seu currículo já constavam mais de 35 orientações de pesquisa.

O prof. Hauptmann, que o sucedeu na direção do Departamento, no final de 1955, adaptou-se com relativa facilidade ao ambiente latino e conseguiu entender melhor a mentalidade brasileira, comentaria seu discípulo, Prof. Senise. Finalmente, na gestão do Reitor Antonio Barros de Ulhôa Cintra, foi esboçado um anteprojeto para a construção, na Cidade Universitária, de um conjunto arquitetônico que abrigasse todos os setores de química básica e bioquímica da USP – o chamado ***Conjunto das Químicas***, iniciado em 1961. E assim, formou-se na USP um processo de integração que possibilitou aos discípulos de **Rheinboldt** e **Hauptmann**, a preservação da herança recebida dos ilustres mestres alemães.

A ***Missão Francesa***, a mais numerosa, composta de jovens de cerca de 30 anos recém-formados na área de **Humanidades**, desempenharia papéis relevantes em diversos cursos da FFCL-USP, especialmente na implantação do Curso de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas para Ciências Sociais, e que posteriormente se estenderia também a uma nova Faculdade criada em 1946 (embora já prevista no decreto de criação da USP, em 1934): a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas, FCEA, hoje denominada Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – sigla FEA-USP.

Os membros da Missão Francesa, como citado, chegaram em 1934 para cumprimento do programa de intensificação da política cultural e científica da França

na América Latina, e que já atuava no Brasil desde 1908 graças a Georges Dumas, porta-voz do *Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les relations avec l'Amérique Latine* (1907-1940).

A PEQUENA GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL PAULISTA DE 1933/34

A liderança intelectual paulista, ante a derrota de São Paulo na Revolução Constitucionalista de 1932, resolveu "lutar" culturalmente, isto é, pregar o retorno de São Paulo à liderança brasileira pela ***cultura*** (aliás, tornou-se o lema da bandeira paulista: *Pela cultura venceremos*).

Assim, logo no ano seguinte, em 1933, iniciou-se o plano de uma *vitoriosa* ***revolução cultural*** liderada por Armando de Salles Oliveira (então nomeado Interventor Federal de São Paulo por Getúlio Vargas) e um grupo de intelectuais, entre os quais Fernando de Azevedo, divulgador da expressão que se tornou famosa – a *pequena grande revolução cultural paulista de 1933/34.*

O ponto de partida daquela *revolução cultural* foi o decreto do Interventor do Estado de São Paulo, que nomeou os seguintes intelectuais paulistas para a criação dos *alicerces de uma grande universidade formadora de uma elite intelectual:* o jornalista *Júlio de Mesquita Filho,* Diretor de O Estado de São Paulo, e dois destacados professores de duas Faculdades já existentes: *André Dreyfus*, da Faculdade de Medicina, e *Vicente Rao*, da tradicional Faculdade de Direito do Largo São Francisco. O decreto citava uma antiga aspiração da elite paulista - "a organização e o desenvolvimento da cultura filosófica, científica, literária e artística como constituintes das bases em que se assentam a liberdade e a grandeza de um povo".

Aquela antiga aspiração, já tratada de modo esparso alguns anos antes, começou então a ser planejada em 1933, em seguida à derrota de São Paulo. Fernando de Azevedo, um dos principais mentores do plano, assim se expressou: "O que se pretendeu, com a criação da Universidade de São Paulo e da FFCL, foi uma importante mudança de orientação, foi *uma pequena grande revolução intelectual*".

Imediatamente, o matemático Theodoro Ramos foi enviado à Europa com a incumbência de convidar professores de diversos países para comporem o quadro inicial de docentes e pesquisadores da FFCL-USP – "eixo de gravitação de todo o sistema". Sua missão foi facilitada pelo clima de perseguição nazista que se instalava na Europa Ocidental e provocava a fuga de talentos judeus e não judeus em busca de paz. E assim, iniciava-se a tão esperada *revolução cultural...*

Além da amizade entre Dumas e Júlio Mesquita Filho (Diretor de *O Estado de São Paulo*, que se destacou na criação dos projetos *USP e FFCL)*, a escolha de mestres franceses para a área de Humanidades era também parte da tradicional admiração da elite paulistana pela cultura francesa - herança de uma época em que se falava francês no quotidiano das tradicionais famílias paulistas da "aristocracia do café".

E assim, os professores da "Missão Francesa na USP" aqui chegaram em três etapas: 1934, 1935 e 1938 em diante:

> ***(1) em 1934*** *vieram os primeiros professores de universidades e liceus franceses (contratados por um ano), com a missão de organizar os cursos da FFCL: Émile Coornaert (historiador, professor da Ecole Pratique des Hautes Etudes e membro da resistência francesa na 1ª. Grande Guerra), Pierre Deffontaines (geógrafo, discípulo de Jean Brunhes no famoso Collège de France, que daria a aula inaugural da FFCL-USP e criaria os Institutos de Geografia de São Paulo e do Rio de Janeiro), Robert Garric (literato, agrégé de lettres, assistente de filosofia na Sorbonne), Paul-Arbousse Bastide permaneceria mais tempo na USP, depois retornaria várias vezes para curtas temporadas, e deixaria suas memórias como importante contribuição para a reconstituição da fase inicial da USP; outro Bastide, Roger - apelidado Bastidinho para distingui-lo do Bastidão (Paul Arbousse Bastide), chegaria no ano seguinte para substituir Lévi-Strauss. No mesmo ano vieram também Étienne Borne (filósofo, psicólogo, jornalista) e Michel Berveiller (literatura greco-latina). Apenas dois - Berveiller e Arbousse-Bastide - renovariam seus contratos com a USP no ano seguinte.*

(2) ***em 1935*** *chegaram jovens agrégés de Universidades, contratados por três anos: Alfred Bonzon para Literatura Francesa, Pierre Monbeig para Geografia, Claude Lévi-Strauss para Sociologia II, e Jean Maugüé para Filosofia. Com a eclosão da 2ª. Grande Guerra, Monbeig e Maugüé aqui permaneceram até 1944 e 1947, respectivamente.*

(3) de 1938 em diante *- Dumas conseguiu trazer docentes mais experientes, desejosos de sair de uma Europa em guerra. Dentre eles, alguns aqui fixariam residência - Roger Bastide (o Bastidinho, sociólogo, antropólogo e psicólogo - substituto de Lévi-Strauss), Jean Gagé (historiador - no lugar de Braudel), Alfred Bonzon (Literatura Francesa) e Paul Hugon (professor catedrático de Economia).*

Mas como já foi dito, a USP ainda não havia organizado adequada infraestrutura para o funcionamento de uma Faculdade tão grande, quase uma Universidade devido à quantidade e variedade de disciplinas nas áreas de Filosofia, Ciências e Letras. Mas como "quase tudo ainda estava por fazer...", os professores da Missão Francesa, que independiam de equipamentos, tomaram a iniciativa de organizar ***ciclos de palestras*** em *locais provisórios, geralmente no centro da Capital.*

Quem eram os alunos? No início, eram *ouvintes* - advogados, engenheiros, senhoras da alta sociedade saudosistas da cultura francesa..., professoras *normalistas* encaminhadas por Fernando de Azevedo (então diretor do Instituto de Educação Caetano de Campos), e também professores secundários colocados à disposição da FFCL para fins de estudo. *Mais tarde é que chegaria a juventude pré-universitária – secundaristas de cursos clássicos e científicos, selecionados em vestibulares específicos organizados pelos próprios cursos oferecidos pela FFCL-USP.* Os *locais das conferências* mudaram bastante*: do centro* da Capital, nas proximidades da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, passaram para a Faculdade de Medicina, no Sumaré – e depois afastados *gentilmente* pelos estudantes de Medicina, como diria Bastidão. Em seguida, já montados os cursos regulares, a parte de Ciências Humanas

e Letras foi para o último andar do Instituto de Educação Caetano de Campos, na Praça da República, e de lá para a Rua Maria Antônia, onde permaneceria até 1964, quando professores, alunos e funcionários foram precipitadamente transferidos para a Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira.

A ***Missão Portuguesa***, enfim, foi representada na USP por ***Fidelino de Figueiredo***, professor, historiador e crítico literário, Licenciado em Portugal pela Faculdade de Letras (1910), deputado, diretor da Biblioteca Nacional, fundador e diretor da Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos e da *Revista de História* (1912-1928). Contratado pela recém-criada Universidade de S. Paulo (1938-1951), criou e, logo em seguida, também na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, os *Estudos de Literatura Portuguesa*, de cujo magistério nasceu um dinâmico grupo de discípulos, dentre os quais António Soares Amora, Cleonice Berardinelli, Segismundo Spina, Carlos de Assis Pereira, Massaud Moisés, entre outros. Além de organizar os cursos de Graduação e Pós-Graduação, dirigiu e colaborou ativamente na revista de *Letras* (1938-1954), publicação da USP. Já doente, regressou à sua casa em Portugal. É ampla e fecunda sua obra nas áreas: Crítica Literária, História e da Literatura Comparada e Teoria Literária.

Em **síntese** – a decisão dos fundadores da USP, de contratar na Europa mestres de alto nível, marcou profundamente a evolução da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. A área das ciências exatas, especialmente, beneficiou-se da vinda de notáveis especialistas judeus, desejosos de fugir da perseguição que se irradiava da Alemanha nazista e que culminaria em uma longa guerra internacional.

É possível que, em outras condições, talvez aqueles cientistas não trocassem o consolidado ambiente de docência e pesquisas da Europa por uma Universidade ainda em formação no longínquo Brasil... Aliás, os relatos da época indicam as dificuldades de alguns cientistas diante da longa e complexa burocracia que se instalara nos trópicos... E assim, docentes, pesquisadores e cientistas de várias nacionalidades - franceses, italianos, alemães e portugueses - *vieram implantar na USP uma notável obra educacional destinada a gerar conhecimentos em múltiplas áreas e a formar discípulos para sua consolidação e continuidade.*

Os professores estrangeiros "trouxeram a semente para o desenvolvimento científico do país", comentaria mais tarde o físico Oscar Sala, discípulo da Missão Alemã e contemporâneo de uma geração de jovens físicos brasileiros que se tornariam famosos - César Lattes, José Leite Lopes, Mário Schenberg, Roberto Salmeron, Marcelo Damy de Souza Santos, Jayme Tiomno e Mario Alves Guimarães (cf. *História da Ciência online*).

Cinquenta anos depois da grande aventura dos docentes franceses na FFCL -USP, o cineasta e professor da ECA-USP, Marcelo G. Tassara, entrevistou em Paris alguns dos pioneiros da Missão Francesa no Brasil, em seu documentário *O Brasil, os índios e, finalmente, a USP.*

Entre os entrevistados estava o septuagenário **Lévi-Strauss**, outrora o *caçula* da Missão Francesa na universidade, e que aqui conviveu com os intelectuais Paulo Duarte, Caio Prado Jr., Sérgio Milliet e Mário de Andrade, que o ajudaram a organizar sua expedição a Mato Grosso, junto às tribos dos índios bororos e dos índios cadiuéus, na atual fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai. Com esse material escreveria sua famosa obra *Tristes Tropiques,* divulgada cerca de vinte anos após sua estada no Brasil (1935 a 1938). Outro entrevistado, o geógrafo **Pierre Monbeig**, manteve contato com seus discípulos brasileiros e retornou diversas vezes à USP como conferencista; sempre se referia à posterior repercussão das pesquisas de seus colegas franceses na FFCL -USP, em especial aos estudos do antropólogo Roger Bastide, que aqui viveu várias décadas e aprofundou suas pesquisas sobre as religiões africanas no Brasil.

Em diferentes relatos, os pioneiros franceses lembravam-se do Brasil com especial nostalgia. O famoso historiador **Fernand Braudel** afirmou, em entrevista ao Magazine Littéraire, em 1984: "No Brasil descobri o que não conhecia (...) e me converti no que agora sou". Do grupo francês, o economista **Paul Hugon** era um dos raros com o título máximo da carreira acadêmica: professor catedrático e professor doutor pela então *Faculté de Droit et Sciences Economiques de l'Université de Paris.* Foi também o que mais tempo permaneceu na USP, e teve a oportunidade de orientar um grande número de teses e de pesquisas sobre temas da economia

brasileira. O Governo do Estado de São Paulo, em reconhecimento a seu importante trabalho na USP, durante mais de trinta anos como professor catedrático de duas Faculdades - a FFCL e a FEA - concedeu-lhe aposentadoria por decreto especial. E a França condecorou-o com a *Croix d'Honneur*. *Demografia Brasileira*, seu último livro (publicado em francês e português), valeu-lhe na França o título de *Professeur Exceptionnel*. E no Brasil, *História das Doutrinas Econômicas* (em português) foi seu livro mais reeditado, com atualizações até seu falecimento, em 1972, que ainda hoje é adotado em Faculdades brasileiras de Direito e de Economia.

Sempre cordial, porém muito discreto, o Prof. Hugon nunca participou de debates políticos ou de cunho ideológico na FFCL por uma questão de princípio já que, como estrangeiro, não queria interferir em assuntos internos de política brasileira. Evitava, também, participar de conversas com colegas da USP em que políticos brasileiros eram criticados. Talvez devido ao exemplo ético do Mestre, talvez por desinteresse pela política partidária, sua equipe de Assistentes também evitava idênticas situações, inclusive participar das reuniões políticas que se intensificavam na *FFCL da Maria Antônia*, na década de 1960 – comportamento espontâneo que se observava em todos, desde seu *1º Assistente José Francisco de Camargo* (que o acompanhou com dedicação na FFCL e também na FEA, onde mais tarde chegaria a catedrático e diretor) até seus Auxiliares de Ensino.

Nos últimos anos, antes da Reforma da USP, em 1970, que extinguiu as cátedras e criou os Departamentos, o total de Assistentes do Prof. Hugon passou de 6 para 16, por determinação da Reitoria. Era, aliás, uma decisão do Conselho Universitário em resposta às pressões da representação dos Assistentes a respeito do afunilamento no topo da carreira acadêmica devido à "cátedra" e aos *poderes excessivos do catedrático*, entre os quais o *poder* de demissão *ad nutum* de seus Assistentes, e naquela época o Assistente só adquiria estabilidade *no cargo* se tivesse dez anos completos de exercício com o *título de Livre Docente* - o mais difícil concurso da carreira acadêmica, com uma semana de provas...

Durante cerca de 25 anos, o Prof. Hugon lecionou em um francês *parisiense*, de agradável sonoridade e, depois, em português com sotaque francês, embora às vezes solicitasse a tradução de alguma expressão em francês aos assistentes que acompanhavam suas aulas. Seus discípulos seguiram a carreira de economistas em vários Estados brasileiros ou atuaram em múltiplas atividades: acadêmicas, docentes e de assessoria em empresas privadas e governamentais, nos três níveis federativos - federal, estadual e municipal.

Fui sua aluna de Economia no Curso de Ciências Sociais da FFCL, orientanda no doutoramento e, depois, Assistente na então Cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas da FFCL-USP. Traduzi para o português várias de suas obras e *papers acadêmicos.* Considero-me a última representante, na área de Economia da USP, do numeroso grupo de discípulos do Prof. Hugon, o último membro da Missão Francesa na FFCL, e o único que aqui permaneceu três décadas consecutivas, casou-se com brasileira em segundas núpcias e adotou o Brasil como sua Pátria afetiva.

USP E FFCL - UM BANDEIRANTISMO CULTURAL?

Como mencionado, a USP e a FFCL foram planejadas, em 1933, com o objetivo explícito de fazer o Estado de São Paulo *formar uma elite intelectual e retornar à cena brasileira pela cultura,* após sua derrota na Revolução Constitucionalista de 1932.

A FFCL significava, então, *uma espécie de valor simbólico*, diria em Paris, em entrevista à Folha de São Paulo (1985), o Prof. Paul Arbousse Bastide. E completaria: era *a afirmação cultural do patriotismo paulista, como se a USP integrasse uma estratégia ideológica pela qual se procurava demonstrar aos outros Estados da Federação que São Paulo não era apenas a locomotiva econômica de um trem pouco produtivo. A USP e a FFCL estavam destinadas a forjar uma vanguarda para a cultura paulista e brasileira. Esta era, também, a consciência predominante entre os primeiros estudantes.*

E concluiria, entre saudosista e orgulhoso: *os professores estrangeiros entraram, sem querer, naquele processo de bandeirantismo cultural...*

E assim, a FFCL-USP, criada para cumprir uma grande missão cultural, recebeu seus primeiros mestres selecionados em países no topo da cultura europeia – e que preparariam as equipes de discípulos continuadores da fantástica obra coletiva de uma universidade em plena ascensão. Houve, porém, uma feliz coincidência – *cientistas judeus e não judeus* que, talvez em condições normais, dificilmente interrompessem suas pesquisas por mais de um ano, estavam dispostos a deixar uma Europa que já sentia os perigos do nazismo crescente.

E com a colaboração dos cientistas estrangeiros a USP conseguiu atingir – e vem se mantendo - em importante lugar nos variados *rankings* internacionais de avaliação acadêmica.

Professores de Economia da FEA – discípulos da Missão Francesa

Diversos discípulos de Economia formados pela Missão Francesa integraram o corpo docente da FEA em dois momentos diferentes: (1) em 1946, quando da fundação da FEA e (2) em 1970, quando da Reforma Universitária da USP, que extinguiu as cátedras e transferiu para a FEA a equipe da então Cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas da FFCL.

(1) 1946 - Docentes da FEA-USP oriundos de Ciências Sociais:

= José Francisco de Camargo (Catedrático e, depois, Diretor da FEA)

= Dorival Teixeira Vieira (Catedrático) e suas Assistentes – Lenita Correa de Camargo (depois também Catedrática), Maria José Villaça (Professora Associada) e Helena Fanganielo (Professora Doutora).

(2) Docentes de Economia da FFCL-USP *transferidos para a FEA (então FCEA): Cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas do Curso de Ciências Sociais - Paul Hugon (Prof. Catedrático), Diva Benevides Pinho (Livre Docente), Carlos Marques Pinho (Doutor), Wlademir Pereira (Doutor), Heinrich Rattner (Doutor), Luiz Augusto de Queiroz Ablas (doutor), Modesto Scagliusi (Mestre), Fábio João Zocchio de Lucca (Mestre), Ludovico H. Luedemann (Mestre), Marjan Fromer (Mestre) Pedro Augusto Barotti de Carvalho (Mestre) e Vicente de Paula Oliveira (Mestre).*

A Maria Antônia estava na contramão da História?[2]

Em torno da FFCL da Rua Maria Antônia criou-se uma espécie de mito – a *mitologia mariantoniana* - que ainda povoa a mente saudosista dos docentes uspianos mais antigos... e continua despertando a curiosidade das novas gerações de cientistas sociais no *campus* da USP...

Afinal, quem é "essa Maria Antônia? A resposta parece simples, mas não é porque "a" Maria Antônia *não é simplesmente uma rua* de SAMPA, no Bairro Vila Buarque... – é uma rua povoada de recordações de nossa própria memória..., uma ilha intelectual..., um exemplo de vanguarda do pensamento renovador e tribuna contra a ditadura..., o início da ascensão do jovem como principal fator de mobilização social, em substituição ao operário..., uma espécie de *universidade em miniatura* na qual o academismo participativo e democrático substitui a atitude acadêmica neutra, contemplativa e individual..., abandono do *modelo de ensino pai-filho pelo modelo irmão-irmão,* que elimina a cátedra e propõe a democracia departamental... Em suma, a Maria Antônia era o epicentro das passeatas, agitações e reivindicações estudantis de1968 e da mentalidade renovadora que saía da "torre de marfim universitária" e ligava-se profundamente a outros grupos sociais...

[2] Maria Antônia, uma Rua na Contramão, obra coletiva coordenada por Maria Cecília L. dos Santos (Ed. Studio Nobel, 1988).

DRAMA PASSIONAL NA VILA BUARQUE

É quase completamente desconhecido, entretanto, o drama que envolveu importantes pessoas cujos nomes constam de ruas próximas na Vila Buarque: **Maria Antônia** da Silva Ramos, **Veridiana** Valéria da Silva Prado, Maria **Angélica** Souza Queiroz Aguiar de Barros e **Major Sertório**.

Na vida real, Dona **Veridiana**, rica filha de fazendeiro do café, era casada com o Major Sertório, com quem teve filhos, dentre eles Maria **Angélica.** Mas na frente de sua casa morava a bela **Maria Antônia,** por quem o Major Sertório se encantou. Veridiana decidiu tomar satisfações com a rival e procurou-a armada, em companhia de sua filha Angélica. Houve discussão e Veridiana atirou, porém Maria Antônia foi mais rápida e revidou com o revólver do Major Sertório. Mas naquele momento, Angélica pôs-se na frente da mãe Veridiana para defendê-la, e foi baleada, vindo a falecer. Final da tragédia: Maria Antônia foi para a prisão e Veridiana separou-se do Major Sertório...

A FFCL NO BAIRRO PAULISTA DE VILA BUARQUE ATÉ 1968

Na década de 1950, o bairro Vila Buarque – unidade mínima do município de São Paulo – apresentava somente casas térreas e sobrados. A febril verticalização da Metrópole ali chegaria anos mais tarde, de modo que o mercado imobiliário, naquela época, oferecia reduzidas opções de pequenos apartamentos. E como grande número de professores e alunos preferia morar perto da Faculdade, multiplicavam-se as pensões só de moças, pensões mistas e *repúblicas de* estudantes.

Em frente à FFCL, em uma antiga casa térrea, morava o Prof. Rafael Grisi, que lecionava Didática Especial para alunos de Ciências Sociais. Estávamos acostumados a ver seus filhos brincando em frente de sua casa. Um deles, Celso Grisi, destaca-se hoje como Prof. Titular do Departamento de Administração da FEA e Coordenador do Programa de Comércio Exterior Brasileiro da FIA.

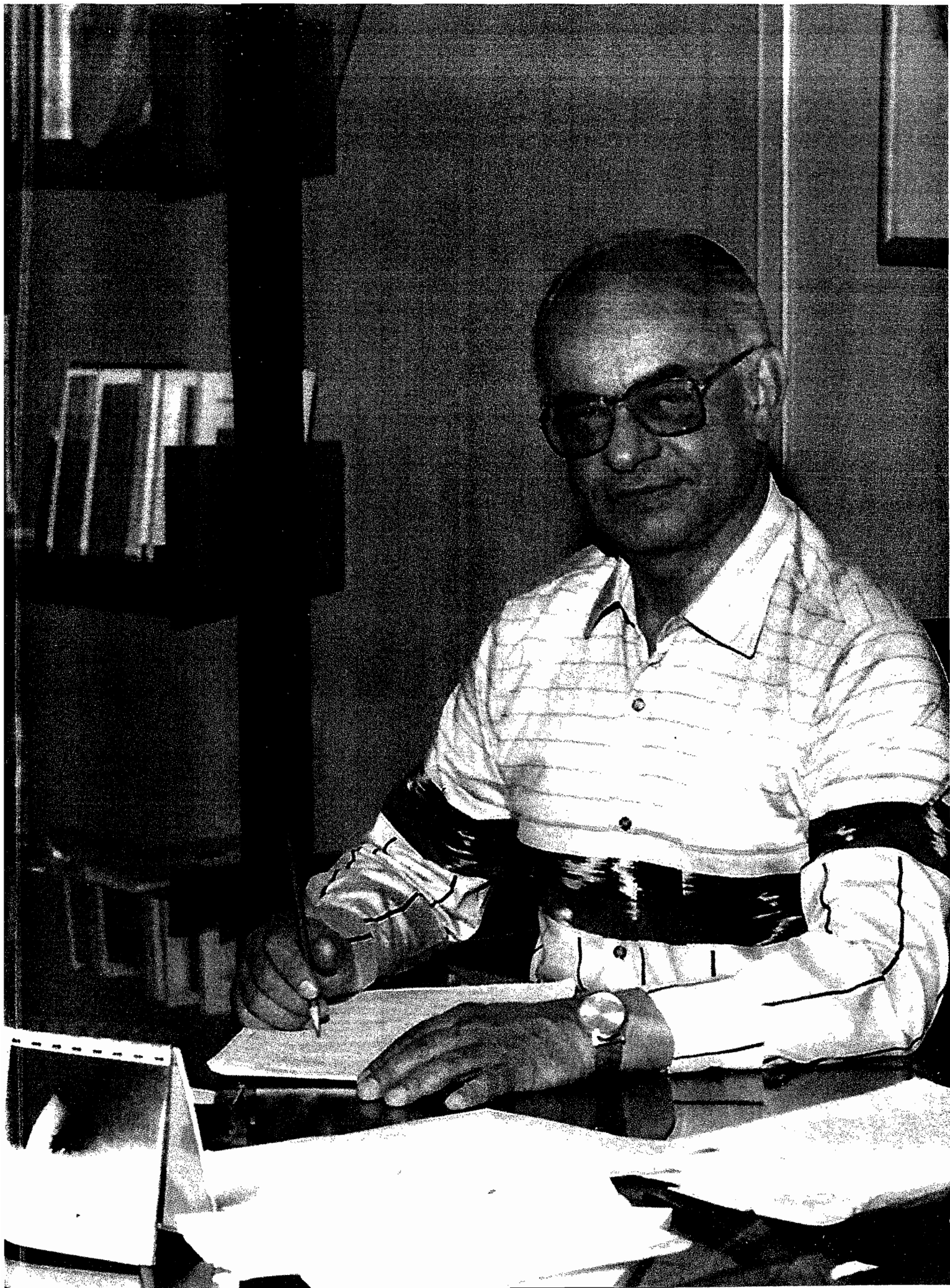
O desenvolvimento do bairro Vila Buarque e de outros adjacentes, como Santa Cecília e Higienópolis, resultara do processo migratório de classes sociais em ascensão e que começavam a sair do centro da cidade ou do isolamento de antigas fazendas. Realmente, a região da atual Vila Buarque surgiu da Chácara do Senador Antônio Pinto do Rego Freitas, vendida em 1894 por seus herdeiros à Empresa de Obras do Brasil, cujos proprietários eram o engenheiro Manuel Buarque de Macedo e o Senador Rodolfo Miranda.

O crescimento inicial da Vila Buarque recebeu, também, o estímulo do trabalho pioneiro de três senhoras que, no fim do século XIX, construíram suas residências em chácaras nos campos de Santa Cecília e Pacaembu. Foram posteriormente homenageadas com a colocação de seus prenomes em ruas do bairro: **Maria Antônia** da Silva Ramos, **Veridiana** Valéria da Silva Prado e Maria **Angélica** Souza Queiroz Aguiar de Barros.

Até a década de 1940, a região possuía espaçosas casas e, depois, edifícios de classe média. Por volta de 1960, o bairro tornar-se-ia intelectualizado e mais populoso devido à significativa presença da população estudantil e docente que buscou moradia perto de importantes núcleos de ensino – com destaque para o Mackenzie, a Escola de Sociologia e Política e a FFCL-USP. Em seguida, Vila Buarque seria, também, um *point* de boemia devido à multiplicação de boates.

Apesar do crescimento demográfico dos anos 1960, entretanto, o bairro Vila Buarque continuava tranquilo, quase sem movimento de pessoas e de veículos. O comércio ainda era restrito e havia poucos bares, lanchonetes e padarias. Os limitados recursos financeiros de sua classe média e estudantil não incentivavam a produção da indústria automobilística que se instalara em Minas Gerais, em 1956, e nem o consumo dos produtos industrializados que iam surgindo no mercado, como resultado das ações desenvolvimentistas do **Governo JK**, nos *dourados anos 1956-61*, cujo lema era desenvolver o Brasil aceleradamente, isto é, 50 anos em apenas 5 anos...

Nas férias escolares, os alunos que moravam no interior já recorriam menos às charretes estacionadas no largo do Arouche para embarcar nas ferrovias da Estação da Luz (São Paulo Railway) ou na Estação São Paulo (Estrada de Ferro Sorocabana).

Carlos Marques Pinho, Professor Títular da FEA-USP em sua sala de trabalho na Cidade Universitária.

Os primeiros táxis conseguiam *ponto de estacionamento* ao lado das charretes... e as linhas de ônibus para o interior do Estado começavam a superar – hélas - o transporte ferroviário em decadência... Já as floriculturas, felizmente, que já coloriam e encantavam o Largo do Arouche, estavam em plena expansão...

O bondinho Vila Buarque, aberto e cheio de estudantes "pingentes", passava de vez em quando, marcando sua parada na FFCL com dim-dins... sons com que o cobrador, ao puxar uma cordinha, registrava os pagamentos... (será que alguém se lembra da música carnavalesca – *seu condutor, dim, dim,?*). Alunos e professores que moravam nas proximidades, costumavam chegar a pé na FFCL e na FCEA, caminhando sem pressa por ruas vazias e conversando animadamente.

Lembro-me do estudante de Ciências Sociais Fernando Henrique Cardoso, de terno branco de linho, caminhando pela Maria Antônia com sua namorada Ruth Cardoso, também vestida de linho branco. Ele segurava uma sombrinha para protegê-la do sol. Um *gentleman*, como sempre... até nas discussões como representante dos Assistentes na Congregação da FFCL, quando se opunha ao "poder da cátedra" e à renovação do contrato de alguns professores estrangeiros que ainda permaneciam na FFCL... Lembro-me, ainda, de ter visto FHC procurar respeitosamente o Prof. Hugon, de quem fora discípulo, e comunicar-lhe qual seria sua argumentação... dando ao mestre a oportunidade de preparar a réplica...

Os docentes mais jovens e os alunos vinham em bandos... alegres... Podia-se distinguir suas áreas de estudo pelos retalhos de conversa... Alguns deles falavam em francês – eram assistentes de professores franceses ou alunos dos cursos de Letras Neolatinas, Ciências Sociais ou Filosofia...

A Rua Maria Antônia, entretanto, manteve sua "vocação universitária" com o crescimento da Universidade Mackenzie e a instalação de outras Faculdades particulares em suas adjacências, em especial a da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, com especializados centros de apoio e treinamento de seus cursos de medicina, enfermagem e outros. Então, reapareceu o alegre burburinho dos jovens estudantes, porém agora com a presença de uniformes brancos... e a esperança de mais cuidados com a saúde da população...

Algumas ruas, principalmente a Maria Antônia e a Marquês de Itu, tornaram-se passagem de intenso tráfego em direção ao Shopping Pátio Higienópolis, atualmente em fase de ampliação para aumento das atividades recreativas e gastronômicas, além de restauro de uma mansão do rei do café Nhonhô Magalhães, na esquina da Av. Higienópolis com a Rua Albuquerque Lins, onde funcionará um centro cultural.

No entorno de Vila Buarque funcionam também o Hospital Santa Isabel (Rua Veridiana), a Escola Cidade, o SESC Consolação e o teatro Aliança Francesa, a Biblioteca Monteiro Lobato (Rua General Jardim). Embora "degradada" nos anos 1970, com a construção do Elevado Costa e Silva, mais conhecido como *Minhocão*, Vila Buarque recebe agora reflexos do movimento de revitalização do centro da Capital. Ao mesmo tempo, aumenta sua boemia...

Parafraseando a correspondência trocada pelos irmãos van Gogh – Vincent e Théo - pode-se dizer que o moinho não está mais na Rua Maria Antônia, mas o vento renovador e criativo da vida universitária continua lá... e ainda se espalha pela Vila Buarque e adjacências...mas com tendência a se concentrar no Centro Cultural Maria Antônia, no mesmo prédio da Maria Antônia, então devolvido pelo Estado à USP.

As aulas em língua francesa na FFCL

Nos tempos da Maria Antônia ainda havia certa "universalidade" da língua francesa que, aliás, surpreendera os professores da Missão Francesa, contratados em 1934, para implantar cursos de várias disciplinas de Humanidades na FFCL.

Mais tarde, Paul Arbousse Bastide, o Bastidão, comentaria - *não eram alunos das camadas populares, mas também não eram grã-finos; eram estudantes com bom conhecimento de francês, o que não ocorria com os alunos dos professores italianos ou alemães, apesar da forte imigração italiana em São Paulo (na realidade, os imigrantes italianos não sabiam sequer que havia uma Faculdade de Filosofia em São Paulo). Quanto aos alemães, também não chegou a se formar uma comunidade linguística*

em São Paulo, diferentemente do que aconteceu com a intensa imigração alemã nos Estados do Sul do Brasil. Deve-se, porém, acrescentar à observação de Bastidão um fato relevante: durante a 2ª. Grande Guerra o Brasil juntara-se aos "Aliados", o que significava oposição à Itália e Alemanha. Então, nas regiões brasileiras de imigração italiana e alemã, proibiu-se o uso desses idiomas em público, de modo que até mesmo em casa os pais passaram a falar em português com seus familiares, por medo de represálias...

Mário de Andrade, entretanto, já havia observado que a hegemonia da língua francesa, em São Paulo, estava chegando ao fim. E de fato, o inglês roubou a cena, sobretudo nas empresas multinacionais e nas Universidades.

Para se ter um exemplo, recentemente, o jovem francês Thomas Piketty deu palestras na FEA... em inglês. Aliás, suas recentes publicações sobre a economia da desigualdade só tiveram sucesso quando foram divulgadas em inglês...

Comentei com o Prof. Delfim Netto meu pesar pelo "quase" desaparecimento da língua francesa na USP, idioma a que me dedicara tantos anos, inclusive como tradutora simultânea de palestras de docentes visitantes de nossa Cadeira de Economia Política... Prof. Delfim também lamentou – "eu investi muito na língua francesa...".

De fato, quase todas as aulas dos professores franceses contratados pela USP já eram ministradas em português, por volta dos anos 1950. No Curso de Ciências Sociais, Roger Bastide, o Bastidinho (de Sociologia), e Paul Hugon (de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas), continuaram lecionando em francês ainda por cerca de uma década. Em seguida, Bastidinho retornou à França e Paul Hugon continuaria aqui, mas lecionando em português, até ser aposentado pela USP. Desapareceu também o afluxo de "ouvintes" interessados em ouvir palestras de Economia em francês parisiense...

Realmente, no passado eram concorridíssimas as palestras em francês dos professores contratados para lecionar nos Curso de Ciências Sociais. Como já dissemos, além de intelectuais e conhecidos líderes da Semana de 1922, compareciam jovens senhoras da alta sociedade - *de luvas* e *petits chapeaux* – sinal de *status* que as distinguia das alunas, várias delas professoras do ensino público (primário ou secundário), afastadas oficialmente com remuneração para estudar na FFCL.

As elegantes senhoras, talvez saudosas da "belle époque" brasileira, costumavam fazer perguntas em um invejável francês... E durante vários anos, nas aulas de Economia sempre havia um discreto membro da Família Mesquita, do Estadão.

E nós, apenas uns dez alunos "regulares (eram reduzidas as turmas de todos os cursos), precisávamos chegar "mais cedo para conseguir lugar... tal a afluência de alunos *ouvintes*... E tomávamos anotações febrilmente (com canetas-tinteiro recém-chegadas ao mercado), já que poucos eram os livros didáticos disponíveis em bibliotecas e livrarias, devido à interrupção dos transportes e do comércio com o Exterior, durante a 2a. Grande Guerra. E mais: os professores proibiam apostilas...

Quando terminavam as chamadas *aulas magnas*, os alunos regulares precisavam correr (sim, *correr a pé*) para a Biblioteca Municipal Mário de Andrade, então a melhor e mais próxima, a fim de consultar a bibliografia citada pelos mestres estrangeiros. E, com sorte, conseguir algum exemplar emprestado por uns dias... Não havia Internet, xérox... livro digital... nem gravador miniatura ou celular... muito menos *Dropbox*...

Abro aqui parêntese para inserir algumas considerações a respeito do grande interesse dos alunos da Missão Francesa pela continuação de seus estudos em Paris, e o apoio dos mestres franceses para a concessão de Bolsas de Estudo do Governo Francês aos estudantes da FFCL da USP. E foi assim que realizei meu sonho de iniciar os estudos de minha tese de doutoramento em Economia na então Faculté de Droit et Sciences Economiques da Universidade de Paris, em 1952, com orientação dos professores de Cooperativismo - Bernard Lavergne e Georges Lasserre.

Cooperativismo – tema de meu doutoramento na USP

Naquela época ainda não haviam sido criados os atuais Cursos de Mestrado e Doutorado da Universidade de São Paulo – que somente surgiriam com a Reforma Universitária de 1968. As exigências legais para se fazer doutoramento consistiam em inscrição preliminar do candidato, mediante ofício e encaminhamento ao professor da respectiva disciplina para aceitação como Orientador.

Cooperativista Prof. Roberto Rodrigues, entrega homenagem da Comissão de Gênero da OCB-ACI á Profª Diva Benevides Pinho

Este, depois de entrevistar o candidato, indicava duas outras disciplinas – denominadas complementares – e que o candidato deveria cursar obrigatoriamente. Era, na verdade, uma espécie de *curso de aperfeiçoamento complementar, que incluía escolaridade, pesquisas e monografias.* E os catedráticos de tais disciplinas comporiam, obrigatoriamente, a Banca Examinadora da Tese de Doutoramento do candidato, já integrada pelo Orientador, mais um Professor da Casa, e um Professor Convidado externo – no total de 5 (cinco) membros.

Como todo iniciante, eu hesitei algum tempo antes de escolher uma área de pesquisa para minha *Tese de Doutoramento em Economia,* tal a variedade de temas socioeconômicos que me fascinavam. Era uma jovem idealista e as propostas de ***reforma pacífica da sociedade*** me fascinavam em uma época marcada pela bipolaridade *Economia Capitalista versus Economia Socialista,* antagonismo *EUA versus União das Repúblicas Soviéticas Socialistas...*

Naquele tempo, havia especial interesse da maioria dos alunos de Ciências Sociais da FFCL-USP em conhecer uma nova corrente comunista que se difundia nos meios universitários - a doutrina do político e líder da revolução socialista chinesa, Mao Tse-tung (1893-1997), primeiro presidente da República Popular da China, e que enfatizava o campesinato como uma importante força na luta pelo Comunismo nos países subdesenvolvidos.

E no curso de Graduação de *História das Doutrinas Econômicas para Ciências Sociais, durante um ano letivo* o Prof. Paul Hugon apresentava, didática e enfaticamente, as oposições entre os sistemas econômicos *capitalista e socialista,* seguidas de propostas pacificadoras de *sistemas intermediários,* entre os quais o Cooperativismo.

O próprio Governo brasileiro, naquela época, estimulava a organização de Cooperativas Agrícolas via Ministério da Agricultura, entendidas como estímulo das atividades agropecuárias de consumo interno ou de exportação, ou de promoção do agronegócio. As cooperativas, do ponto de vista jurídico, eram definidas como *associações democráticas de pessoas* que juntam seus recursos e ações para resolver *seus próprios problemas* de acordo com os *Princípios* elaborados em 1944, pelos famosos *Tecelões de Rochdale* (Inglaterra).

Interessei-me pelo assunto na esperança de que as cooperativas pudessem ser o desejável *instrumento moderador* entre os extremos do capitalismo e do socialismo revolucionário ou comunismo. E que contribuíssem para a solução dos problemas socioeconômicos dos mais heterogêneos regimes econômicos e políticos devido a sua grande flexibilidade como *instrumentos de desenvolvimento econômico e social.*

Apoiava meu entusiasmo em importantes fontes: as aulas dos professores Paul Hugon (FFCL-USP), Lavergne e Lasserre (Universidade de Paris), e os Seminários de Octacílio Tomanik, então Assistente do catedrático de Direito do Trabalho, Antônio Ferreira Cesarino Júnior, em meu Curso de Direito nas famosas Arcadas do Largo de São Francisco (FD-USP).

Octacílio Tomanik era também Diretor do Departamento de Assistência ao Cooperativismo do Estado de São Paulo, o que facilitou minha leitura dos principais autores estrangeiros de teoria e doutrina cooperativa. E lá estavam - milagre! – as obras completas de Charles Gide, o jovem professor de Economia da Universidade de Paris e principal sistematizador da Doutrina Cooperativa no Mundo Ocidental, inclusive as versões francesa e brasileira de seu *Compêndio de Economia* (adotado na disciplina de Introdução à Economia das Faculdades Brasileiras de Direito) e os dois volumes de *História das Doutrinas Econômicas* (Gide em parceria com Gide Rist). Havia também a coleção em francês dos inflamados *Discursos* de Gide sobre as *virtudes* do Cooperativismo.

Depois de longa frequência na Biblioteca do DAC (onde era recebida gentilmente pela Bibliotecária-Chefe Maria José de Freitas), e de entrevistas com os Professores Hugon, Cesarino e Tomanik – tomei minha decisão: o tema de minha Tese de Doutoramento seria ***O Cooperativismo no Brasil.***

Mas aquela escolha provocou uma *pequena turbulência doméstica...* Meu esposo Carlos Pinho, também advogado e economista, criticou minha escolha: um tema de *Doutrina Cooperativa* na época em que começavam a chegar no Brasil as mais recentes análises de *Economia quantitativa*, desenvolvidas durante a 2ª. Grande Guerra por equipes multidisciplinares de especialistas de várias nacionalidades (inclusive dos países beligerantes *inimigos*...).

Eram economistas, físicos e matemáticos, entre outros cientistas, todos reunidos nos EUA às expensas do Governo norte-americano, em condições especiais de trabalho e de remuneração, além da concessão do tão almejado *green card*... Na mesma ocasião, meu marido e eu fomos incumbidos pela FEA de lecionar *Sistemas Econômicos Comparados para os alunos do 4º ano matutino e noturno de Graduação em Economia,* e pudemos, então, continuar nosso debate sobre sistemas econômicos e doutrinas econômicas... Escrevemos, em coautoria, um manual para uso dos alunos, então publicado pela Editora Saraiva, em 1965.

Outra questão – Em 1968, como consequência do acirramento político-punitivo desencadeado pelo Ato Inconstitucional n.5, chegou a haver alguns questionamentos doutrinários a respeito das cooperativas:

> ***– os chamados movimentos de direita chegaram a se perguntar se as cooperativas seriam uma forma de comunismo...***
>
> ***– e algumas correntes esquerdistas acenaram para a possibilidade de rejeição das cooperativas com base na observação de Karl Marx: as coops não interessam à luta de classes porque transformam operários em burgueses...***

Então, a propaganda oficial do Cooperativismo liderada pelos Ministérios da Agricultura e do Planejamento na Federação brasileira, em convênio com as respectivas Secretarias nos Estados, limitou-se a enaltecer os princípios dos Pioneiros de Rochdale (Inglaterra), mas frisando enfaticamente o caráter "pacifista" das cooperativas...

Apesar desse posicionamento, foi impiedosa a ceifa oficial que se abateu sobre as cooperativas de crédito de microempresários e de trabalhadores ou funcionários de empresas públicas e privadas: encerramento imediato por ordem do Banco Central, inclusive aquelas que funcionavam muito bem e os fiscais não encontraram qualquer irregularidade...

E assim que começou a "abertura política do Brasil", na metade dos anos 1980, as cooperativas de crédito renasceram, ocupando o espaço deixado pelo Governo e

que também não interessava ao crédito capitalista... E anos depois o Bancoob e o Bansicredi reforçaram e estrutura do crédito cooperativo brasileiro...

Outro ponto forte foi o fortalecimento do Movimento Cooperativo. Até os anos 1960 não havia propriamente um *Movimento Cooperativista* no Brasil. Disputavam a liderança nacional das cooperativas somente dois grupos, um em São Paulo (Unasco) e outro no Rio de Janeiro (Aliança Cooperativa). Divididas e enfraquecidas, as cooperativas continuavam dependentes do Poder Público, que as incentivava e, ao mesmo tempo, fiscalizava-as via morosas estruturas burocráticas, criadas especialmente junto ao Ministério da Agricultura e conveniadas, nos Estados, com Secretarias Estaduais de Agricultura e/ou Planejamento.

Era a fase que chamamos "heroica" do cooperativismo brasileiro e que se refletia na educação cooperativa - o governo federal financiava cursos cooperativistas rápidos, de nível médio, e distribuía amplo *material de propaganda* sobre as *"virtudes da entreajuda cooperativa"*. Ao mesmo tempo, entretanto, o Estado aumentava a fiscalização das cooperativas por meio de uma ampla estrutura fiscalizatória burocrática especialmente criada, e que se ampliava cada vez mais...

Havia, porém, compensações, como a solidariedade e o idealismo dos diretores de cooperativas de crédito mútuo, entre os quais se destacaram Thenório,[3] que nos orientou na fundação de uma cooperativa de crédito mútuo de funcionários da USP; Palhares,[4] o historiador do Crédito Cooperativo que fundou e dirigiu cooperativas e centrais de crédito, e Vander,[5] geógrafo e educador, também da área de crédito – todos eles transmitindo incansavelmente um contagiante "otimismo cooperativo".

São gratas, também, as lembranças de dirigentes de algumas cooperativas de consumo, que lutavam para sobreviver à forte concorrência das crescentes redes de

[3] Luiz Dias Thenório Filho, um dos fundadores da Cooperativa de Consumo dos Empregados da Rhodia, atualmente Coop – Cooperativa de Consumo de Santo André (SP), foi diretor e presidente de várias instituições cooperativistas, inclusive da OCESP; publicou obras sobre o cooperativismo brasileiro de crédito.

[4] Valdecir Manoel Affonso Palhares, médico, professor e dinâmico líder do cooperativismo de crédito na Amazônia e no Brasil.

[5] Vander Boaventura, geógrafo, professor e líder do cooperativismo de crédito em São Paulo.

supermercados, como Máurer,[6] professor universitário - um exemplo edificante; Tomanik, o incansável idealista que estimulava a leitura de trabalhos básicos da doutrina cooperativa, geralmente autores franceses à disposição na Biblioteca de Cooperativismo do DAC (Departamento de Assistência ao Cooperativismo, da Secretaria da Agricultura de São Paulo) – em uma época ainda sem Internet e de difícil acesso à bibliografia estrangeira.

Para nossos alunos na USP era importante, também, a cooperação do jovem consultor jurídico da CAC-CC (cooperativa que surgiu com o fantástico crescimento da Coop Agrícola de Cotia), Américo Utumi,[8] sempre disposto a receber nossos alunos e a explicar-lhes o funcionamento de um complexo cooperativo agrícola de segundo grau.

Na USP, os estudantes apoiavam-me com respeito intelectual e carinho discreto; e criaram a expressão que se difundiu entre eles - "coopera**divas...**". São tantos os *amigos cooperativistas* que povoam minhas lembranças passadas e presentes, desde a época da educação somente presencial até agora, na época das redes sociais e APPs, que intensificam a comunicação sem fronteiras via Web...e encurtam as distâncias geográficas... Seria, portanto, difícil citá-los nominalmente. Gostaria, entretanto, de cumprimentá-los simbolicamente nas pessoas de dois cooperativistas que conseguiram harmonizar o ideal cooperativo às mudanças do século 21 – a advogada Maria Henriqueta de Magalhães[9] e meu ex-aluno – o sociólogo Ralph Panzutti.[10]

---

[6] Theodoro Henrique Máurer Júnior, linguista da USP, fundador de uma cooperativa de consumo e grande idealista.

[7] Octacílio Tomanik, cooperativista, diretor do DAC de São Paulo.

[8] Américo Utumi – depois da CAC-CC (Cooperatica Central Agrícola e Cotia) foi presidir a OCESP; participou de várias atividades da OCB e, atualmente, é membro da Diretoria da ACI (Aliança Cooperativa Internacional, com sede na Suíça).

[9] Advogada e especialista em cooperativismo, Maria Henriqueta de Magalhães foi diretora do DAC e consultora de grandes complexos cooperativos. Atualmente é consultora da Unimed.

[10] Ralph Panzutti, sociólogo e especialista em Cooperativismo. Guarda os primeiros trabalhos como meu aluno na USP, e minhas observações escritas à mão, na margem. Quase sempre está presente em minhas palestras e workshops atuais.

E quero, ainda, fazer uma referência especial *In Memoriam* ao outro Pinho[11] – o Prof. Carlos, que durante cerca de duas décadas lecionou Direito Cooperativo em nossos cursos especiais de Cooperativismo. Aliás, os alunos costumavam dizer-nos, carinhosamente, que ambos éramos a representação brasileira dos dois pinheiros do símbolo internacional do Cooperativismo...

E assim, o tempo passou... a democracia retornou ao País... o medo da Ditadura desapareceu... E cercada de discípulos, eu continuei o desafio de debater propostas de soluções alternativas e de programas para o desenvolvimento do Brasil...

Desde a introdução da disciplina Cooperativismo na USP - por mim na FEA -USP-São Paulo, e em seguida na FEA-Ribeirão Preto, por Sigismundo Bialoskorski Neto, ou simplesmente Prof. Sig – expandiram-se as pesquisas, cursos teóricos e práticos, pós-graduação *lato sensu*, palestras, workshops, encontros internacionais de intercâmbio de experiências.

Prof. Sig criou também uma *Rede Brasileira de Pesquisadores em Cooperativismo, e* o *Observatório Socioeconômico do Cooperativismo Brasileiro* (convênio entre a USP e a Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB).

Recentemente, ao discursar na solenidade de doação de sua Biblioteca à FEA -USP (2014), o Prof. Delfim Netto fez especial referência ao meu trabalho:

> ***"Eu devo à Diva [Benevides Pinho] uma correção muito importante da minha vida. Eu era uma pessoa muito individualista. A Diva, com seu trabalho lento, acabou me convencendo de que era possível haver a cooperação. O cooperativismo pode dar certo. E hoje eu acredito que esse pode ser o destino de todos nós e de uma sociedade empoderada", disse.***

Fiquei muito contente por se tratar de cumprimento especial do mais antigo Professor Emérito de Economia de nossa Faculdade e autoridade respeitada no Brasil e no Exterior.

---

[11] Carlos Pinho, advogado, procurador do Estado junto ao Tribunal de Contas do Estado de São Paulo e Professor Titular da FEA-USP.

Avanço dos estudos de Cooperativismo na FEA-RP

- Vários fatores têm contribuído para a atual posição de vanguarda dos estudos de Cooperativismo na FEA-RP:

- Os estudos de Cooperativismo estão integrados em uma Faculdade que atende a antiga demanda da próspera região de Ribeirão Preto, dinâmico polo de desenvolvimento econômico e social do Estado de São Paulo, desde os áureos tempos da cafeicultura na "Alta Mogiana".

- As cooperaivas agrícolas, tão importantes nos estudos do agronegócio e da agricultura de consumo interno e de exportação interna e internacional, encontraram ambiente propício para análise acadêmica no campus de Ribeirão Preto (coincidentemente, funcionando em prédio tombado de uma próspera fazenda de café do século 19).

- A intensificação dos elos entre Empresa-Universidade-Comunidade também conduziu à priorização da empresa cooperativa como objeto de estudos e de pesquisas especiais.

- Soma-se a tudo isso a contribuição inicial da FEA-USP de São Paulo (campus da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, na Capital paulista), especialmente quanto a conhecimentos acumulados durante décadas sobre economia, administração e ciências contábeis, com enfoque em problemas da realidade brasileira.

- Mas é evidente que o notável progresso do ensino de Cooperativismo na FEA-Ribeirão Preto só foi possível graças à dedicação, dinamismo e criatividade o Prof. Sigismundo Bialoskorski Neto, afetivamente chamado de Sig.

ACI- GESTÃO ROBERTO RODRIGUES E MINHA DIREÇÃO NO COMITÊ DE GÊNERO

Participei dos trabalhos da Aliança Cooperativa Internacional - ACI - sediada na Suíça, na gestão do professor, agrônomo e cooperativista brasileiro, Prof. Roberto Rodrigues, aliás, o único não europeu na presidência daquela centenária instituição de defesa do cooperativismo no mundo.

Nos quarenta anos de dedicação à análise do Cooperativismo como doutrina, sistema e técnica de promoção do desenvolvimento econômico e social, reuni amplo acervo de estudos e análises, publiquei três teses (de Doutoramento, Livre docência e Professor Titular, vários livros e artigos em revistas especializadas nacionais e estrangeiras, além de resultados de pesquisas sobre cooperativas de trabalho, produção agropecuária, consumo e crédito (neste caso, dois livros em parceria com o cooperativista de crédito Valdecir Palhares, então dirigente do Sicoob-Amazônia).

A FEA-RP HOMENAGEIA A PROFESSORA DIVA PINHO

A Congregação da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade prestou homenagem à Profa. Diva Benevides Pinho "por sua contribuição ao desenvolvimento dos objetivos da Universidade de São Paulo: ensino, pesquisa e extensão, com especial destaque à intensa dedicação ao Cooperativismo Brasileiro".

A Profa. Diva Pinho agradeceu, sensibilizada, a Homenagem da Congregação e da Diretoria da FEA-RP, e o diploma que recebeu das mãos do Diretor Prof. Dr. Rudinei Toneto Júnior.

A presidente Diva Benevides Pinho e a Comissão do Gênero da ACI -Aliança Cooperativa Internacional e da OCB (Organização dos Cooperativas Brasileiras), em evento cooperativista em S. Luís (Maranhão)

E reiterou cumprimentos à FEA-RP e ao Prof. Sig pelo consistente Programa de ensino e pesquisa de Cooperativismo que coordena. Terminou afirmando que ela e o Prof. Sig compartilham o mesmo ideal cooperativista de que falava Charles Gide, o principal sistematizador da Doutrina Cooperativa: trabalhar a terra, mas contemplando uma estrela!

Diva Benevides Pinho na Capital e Sigismundo Bialoskorski Neto em Ribeirão Preto

Representam a esperança nos valores cooperativos e a confiança nas cooperativas como instrumento de desenvolvimento socio econômico sustentável.

Prezada Professora Diva

Tenho a honra de informar que em 25 de Junho de 2008 a Douta Congregação da FEA-RP aprovou por unanimidade uma Homenagem da FEA-RP/USP para a Profa Diva Benevides Pinho, por seu trabalho e dedicação acadêmica ao Cooperativismo Brasileiro.

A Homenagem deverá ocorrer durante o V Encontro Latino Americano do Comitê de Pesquisa da Aliança Cooperativa Internacional que ocorrerá em Ribeirão Preto de 6 a 9 de agosto próximo.

fea·RP

Universidade de São Paulo
Faculdade de Economia, Administração e
Contabilidade de Ribeirão Preto

Homenagem

A Congregação da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade
de Ribeirão Preto presta sua homenagem à

Profa. Dra. Diva Benevides Pinho

por sua contribuição ao desenvolvimento dos objetivos da
Universidade de São Paulo: ensino, pesquisa e extensão, com especial
destaque à intensa dedicação ao Cooperativismo Brasileiro.

Prof. Dr. Rudinei Toneto Junior
Diretor

Homenagem da FEA-USP - Ribeirão Preto à Profª Diva Pinho

A data sugerida - a princípio - seria o dia 8 agosto às 11:30h na sessão de encerramento do V Encontro e de abertura do VI Workshop Internacional de Cooperativismo, na provável presença de Sua Magnificência Reitora da Universidade de São Paulo, onde também será provavelmente assinado convênio de colaboração entre a USP e a OCB para instalação do Observatório Socioeconômico do Cooperativismo Brasileiro e a criação da Rede Brasileira de Pesquisadores em Cooperativismo, evento que gostaria muito que a Professora fosse testemunha e membro do Conselho.

Nessa Sessão estarão presentes perto de 170 pesquisadores de 11 países e de cerca de 80 Instituições de Ensino Superior, Membros da Reunião Especializada de Cooperativas do MERCOSUL - RECM, Presidência da ACI-Américas, OCB, dos principais Sistemas Cooperativos de Credito SICOOB e SICREDI, Bancoob, Banco SICREDI, Banco Central do Brasil, e vários convidados internacionais, como a Chair do Comitê de Pesquisa da ICA, WOCCU e a Associação Européia de Bancos Cooperativos.

Esperamos que a Professora aceite essa singela homenagem, possa estar presente na FEA-RP e participar da inauguração do nosso novo ambiente de pesquisa, todo equipado com recursos do CNPq,

e se me permitir a indelicadeza, no qual somente falta um belo quadro da professora para alegrar e inspirar as nossas atuais e futuras pesquisas em cooperativas, sempre na lembrança de seu legado e trabalho que foi na verdade o responsável para a nossa inspiração.

Grande e forte abraço cooperativo, de reconhecimento e de admiração pelo trabalho e dedicação da Professora ao Cooperativismo.

Espero que aceite e que possa estar presente.

Prof. Dr. Sigismundo Bialoskorski Neto
Vice-Diretor da FEA-RP/USP http://www.fearp.usp.br/ 16 36023922
Coordenador do Programa de Estudos em Cooperativismo (ECoop)
http://www.fundace.org.br/cooperativismo

Ao aposentar-me compulsoriamente na FEA-USP-São Paulo, reiterei que considerava cumprida minha "missão de educadora cooperativista" e exprimi minha satisfação de passar o bastão acadêmico e cooperativo ao dinâmico e competente Prof. Sigismundo Bialoskorski Neto. Entreguei-lhe, então, uma síntese da História do Cooperativismo nas duas Faculdades de Economia da USP no Estado de São Paulo: USP-Capital e USP- Ribeirão Preto.

Um pouco da história do cooperativismo nas duas FEAs da USP: São Paulo (Capital) e Ribeirão Preto (Estado de São Paulo)

Na década de 1960, eram poucos e esparsos os estudos de Cooperativismo em Universidades brasileiras. Até então, aquela atividade educativa limitava-se a Cursos de nível primário e secundário financiados pelo Ministério da Agricultura e, mais tarde, também pelo Ministério do Planejamento.

Na Academia, estavam em ascensão as análises de quantificação matemática da ciência econômica, os planos de desenvolvimento econômico e social e pesquisas em múltiplas áreas econômicas, com apoio da FAPESP, CNPq, Ministérios de diversas áreas, sobretudo agricultura, saúde, planejamento e transporte. Fundações começavam a se impor como instrumentos captadores de recursos para pesquisas acadêmicas... E o economista estava cada vez mais valorizado como assessor governamental nos três níveis administrativos – União, Estados e Municípios – fato que abria para a FEA-USP a oportunidade de mostrar à nação seu celeiro de jovens talentos.

A criação legal da superestrutura brasileira de Cooperativismo

O Cooperativismo brasileiro ia aos poucos se fortalecendo e ampliando estruturas em vários campos de atividades até que, em 1971,[12] a Lei 5.764, criou sua importante superestrutura - o *Sistema OCB, como único representante das cooperativas brasileiras.*

Em 1988, a Constituição Federal do Brasil marcou outro avanço na modernização administrativa e tecnológica das cooperativas, com destaque para dois pontos fundamentais – a proibição da interferência do Estado em associações e a permissão da autogestão cooperativista.

Completava-se, então, a obra iniciada, por Roberto Rodrigues, quando presidente da OCESP e da OCB: deu grande destaque à orientação das cooperativas brasileiras com o objetivo principal de prepará-las para enfrentarem as dificuldades conjunturais da chamada "década perdida" de 1980 – luta que contribuiu para sua afirmação como importante líder da modernidade do cooperativismo no

[12] Dr. Antônio Rodrigues Filho conseguiu unir os cooperativistas; foi o primeiro presidente da OCB (criada pela Lei 5.764, de 1971) e promoveu a estruturação de OCE's em vários Estados brasileiros. Saraiva, 2011.

Brasil e na América Latina. Atualmente, é Embaixador do Cooperativismo Brasileiro junto à **FAO** (Food and Agriculture Organization of the United Nations), dirigida por José Graziano da Silva - e que pretende dar novo foco à segurança alimentar, apoiar países de baixa renda com déficit alimentar e em situação de crise prolongada.

Fortalecido internamente, inclusive com reflorescimento de um novo e reestruturado crédito cooperativo, a criação de dois bancos - Bansicredi e Bancoob – o Cooperativismo Brasileiro teve sua estrutura financeira e educacional reforçada com a criação do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - **Sescoop.**

Daí, em 1969, o firme direcionamento do Cooperativismo para a internacionalização de suas atividades. Cooperativas agrícolas modernas e eficientes deram sólida base ao agronegócio cooperativo e contribuíram para a expansão do Brasil no comércio internacional e para o crescimento do PIB brasileiro.

Na região de Ribeirão Preto, por exemplo, multiplicaram-se dinâmicas cooperativas agrícolas com o perfil de modernidade e de sustentabilidade, assegurando contínua e significativa contribuição ao agronegócio cooperativo.

Fecho aqui o amplo espaço à guisa de parêntese que abri para dar destaque especial à afirmação do Cooperativismo Brasileiro como instrumento educacional e de desenvolvimento econômico e social. E volto à revisitação de minhas memórias acadêmicas, a partir de modesto bar que ainda hoje funciona no encontro entre as Ruas Maria Antônia e Dr. Vila Nova.

O Bar do Maestro

No encontro das ruas Maria Antônia e Vila Nova ainda há um pequeno bar. No passado, era conhecido como *Bar do Maestro* - um "meeting point" dos docentes para um rápido cafezinho, em pé, no intervalo maior das aulas, às 10h00 no período matutino e às 16h00 no período da tarde.

O cafezinho é marcante nesta evocação de um passado de densa história de conscientização de acadêmicos, e que culminaria com uma espécie de luta campal, por volta de 1964 – da qual participariam também secundaristas e estudantes do Mackenzie.

Não era, nem de longe, o café que mais tarde degustaríamos, meu marido Carlos Pinho e eu, tranquilamente sentados e lendo livros apoiados em uma minúscula mesa redonda, no *Quatier Latin,* quando bolsistas do Governo francês para estudar na Sorbonne, em duas felizes oportunidades.... Mas era um café que agora faz aflorar nossa memória involuntária... Tal como o chá com *madeleines* que evocava em Proust as férias de sua infância na imaginária Combray... com a Tia Leôncia, após a missa domingueira... Não tinha o agradável aroma dos chás da Índia ou de tília, somados ao apetitoso sabor de *madeleines*, embora nos levasse ao reencontro com um feliz tempo perdido no passado...

Qual a diferença? No Bar do Maestro, como era conhecido, nem sempre o cafezinho era preparado na hora... e não havia apetitosos bolinhos... Apesar de tudo, é parte de uma lembrança que faz surgir "um inefável misto de novidade e de antiguidade", um mundo de recordações... Toda a memória poética da resistência de um grupo de jovens intelectuais idealistas que frequentavam a FFCL da Maria Antônia...

Percorrer as lembranças daquelas duas ruas paulistanas da Vila Buarque – a Rua Maria Antônia e a Rua Dr. Vila Nova - significa, então, relembrar a importância de cada uma delas no aprendizado e no amadurecimento resultante da rica e complexa convivência entre professores estrangeiros e brasileiros, em diversas áreas do conhecimento, e alunos de heterogêneos cursos da FFCL-USP, das ciências exatas às ciências humanas, das letras à filosofia...

...E relembrar o muito que aquela convivência significou para as futuras atividades dos estudantes e docentes de Economia, quer diretamente para os cursos de Economia em Ciências Sociais (FFCL), quer indiretamente para os cursos de Economia no currículo profissionalizante da FEA – Faculdade que recebeu, aliás, significativo contingente de professores de Economia e de História Econômica egressos da FFCL.

Maria Antônia – espaço da cidadania

Le moulin n'y est plus, mais le vent y est encore.[13]

Como sistematizar a avalanche de lembranças involuntárias e voluntárias de minha vivência na USP, que tiveram início na FFCL - uma Faculdade, como disse o prof. Antonio Candido, que era *uma universidade em miniatura, um organismo de articulação e reflexão, e que em diferentes momentos de sua história mostrou seu perfil* ***crítico e de contestação...***

Como descrever sua fase "de rebeldia estudantil", com epicentro em 1964? E as lembranças de minha transferência *ex-officio* para a FEA, uma faculdade marcadamente profissionalizante?

Ah, Camões - como preciso de engenho e arte...

Tentei, então, um modo que considerei mais simples para aquele momento: enfatizar as recordações que me marcaram mais profundamente. E sem dúvida, continuavam muito fortes as lembranças do período 1964-1968... o barulho dos tumultos, gritos e correrias dos jovens, muitos deles nossos alunos...Outros eram estudantes infiltrados e, até mesmo, curiosos secundaristas... E em 1968 aumentavam os protestos contra a Ditadura no país, sobretudo a partir do entorno da Maria Antônia. E quando perseguidos pela cavalaria policial, entravam correndo na FFCL – "então espaço democrático livre" - não sem antes dificultar a caminhada dos cavalos com bolinhas de gude espalhadas pelo chão... E os gritos de protestos continuavam ecoando a partir do salão de entrada da FFCL – ainda "território livre...". Mas por quanto tempo?

Lembro-me da Professora Maria Isaura Pereira de Queiroz *ostensivamente* sentada em uma cadeira, no meio da soleira, no limiar da grande porta de vidro que marcava a entrada do prédio de colunas... Sua atitude era de desafio do poder

---

[13] Trecho da correspondência de Van Gogh a seu irmão Theo, em setembro de 1884.

policial e, ao mesmo tempo, de proteção ao direito de contestação dos jovens que entravam correndo e gritando contra a ditadura...

Tal como no poema de Maiakovski, os policiais iam chegando cada vez mais perto... Então, os jovens começaram a atravessar o pátio interno que ligava a FFCL da Maria Antônia à FEA, para sair correndo pela Rua Dr. Vila Nova... Mas a repressão também mudou de tática e os surpreendeu com dois ônibus – um na porta da FFFC, na Rua Maria Antônia, e outro na porta da FEA (então FCEA), na Rua Dr. Vila Nova. E levou alguns grupos de jovens para identificação no DOPS...

O pressentimento do perigo fazia meu coração bater tão forte... quase explodir... sobretudo quando ouvia vozes de comando em alto-falantes e megafones, interrompendo alhures o som fanhoso de algum velho disco de vinil, que *tocava apenas a música* (isto é, sem as palavras) da *Segunda Internacional, Internacional Socialista ou Internacional Operária.*

Notava-se que os militares de plantão desconheciam aquela música, e continuavam alheios. Ignoravam que aquela música lembrava a canção revolucionária inspirada em Marx e Engels durante o Congresso Internacional em Paris, em 1889, e que se tornara o hino da então temida União Soviética: *Bem unidos façamos, / Nesta luta final, / Uma terra sem amos/ A Internacional.* Ou sua tradução livre - *Esta é a luta final/ Vamos nos juntar e amanhã/ A Internacional/ Irá envolver toda raça humana.*

Mas como já disse, eu enfrentava uma fase academicamente exaustiva, porém de grande significado para minha carreira universitária. E vinha me preparando intensamente há anos. Ora, naquele mesmo momento a conjuntura econômica, política, social e cultural do Brasil, e a própria estabilidade política brasileira exibiam séria crise...

Na Capital paulista, multiplicavam-se protestos e debates, muitos deles transmitidos pelos meios de comunicação da época. E nossa *Faculdade da Maria Antônia*, pelo fato de reunir uma pluralidade de cursos (biologia, física, química, matemática, humanidades, letras...) e uma pluralidade de jovens estudantes idealistas – alunos e docentes de várias áreas do conhecimento - tornou-se uma espécie de

ágora, um espaço da cidadania, um local de convivência e de discussões políticas... no qual surgiam múltiplas propostas, inclusive radicais, com base em sistemas econômicos então rejeitados pelo *mainstream*, a corrente principal da política nacional...

Tentava me desligar dos fatos nacionais, "alienar-me"... para me concentrar em meu Concurso de Livre Docência. Mas era quase impossível. Os acontecimentos precipitavam-se em planos heterogêneos, mas com várias interfaces, algumas delas conflitantes, que iam de *conservadoras* a *comunistas radicais* - e que também se opunham entre si, como os *soviéticos, maoístas e castristas... Além disso*, alguns líderes *o*perários compunham-se com uma parte da intelectualidade paulistana inspirada em fontes socialistas – de Marx e Engels a seus precursores socialistas utópicos (sobretudo Fourier), enquanto intelectuais independentes e *socialistas cristãos* criticavam as ideologias que chegavam de Cuba, União Soviética e China. E no centro, aumentava um grupo "informe" de modernos sebastianistas... que "esperavam" o milagre de uma nova ordem política, ou até a intervenção das Forças Armadas para impedir uma catástrofe nacional...

Os governos de São Paulo, Minas e do Rio de Janeiro, pareciam dispostos a apoiar o Governo Federal para a manutenção da ordem e contenção dos avanços do *comunismo*...

Aliás, deve-se esclarecer que significativa parte da população brasileira "desejava" e *apoiava* a intervenção militar para restabelecer a ordem no País. E então, significativa parcela de civis saiu às ruas para protestar – famílias inteiras da classe média, de braços dados, marcharam juntas no centro da Capital paulista para exigir que o Governo Federal e as Forças Armadas detivessem o avanço do comunismo.

Ao mesmo tempo, multiplicavam-se os boatos sobre as ações do temido DOI-CODI, órgão de *inteligência* e de repressão do governo federal, subordinado ao Exército brasileiro... Constava que já haviam prendido muitos jovens, inclusive um grupo na Praça da Sé, que comentava o último filme do cineasta Fellini, então em cartaz... mas policiais pouco preparados entenderam Lenine... e detiveram *o maldito grupo revolucionário...*

Havia outro temor ainda maior: as informações conseguidas pelo DOI-CODI mediante tortura tinham curto prazo de confiabilidade. Era necessário prender depressa mais gente e forçar ainda mais *violentamente* as respostas para saber o que os jovens revolucionários tramavam em curto espaço de tempo... e desbaratá-los... Daí, o medo angustiante dos mestres – e se um aluno, já desesperado, apontasse um professor ou um colega inocente?...

De repente, ocorreu a *inesperada batalha campal FFCL x Mackenzie,* como ficou conhecido o confronto entre dois grupos de universitários, *em* 03/10/1968, entre as duas instituições localizadas em frente uma da outra, na rua Maria Antônia. Antiga a rivalidade entre os estudantes uspianos e mackenzistas de ambas as instituições, que aumentou, porém, durante a Ditadura militar em 1968, devido a um "pedágio" que os alunos da USP tentaram organizar em frente da FFCL, para custear um Congresso da UNE, União Nacional dos Estudantes. Houve arremesso de objetos entre os antigos rivais, inclusive bombas caseiras do tipo Molotov...

Alguns curiosos alunos de escolas secundárias, inclusive do Colégio Sion, foram ver o que ocorria e envolveram-se no confronto que se seguiu. Então, um estudante secundarista foi morto. O tumulto aumentou e o prédio da USP foi incendiado por bombas caseiras...

Dessa forma, a sede da FFCL foi apressadamente transferida para a CUASO, Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, no Butantã, e alojada inicialmente em espaços "amigos" ou em precários barracos erguidos às pressas... A Universidade Mackenzie manteve seu *campus* na Rua Maria Antônia. Anos mais tarde, o antigo prédio da Maria Antônia foi devolvido à USP, e passou a abrigar o espaço cultural *Centro Universitário Maria Antônia.*

E assim, 1968 foi um ano marcado por forte resistência da classe estudantil ao regime militar implantado em 1964. Ainda agora, passado muito tempo, lembro-me de tudo como se fosse hoje, e sinto, novamente, uma grande emoção.

E em meio à confusão de sucessivos tumultos estudantis e políticos, eu tinha mais uma preocupação – a marcação das datas para continuar o mais "temido" concurso acadêmico da USP – a *Livre Docência...*

Apesar da atual simplificação, ainda hoje o concurso de livre docência é uma "maratona", cuja sucessão de provas exige preparo *intelectual, físico e psicológico*. Para se evitar o desfecho *da* antiga lenda grega: o soldado mensageiro do exército ateniense que correu do campo de batalha de Maratona até Atenas para avisar que exército ateniense derrotara os persas... caiu morto...

De acordo com as normas estatutárias da USP, a Congregação da Faculdade do Candidato inscrito designa uma Banca Examinadora de 5 (cinco) membros – sendo dois examinadores externos – para avaliação: de uma *prova escrita* (sobre ponto sorteado de uma lista preparada pela Banca Examinadora com base no programa de quatro anos do Curso de Economia para Ciência Sociais), uma *prova de erudição* (tema de lista também do Programa do Curso de Economia para Ciências Sociais), *prova Didática* (uma aula sobre tema de Economia, sorteado com antecedência de 24 horas, de uma lista preparada pela Banca Examinadora), um *plano de pesquisa* (tema sorteado de uma lista preparada pela Banca Examinadora), *arguição do Memorial* apresentado pelo candidato (publicações, papers, orientação de teses etc.), e *defesa oral de uma Tese original* – cujos 6 exemplares já deviam ter sido entregues à Secretaria da Faculdade.

Após a conclusão da primeira prova de meu concurso, a escrita, a situação política agravou-se tanto que a Banca trancou em um cofre minha prova, devidamente rubricada por mim e por todos os membros Examinadores. E cumpriu o processo regulamentar de sorteio da prova Didática.

Mas eu estava preocupada... E se estourasse a revolução que parecia estar em gestação? E se o conflito demorasse anos? E se tudo fosse incendiado... destruído...? Procurei afastar esses pensamentos... e planejar a aula da próxima etapa – mas sem ver TV, sem ler jornais, sem atender telefone... Tentei ignorar as turbulências do mundo ao redor e me preparar... Mas o meu marido interrompeu meu isolamento para me avisar que Jango renunciara e não haveria revolução... Então, vi um pouco a festiva comemoração na TV...

À hora marcada, encontrei a Banca Examinadora na porta da FFCL, ocupada por calados e atentos militares... Mas a realização do Concurso, solicitada pela

Diretoria, já estava autorizada... Então, entramos silenciosos – de beca, o Diretor Prof. Eurípedes Simões de Paula, acompanhado do Secretário Plínio Ayrosa e, também de beca, os cinco professores designados para compor a Banca Examinadora. À frente dos professores estava o catedrático de Economia, Prof. Dr. Paul Hugon, doutor pela Faculté de Droit et Sciences Economiques de l'Université de Paris, com beca negra ornamentada de jabô vermelho com bordas de arminho branco; os catedráticos brasileiros, inclusive os examinadores de outras Unidades da USP (todos com títulos iguais ou superiores ao do candidato), trajavam becas negras com jabô de tecido branco plissado e rendas nas bordas, e um largo cinturão com a cor-símbolo de sua respectiva Faculdade.

Em seguida, meu marido Carlos Pinho e eu (também de beca negra, jabô simples e cinturão azul), caminhamos sós, o que não era usual,[14] – mas naquelas circunstâncias politicamente difíceis, estávamos totalmente desacompanhados de amigos, parentes, alunos e colegas que, *naquelas ocasiões,* costumavam prestigiar e dar apoio aos candidatos... Subimos as escadas em direção ao Salão Nobre. Em todos os andares havia *carrancudos* policiais militares em atitude de vigilância...

Comecei a sentir minha já familiar *taquicardia pré-concurso, companheira de* 4 concursos de títulos e provas e de mais um concurso só de títulos (Prof. Adjunto)... Mas sempre com o apoio e a dedicação do Carlos – que retribui ao acompanhar de perto seus também 5 concursos de idêntica carreira docente na USP, e mais um mestrado na Faculdade de Direito da USP, e um concurso para advogado do Estado junto do Tribunal de Contas... Realmente, para duas pessoas, a emoção

[14] Sim, "naquela ocasião" os escassos concursos da carreira acadêmica significavam "acontecimentos culturais", e eram documentados por jornalistas e fotógrafos, sobretudo do Estadão, que acompanhava com carinho os eventos da FFLCL que ajudara a planejar... Atualmente, os Cursos de Pós-Graduação - Mestrado e Doutorado - têm uma parte de escolaridade, com prazo para a conclusão dos créditos e para a apresentação das respectivas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. Então, anualmente, vários candidatos apresentam-se para defesa oral diante de Bancas de 3 professores (Mestrado) e de 5 professores (Doutorado) – todos sem beca, civilmente trajados e as sessões chegam a ser pouco informais em algumas Faculdades. Com o atual Curso de Pós-Graduação, as defesas de tese foram massificadas, popularizadas... e, na maioria dos casos, raramente os familiares comparecem...

de prestar 12 concursos de títulos e provas exige resistência emocional... e física, além do preparo intelectual.

Mais tarde, como já mencionado, houve simplificação do total de provas dos Concursos de Livre Docência, de Prof. Adjunto e de Prof. Titular; e o Doutorado foi integrado nos Cursos de Pós-Graduação, com uma parte de escolaridade que, no sistema anterior, consistia em duas disciplinas complementares – com a orientação do respectivo catedrático para o candidato elaborar monografia e preparar-se para um exame oral com Banca de 3 professores sob a presidência do Orientador da monografia. Era, portanto, um modelo próximo ao que se instituiu com a criação do atual Mestrado e Doutorado dos Cursos de Pós-Graduação da USP.

Naquele ambiente pré-revolucionário da Maria Antônia, eu tentava fazer o *jogo do contente*, pensar positivamente - *tudo vai dar certo, a situação já é quase normal, e eu estou aqui como simples observadora participante...* como nas pesquisas que fiz em Paris com o Prof. Henri Desroche (docente da École Pratique des Hautes Etudes, fundador do Collège Coopératif e da Univertité

Coopoérative Internationale)... ou em entrevistas então coordenadas pelo Prof. André Franco Montoro e o Padre Lebret, quando aluna de Direito na USP...

Depois da prova de erudição, a Banca avisou-me oficialmente que a continuação dos exames estava adiada *sine die... Sim, sem data marcada...* Todavia, não houve revolução – apenas tumultos decorrentes de duas tempestuosas renúncias: do Presidente Jânio Quadros e, em seguida, do Presidente João Goulart (Jango), o vice que assumira após a inesperada saída de Jânio...

Infelizmente, entretanto, essa tumultuada fase foi encerrada com o *Golpe Militar de 31 de março de 1964,* que instalou uma *Ditadura Militar* que só terminaria em 1985, quando se retornou à democracia com a eleição indireta de Tancredo - o primeiro presidente civil do Brasil, desde 1964. Afinal, a *ordem pública foi restabelecida,* mas a "paz" que se instalou era *relativa, ditatorial, cheia de temores...*

A primeira significativa punição dos *intelectuais rebeldes* da Maria Antônia, entretanto, concretizou-se quatro anos depois, em 1968, após a "*batalha campal entre os alunos da FFCL e do Mackenzie"... que provocou* ***a transferência da FFCL***

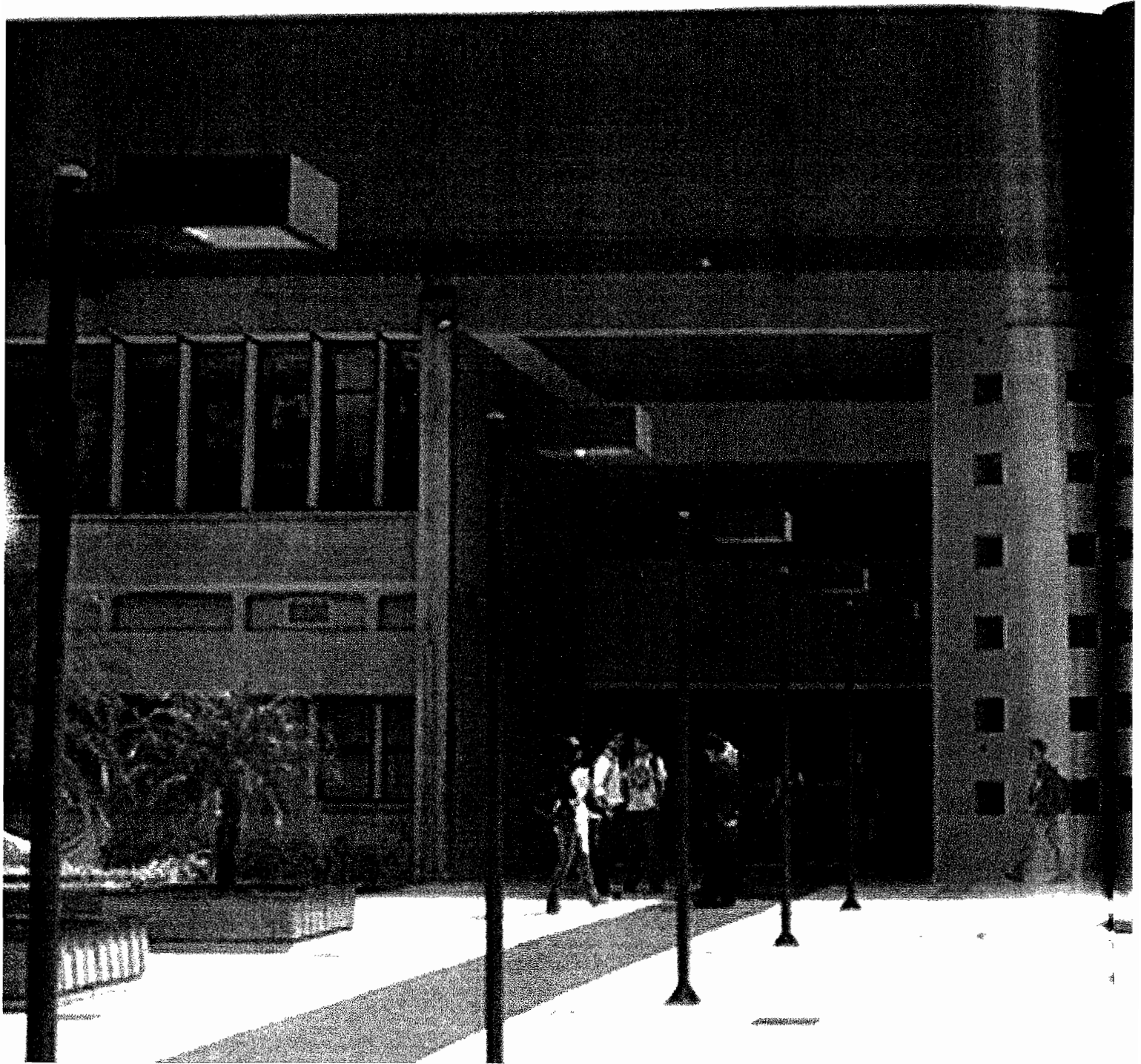
para a CUASO, Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira..., então sem infraestrutura para receber às pressas tantos cursos, professores e funcionários...

Uma grande parte acomodou-se provisoriamente em espaços cedidos por *colegas solidários,* que já trabalhavam no *campus*; outro grupo teve improvisadas salas de trabalho e salas de aula em precários barracões, nos quais aguardaria, durante anos, a sede definitiva de suas Unidades na *Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira.*

AI-5: ATOMIZAÇÃO E DISPERSÃO DA FEA NA CUASO

O Governo Federal aumentou sua pressão política sobre a população com o AI-5, Ato Institucional n.5, que se sobrepôs à Constituição Federal de 24 de janeiro de 1967 e às constituições estaduais, além de dar poderes extraordinários ao Presidente da República, suspender várias garantias constitucionais, fortalecer a chamada linha dura do regime, fechar o Congresso Nacional por quase um ano, entre outras medidas...

Na ocasião nós, os professores de Economia da FFCL, também havíamos sido alojados provisoriamente em barracões, na Cidade Universitária. Em uma noite muito fria, eu estava guiando a caminho do *campus* para lecionar, quando ouvi uma *notícia extraordinária* anunciando com alarde, pela rádio, na chamada *Hora do Brasil* - a *aposentadoria compulsória* de vários grandes mestres da FFCL-USP, e entre eles os sociólogos Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso...

E logo na entrada da Cidade Universitária notei que luzes piscavam ao longe, e estranhos raios luminosos cruzavam o céu escuro... Como não havia Internet, nem os modernos recursos dos atuais smartphones, interpretei aqueles sinais como uma tentativa de mandar avisos... Mas *de quem e para quem?* Então, entrei depressa na sala de aula de um dos barracões onde me esperavam jovens alunos encolhidos de frio. Disse-lhes que não me perguntassem *o porquê*, mas seria melhor todos nós voltarmos imediatamente para nossas casas... E saímos todos correndo em busca de nossos carros para rápida saída do *campus*.

FEA- Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (USP) - Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (CUASO), São Paulo

Logo depois, a polícia cercou a Cidade Universitária – quem estava lá dentro, inclusive os carros que cortavam caminho pela USP para seguir em direção ao Ceasa, muitos deles para tomar a então famosa sopa de cebola - foram detidos para identificação... e só liberados ao amanhecer... Aliás, liberação sem pressa, para criar certo ambiente de expectativa e de temor – atitude *que podia ser justificada* pela dificuldade de comunicação telefônica da época, sem Internet, sem computador, sem telefones celulares... Então, quem estava fora do *campus* teve a sorte de não ser detido para investigação... E quem estava dento, mesmo que não fosse professor, aluno ou funcionário da USP, teve que esperar muitas horas para ser liberado... Naquela época, repetimos, a comunicação era precária, e os próprios policiais tinham dificuldade de falar entre si e com a Secretaria de Segurança Pública. As pessoas detidas dentro do *campus* e aquelas que iam chegando foram divididas em dois grupos de identificação – os homens eram encaminhados para um prédio vazio, em construção para residência dos alunos, e as mulheres para outro prédio.

Conta-se que Fernando Henrique Cardoso estava no grupo detido para averiguação, dentro da Cidade Universitária, naquela noite fria e cheia de sobressaltos, mas conseguiu sair logo *e com outra identificação* porque um *colega solidário e muito corajoso* emprestou-lhe seu documento pessoal, escondeu o documento de FHC dentro do sapato, mas teve de aguardar sua própria identificação até o dia amanhecer... E para sorte de todos, não havia as atuais possibilidades de checagem via Internet...

Outros fatos chocantes se sucederam. Mas o que mais impressionou os docentes da FFCL foi a prisão do professor-sociólogo Rui Galvão de Andrada Coelho – de ilustre e tradicional família paulistana, muito querido dos colegas e alunos. Consta que logo as autoridades perceberam tratar-se de um intelectual "desligado", não "perigoso", porém mantiveram sua prisão por mais de um mês para *servir de exemplo*...

Comentava-se a intensificação de prisões de estudantes, operários e intelectuais que haviam participado de reuniões clandestinas na Maria Antônia ou em residência de alguns docentes da FFCL-USP... A situação estava ficando mais e mais tensa. Parecia iminente uma revolução e os avisos corriam "boca a boca"...

É que Bill Gates, Steven Jobs e Zuckerberg ainda não haviam deslumbrado o público eletrônico com suas criatividades... Não havia o precedente de comunicação revolucionária via redes sociais, tal como na recente *Primavera Árabe...* ou agora, nos movimentos "Vem pra Rua", contra a Presidente Dilma...

Mas a comunicação oral se ampliou e, em poucas horas, ficou completamente esvaziado, na Capital, o mercado de alimentos básicos, água e velas... Outro detalhe alarmante – militares começaram a cavar trincheiras no Parque D. Pedro II... E o pavor se espalhou... E se de repente começasse uma revolução? E se no meio da confusão fôssemos separados à força de nossos familiares? O que fazer? Que marcas ir deixando pelos caminhos para nos reencontrarmos? Já tínhamos visto filmes de guerra... mas não conosco como protagonistas... Tudo era muito novo para nós... e "insanamente" real, como diria Steven Jobs ...

Nesse ínterim, o dinamismo cultural da FFCL, sua pluralidade e sua autonomia intelectual incomodavam muito as autoridades da polícia civil, do Exército e da Aeronáutica, incumbidas de manter a ordem em São Paulo... E incomodavam mais ainda os governantes do Estado de São Paulo, o Reitor da USP e os Diretores das Unidades da USP, que se empenhavam em evitar contestações de docentes e de estudantes. Daí o alívio que veio com a Reforma Universitária de 1968, ao acabar com o *"monstro" FFCL e seu significativo e volumoso orçamento...*

Economia na FFCL – Do modelo francês (1934) ao modelo dos EUA (1968)

Novos fatos estimularam a multiplicação de Faculdades públicas em todo o Brasil, tanto federais quanto particulares, em especial a crescente urbanização, a ascensão da classe média e o ingresso de mulheres na força de trabalho qualificado.

Com a popularização e a democratização do ensino superior, aumentou também a pressão docente e estudantil por um modelo de aprendizado mais próximo das

empresas industriais e de prestação de serviços, que naquele momento sobressaíam na economia paulista. Predominavam, é claro, a lógica do mercado e as perspectivas de trabalho em empresas para aqueles que cursavam Graduação, ficando reservada aos Cursos de Pós-Graduação a aspiração de se formar novos intelectuais capazes de abrir novos caminhos à sociedade brasileira. Assim, a FFCL da USP, criada em 1934 para formar uma elite intelectual, teve sua meta principal alterada pela reforma do ensino em todo o País, em 1968 – e que estava também de acordo com a orientação do AI-5 de retirar os estudantes contestadores dos grandes centros urbanos... Dessa forma, para atender a ambos os objetivos, a FFCL-USP foi *atomizada e dispersada* na então inconclusa Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira... Isto é, além de dividida em cerca de 10 Institutos de áreas específicas, criou-se a Faculdade Educação e realocou-se parte de seus docentes em outras Faculdades já existentes, de acordo com suas respectivas especialidades.

Ao mesmo tempo, inspirada na estrutura educacional dos EUA, a Reforma de 1968 extinguiu as cátedras e criou os Departamentos como a menor unidade de ensino, dirigidas por chefes eleitos dentre os Professores Titulares, mas com mandato de apenas dois anos e possibilidade de uma só recondução. Atendia-se, então, às reivindicações de ascensão profissional e de gestão democrática do corpo docente, até então contidos pelo autoritarismo de modelo europeu: cátedra vitalícia = catedrático vitalício ....

Além de democracia interna, as Faculdades passaram a ter também autonomia didática, técnica e administrativa. Comenta-se, entretanto, que as *Faculdades de Direito* e de *Medicina da USP alteraram* a orientação da Reforma Universitária: ao invés de vários Professores Titulares com possibilidade de eleição periódica para Chefiar um mesmo Departamento por dois anos e apenas uma recondução, *conseguiram* manter o "poder concentrado" em uns poucos professores titulares e transformar as *cátedras em "catedrais"*... Outra crítica: o estímulo de pesquisas nacionalistas e desenvolvimentistas despertou certo viés esquerdista nas áreas de Ciências Humanas...

O percurso de Combray, narrado por Proust, é a interface que me conduz às lembranças das Ruas Maria Antônia e Dr. Vila Nova.

Há diferenças entre as duas visões do mundo econômico – da FFCL e da FEA? Seriam elas resultantes de duas culturas diferentes? A vertente de Economia, entendida como embasamento das reflexões dos cientistas sociais, reforçou na USP a tradição humanista da Missão Francesa que, em 1934, implantou na FFCL os estudos universitários de Economia para Ciências Sociais.

É interessante o depoimento do Prof. Paul Hugon, catedrático de Economia e História das Doutrinas Econômicas, que durante décadas ocupou o cargo de catedrático nas duas Faculdades - a FFCL e a FEA – e orientou teses de discípulos que se tornariam docentes em universidades de São Paulo e de outros Estados do Brasil. Como já dissemos, Paul Hugon[15] foi o último representante da Missão Francesa na USP, após François Perroux (1936), René Courtin (1937) e Pierre Fremont (1938). E também aquele que mais tempo permaneceu na USP, onde ministrou aulas de microeconomia, desenvolvimento econômico e doutrinas econômicas nos cursos de quatro anos da então Cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas do Curso de Ciências Sociais da FFCL.

Explicava o mestre francês que seus cursos eram marcados por uma *concepção predominantemente especulativa, pura, desinteressada, em busca da interpretação do mundo econômico a partir de debates fundamentalmente doutrinários, humanistas e históricos.* Em reedição de seu livro – História das Doutrinas Econômicas (Ed. Atlas), apresentou uma explicação mais abrangente – *"Uma doutrina econômica constitui, a um só tempo, o modo de organização econômica de uma dada sociedade e*

a interpretação da atividade econômica dessa sociedade. A ciência visa explicar os fenômenos econômicos e a doutrina contém os elementos da política econômica escolhida para realizar a organização desejada".

Paul Hugon [15] vinha de uma tradição histórica: Economia e Direito eram estudados na Faculté de Doit et Sciences Économiques, da Université de Paris. Em 1968, entretanto, as duas áreas seriam separadas em duas Faculdades distintas pela Reforma do Ensino Superior da França.

A influência francesa refletia-se também na bibliografia utilizada na Faculdade de Direito da USP: durante muito tempo, os professores da disciplina Economia adotaram o *Compêndio de Economia Política, de* Charles Gide (reeditado sucessivamente durante décadas) e também os dois volumes de *História das Doutrinas Econômicas* que Gide escreveu em parceria com Rist.

Quando surgiu o livro *História das Doutrinas Econômicas,* de Paul Hugon, foi amplamente adotado na disciplina *Introdução à Economia,* dos Cursos Jurídicos brasileiros.

Do qualitativo ao quantitativo - EUA sob os holofotes...

No mundo Ocidental, a orientação dos estudos acadêmicos de Economia mudou muito a partir do final da 2ª. Grande Guerra, como consequência do desenvolvimento nos EUA de uma economia quantitativa, matemática, estatística e econométrica.

Vários fatos contribuíram para que os EUA ocupassem a cena econômica e educacional no Ocidente, superando a França e a Grã-Bretanha:[16] (a) o estreitamento dos contatos diretos entre matemáticos, estatísticos, economistas e administrado-

[15] Fernando de Azevedo, As Ciências no Brasil, São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1955.

[16] Diva Benevides Pinho, Cap. 2. Aspectos da Evolução da Ciência Econômica – do início do século XXI às Raízes do pensamento econômico, p. 26-64, Manual de Economia, São Paulo: Saraiva, 2011.

res civis e militares em instituições ligadas à pesquisa militar nos EUA, durante a 2ª. Grande Guerra, como parte do esforço para vencer os inimigos; (b) a continuação, depois da Guerra, de pesquisas multidisciplinares aplicáveis às atividades militares e econômicas em geral, tais como a utilização da teoria dos jogos, programação linear, análise de sistema, alocação ótima de recursos, pesquisa operacional e outras.

O trabalho em equipe e a cooperação de competentes acadêmicos do mundo inteiro, entretanto, só foi possível graças à colocação oficial de volumosos recursos à disposição dos pesquisadores pelo Governo dos EUA, então com o maior PIB do mundo e apoio de grandes instituições privadas norte-americanas.

E assim, nos EUA, desenvolveram-se rapidamente muitas e importantes contribuições teóricas, tais como a teoria do comércio internacional, a análise da flutuação dos ciclos, a teoria do consumidor, a teoria do valor, a macroeconomia keynesiana, entre outras.

O livro de Samuelson, *Economics, an introductory analysis*, tornou-se o manual básico mais famoso dos cursos universitários de ciências econômicas do mundo ocidental, a partir de 1949 (1ª edição rapidamente traduzida para diversos idiomas). Em 1988, foi atualizado por Samuelson, em parceria com William D. Nordhaus, então um dos jovens economistas mais destacados dos Estados Unidos – e recebeu o título simples de *Economia,* sem subtítulo.

Ao mesmo tempo, os EUA desenvolveram programas institucionais de pesquisa (Ford, Rockefeller e outras) e distribuíram bolsas de estudos a estudantes estrangeiros. Países como a França, que mantinham importante intercâmbio cultural com a USP, não conseguiram acompanhar a concorrência norte-americana. E assim, as fundações da FEA (FIPE, FIA e FIPECAFI) intensificaram o intercâmbio cultural de professores e alunos com os EUA. E mais a orientação quantitativa dos estudos econômicos nos EUA atendia à necessidade de aplicação profissionalizante dos cursos da FEA.

A Reforma da USP precipitou a integração na FEA-USP dos Cursos de Economia da FFCL

Os cursos da FEA haviam sido orientados para atendimento da extensa demanda do empresariado paulista e também do Governo Federal, dos outros Estados brasileiros e de seus respectivos complexos metropolitanos.

Inicialmente, houve uma espécie de choque com a orientação do *ensino institucional de Economia, que vinha da tradição humanista implantada pela Missão Francesa nos* cursos de Ciências Sociais da FFCL-USP.

Aos poucos verificou-se, entretanto, que se tratava de um choque apenas aparente, e a Reforma da USP, em 1970 - para atender às determinações da Lei 5.540/68 que implantou a Reforma Universitária no Brasil - contribuiria para a integração de ambos os cursos - da FFCL e da FEA. Realmente, a Lei 5.540/68, conhecida como a Lei da Reforma Universitária no Brasil, teve o objetivo de reestruturar e reorganizar a Universidade brasileira.

Dentre as modificações mais relevantes destacaram-se:

- a eliminação das cátedras e de sua vitaliciedade e criação dos Departamentos como unidades básicas de ensino e pesquisa - "a menor fração da estrutura universitária para todos os efeitos de organização administrativa, didático-científica e de distribuição de pessoal";

- substituição dos Catedráticos por Chefes de Departamento, eleitos pela comunidade dos respectivos Departamentos. Simultaneamente, o crescimento dos Departamentos mediante concursos periódicos – inclusive para o último degrau da carreira docente (o que não era possível com a cátedra vitalícia)

- abriu também a oportunidade de haver mais de um Professor Titular com a ascensão profissional dos professores adjuntos e associados ao grau máximo da carreira universitária;

- *semestralidade das disciplinas;*

- *instituição dos créditos como unidade de medida para a contabilidade acadêmica de integralização curricular;*

- *outras determinações da lei incluíram a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, e o vestibular unificado para cada instituição.*

A adaptação do Estatuto da USP à Lei da Reforma Universitária 5.540/68 levou à criação de novos Institutos, cujos Departamentos surgiram do desmembramento das antigas Cátedras das Faculdades (nestas permaneceram as áreas profissionalizantes).

Como decorrência da Reforma Universitária de 1968, dois anos depois os Estatutos da USP (1970) determinaram a ***redistribuição de seus docentes*** pelas Faculdades e Institutos, de acordo com a especialidade de cada um deles. Então, a equipe de 16 docentes de Economia dos cursos de Ciências Sociais da FFCL foi redistribuída para a FEA. Foram também redistribuídos, para suas respectivas Faculdades ou Institutos, os docentes de Direito, Matemática, Estatística e História.

Ao comunicar-me minha transferência *ex-officio* para a FEA, o então Diretor da FFCL, historiador Prof. Dr. Eurípides Simões de Paula, convidou-me para integrar o corpo docente de História com a carinhosa expressão – *Minha filha, você pertence à FFCL, seu lugar é aqui conosco.* Convido-a a permanecer aqui em alguma disciplina de História. Agradeci-lhe emocionada, mas disse-lhe que havia investido muito tempo e estudo em Economia e gostaria de tentar minha integração na FEA, mas se não desse certo, retornaria.

Encontrei-me com o Prof. André Franco Montoro na antessala do então Diretor da FEA, Prof. José Francisco de Camargo, quando de minha apresentação como representante da equipe de 16 professores de Economia da FFCL.

E o Prof. Montoro estava se despedindo porque sua disciplina de Introdução à Ciência do Direito passara a integrar o currículo da Faculdade de Direito.

Com o objetivo de complementar a formação de seus alunos, a FEA criou a FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), incumbida de promover, inclusive, estágios nos EUA – aliás, já mencionado, devido ao grande desenvolvimento ocorrido naquele país durante a 2ª. Grande Guerra, como parte do fantástico esforço governamental de reunir os maiores especialistas do mundo em Economia, Estatística, Matemática, Física e outras ciências, com o objetivo de desenvolver estudos para ganhar guerra mundial. E assim, *as duas grandes vertentes de estudos econômicos da USP – a Economia da FFCL e a FCEA - fundiram-se na* **FEA**, em seguida denominada ***Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FEA*** (sigla mantida, porém, após consulta à comunidade feana).

A variação das siglas de FCEA para FEA, e a ampliação do nome por extenso, para incluir o Departamento de Contabilidade, entretanto, nunca preocuparam o Prof. Antonio Delfim Netto, porque ele sempre se referiu à sua Faculdade carinhosamente como ***a Escola*** *(carregando um pouco no* ***s****, embora seja paulistano...).*

Assim, a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, com importante apoio de suas respectivas Fundações – FIPE, FIA, FIPECAFI - tornou-se importante e respeitado "centro de excelência". Posição em que se mantém desde os anos 1980.

A FEA na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (CUASO)

A convivência da FEA com a FFCL praticamente desapareceu quando o grande complexo dos cursos de Filosofia, Ciências e Letras foi transferido às pressas para o *campus* da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira, em 1968, e dois anos depois *oficialmente atomizado*, isto é, desmembrado em cerca de dez Unidades, na maioria Institutos, e espalhados em vários prédios da Cidade Universitária.

No mesmo ano de 1970 começou a construção do novo prédio da FEA na Cidade Universitária, na Av. Prof. Luciano Gualberto, 908 - o FEA-1, posteriormente acrescido de mais cinco prédios, além de um grande Restaurante em área cedida pela FEA - no mesmo endereço, isto é, quase em frente à FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), ao lado da ECA (Escola de Comunicação e Artes) e nas proximidades de vários bancos.

Concomitantemente à grande expansão econômica, financeira e de serviços da Capital paulista e do Estado de São Paulo, também se expandiram e se aprofundaram as áreas de estudos econômicos, contábeis e administrativos da FEA-USP, como já foi destacado.

FIPE E A AFIRMAÇÃO DA FEA, COMO UMA FACULDADE PROFISSIONALIZANTE

Desde sua fundação, a FEA buscava um caminho profissionalizante, prático, voltado para os negócios, para a utilização do conhecimento das ciências econômicas "como ferramenta de trabalho à disposição de economistas profissionais" (como gostava de repetir o Prof. Freitas Bueno).

No início, houve algumas dificuldades internas, inclusive de adaptação e reciclagem de programas e de professores, na maioria egressos de cursos de economia institucional, qualitativa e humanista.

Sucessivos movimentos grevistas de alunos e manifestações de descontentamento de professores exigiram mudanças imediatas. Como a então Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas (FCEA) não tinha catedráticos em número suficiente para compor sua própria Congregação, o Reitor indicou um catedrático da Politécnica/USP, o Prof. Dr. Ruy Aguiar da Silva Leme, que, além de competente na condução dos trabalhos de entendimento entre professores e alunos, revelou-se um notável pacificador e amigo. Os problemas internos foram superados gradativamente, inclusive a reclamação estudantil quanto às dificuldades de

oferecer informações a empresários e organizações bancárias de São Paulo.... Aliás, haviam feito greve porque a FCEA não lhes oferecia instrumental de trabalho prático, justamente em um momento importante do desenvolvimento da Capital Paulista, que passava de uma economia cafeeira a uma economia industrial (cf. publicação em português e inglês – Diva Benevides Pinho, A FEA-USP no Tempo – contribuição à memória de seus 60 anos, São Paulo, 2006).

A realidade é que o ensino de Economia, nos anos 1955-60, já não atendia satisfatoriamente às necessidades das atividades econômicas do Estado de São Paulo e do Brasil. O mundo pós 2ª. Grande Guerra era outro... e o dinamismo industrial e financeiro paulista criava novas exigências que se refletiam na área dos estudos econômicos.

Tornava-se cada vez mais evidente o dilema de que falara, há anos, o filósofo e especialista em metodologia da ciência econômica, Gilles Gaston Granger: "a economia é, ao mesmo tempo, uma ciência social que tem por objetivo o atendimento das necessidades humanas, mas é também uma ciência que estuda bens concretos", que podem ser medidos, contados e comercializados, exportados.

E externamente cresciam as pressões, sobretudo de São Paulo, por assessoria, bancos de dados, índices econômicos, entre outras. Tanto o empresariado industrial como o sistema bancário e financeiro – atividades em ascensão devido ao intenso desenvolvimento industrial da Capital paulista e do Estado de São Paulo – exigiam orientação de economistas especializados. Na área governamental, igualmente, aumentava a demanda de economistas-assessores nos planos federal, estadual e municipal.

Avaliação dos Cursos da FEA

Nas últimas décadas, os Cursos de Economia da FEA-USP têm sido muito bem avaliados por publicações especializadas. A Pós-Graduação do Departamento de Economia tem mantido a nota máxima de avaliação trienal da CAPES, que é 7 (sete). É que seu Programa, criado em 1964, oferece sólida e pluralista formação

acadêmica, assegurada pela competência e diversidade de seu atual corpo docente. E informa que, além de contemplar o estado da arte em diversas abordagens teóricas, metodológicas e empíricas, enfatiza a reflexão sobre a evolução das ideias econômicas. Assim, o curso de Mestrado tem como objetivo fornecer aos alunos um excelente treinamento em Teoria Econômica e em Métodos Quantitativos, que lhes permita entender e desenvolver *pesquisa acadêmica de fronteira.* O Programa conta com um corpo docente que realiza pesquisas em um amplo espectro de áreas e faz publicações regulares em revistas especializadas de alto nível. Entre as áreas de pesquisa destacam-se (em ordem alfabética): Desenvolvimento Econômico, Econometria, Economia Agrícola, Economia da Educação, Economia do Meio Ambiente, Economia Internacional, Economia Regional e Urbana, Economia da Saúde, Economia do Trabalho, Finanças, História Econômica, História do Pensamento Econômico, Macroeconomia, Microeconomia, Organização Industrial, Sociologia Econômica e Teoria dos Jogos.

Ampliação da FEA na CUASO

Além do primeiro prédio inicialmente ocupado, denominado FEA-1, atualmente há mais 5 prédios ocupados pelos próprios cursos da FEA (Economia, Administração e Contabilidade) e 1 prédio que foi cedido ao restaurante Sweden, além de um novo andar especialmente construído em cima do edifício da Biblioteca para receber o acervo do Prof. Antonio Delfim Neto.

A FEA, parte do complexo USP, é reconhecida como a maior instituição de ensino e de pesquisa do Brasil. É a 7ª Unidade da USP em número de publicações e ocupa posição de destaque entre as 35 Unidades (Faculdades, Escolas e Institutos) que compõem a USP.[17]

[17] Além de 35 Unidades (Faculdades, Escolas e Institutos), a USP conta também com órgãos de integração (Museus, Institutos Especializados, Núcleos de Apoio) e órgãos Complementares (hospitais).

Biblioteca da FEA-USP e Acervo Delfim Neto

O acervo do Serviço de Biblioteca e Documentação da FEA/USP - SBD/FEA antecede à criação da própria Faculdade, em 1946, quando começou a funcionar na Rua Dr. Vila Nova. E começou a ser constituído uns anos antes, em 1942, para atender às necessidades dos servidores do DSP - Departamento de Serviço Público, alocados no Palácio do Governo do Estado de São Paulo. Em 1944, o serviço foi ampliado e passou a ser destinado aos demais servidores públicos, estudantes, professores, técnicos e ao público em geral.

Em 11 de fevereiro de 1946, esse acervo foi transferido para o Instituto de Administração da recém-fundada Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, onde permaneceu até 1965, quando foi, definitivamente, incorporado ao SBD/FEA. Investimentos contínuos nas décadas seguintes transformaram esse acervo em um dos maiores e mais valiosos do Brasil em sua área de atuação. Hoje, aos mais de 170.000 títulos existentes, distribuídos entre livros, teses, periódicos e multimeios, serão acrescidas as novas 200.000 obras oriundas da Biblioteca privada do Professor Emérito Antonio Delfim Netto, doada, recentemente, à Universidade de São Paulo.

Prof. Delfim Netto doa seu importante acervo à FEA-USP

Neste item, com base em entrevista do Prof. Paulo Yokota quando da doação do Prof. Delfim Neto à FEA-USP, ficamos conhecendo o grande amor do Mestre pelos livros, desde muito jovem. E durante cerca de 70 anos reuniu obras adquiridas em livrarias e sebos do mundo inteiro, especialmente em Londres, Nova Iorque, Paris, Tóquio (inclusive nos quarteirões de livrarias do bairro de Kanda). Ao fazer a doação o Mestre afirmou - "Estou devolvendo à USP um infinitésimo do que ela me deu".

"Collezione Custodi", informa Yokota a título de exemplo, é uma preciosidade que mostra a existência de economistas italianos já no século XVI, antes de Adam Smith e outros clássicos do Reino Unido. Também há enciclopédias raras, como as de Diderot e D'Alembert, de 1777, e, ainda, diversas edições da Enciclopédia Britânica, como a de 1909, cujos verbetes foram escritos por Francis Ysidro Egeworth. Uma coleção germânica reproduz as primeiras edições de todos os clássicos, tão bem como os originais, inclusiva com as dedicatórias de alguns autores.

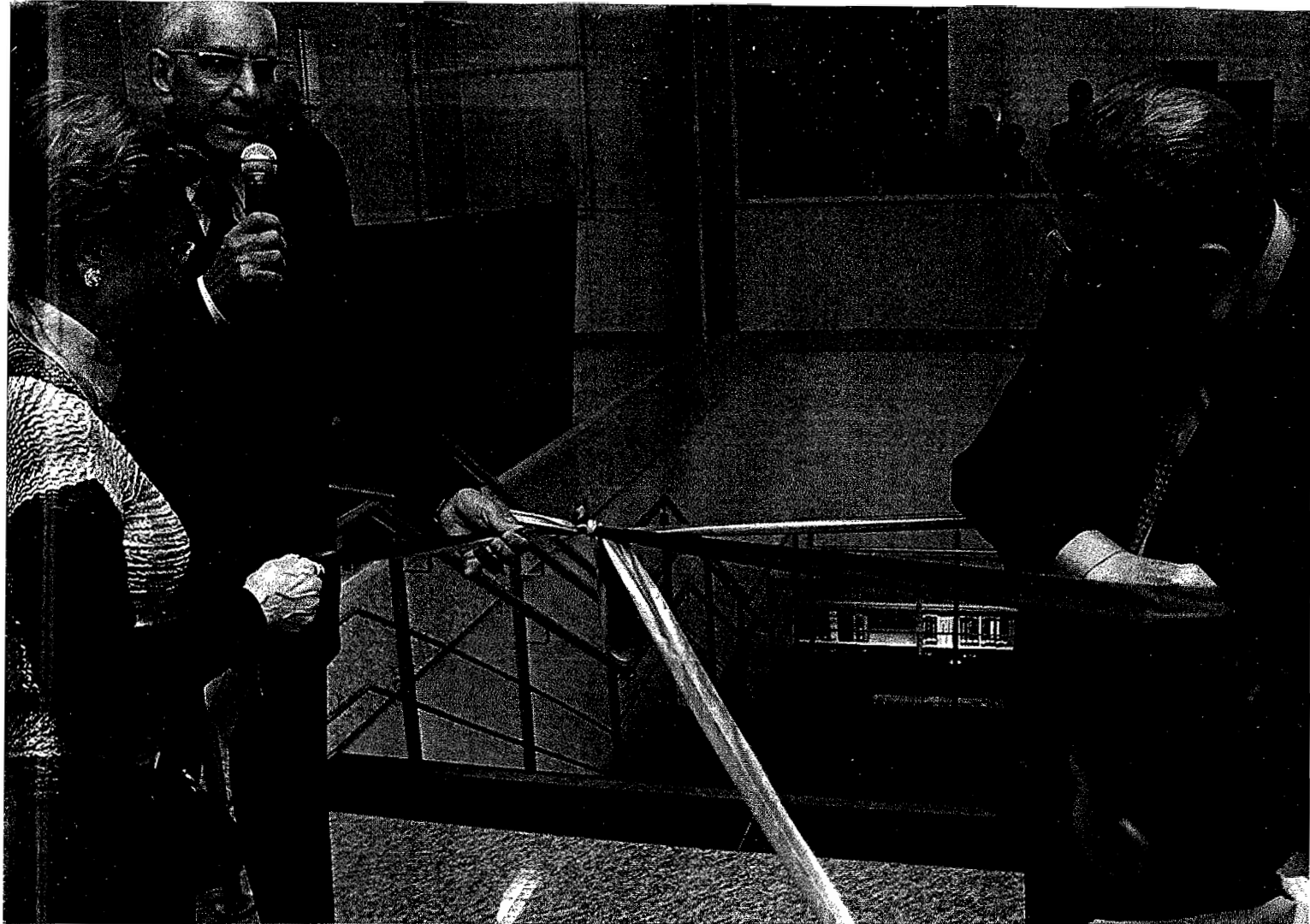
Apenas sobre marxismo, Delfim Netto reuniu mais de 10.000 volumes. E como era Fabiano - socialismo não marxista - alguns livros foram procurados por dezenas de anos, nos sebos de todo o mundo. O ecletismo do Prof. Delfim é comprovado por seu acervo com livros de todas as tendências ideológicas, livros de Estatística, Matemática, História, Antropologia e Sociologia etc. Os idiomas variam: inglês, português, alemão, italiano, francês etc. Outras raridades são as cartas originais de Dom Pedro I à Marquesa de Santos, e as obras relacionadas às artes na Itália.

E continua Yokota - Uma parte substancial do acervo compreende artigos de livros e revistas das bibliotecas do Ministério da Fazenda, Congresso Nacional, FMI e Banco Mundial, agrupados por assuntos similares. Também existem teses e trabalhos acadêmicos como os disponíveis no NBER – National Bureau of Economic Research e outras fontes raras. Yokota mostra a obstinação de Delfim por livros desde os 14 anos, quando comprou seu primeiro título na Civilização Brasileira. Como Delfim costuma dizer, a biblioteca é seu "maior patrimônio". E não teve dúvida em dar um destino seguro aos seus livros – os já existentes e aqueles que continuam chegando, em constante atualização (cuja média é de seis registros diários de novos títulos selecionados pessoalmente pelo próprio economista). E que desde o fim da década de 1980 foram sendo reunidos em um sítio em Cotia – hoje, uma das maiores e mais impressionantes coleções particulares no Brasil: 290 mil itens, cerca de 130 mil deles somente de livros.

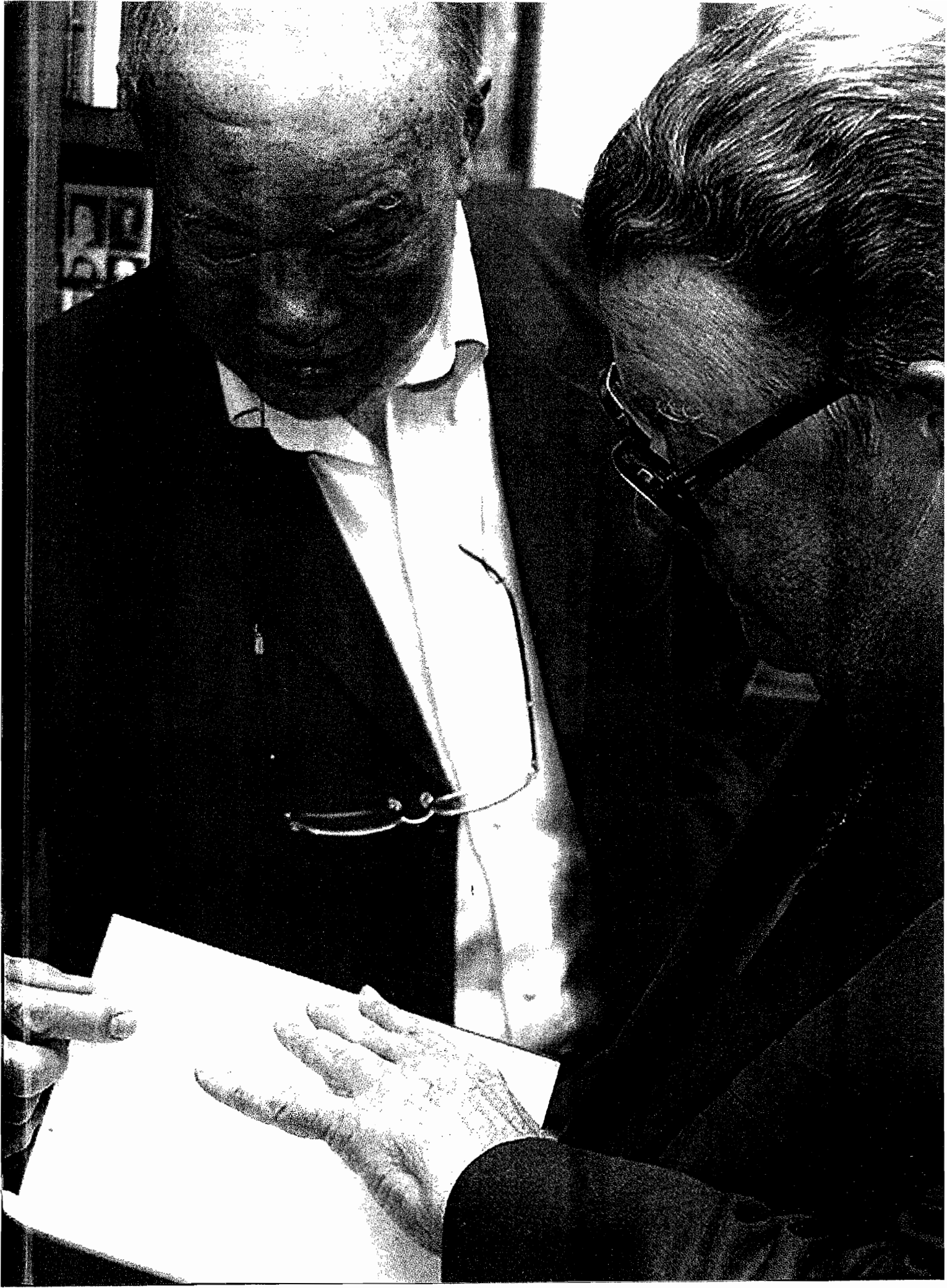
Nas proximidades de São Paulo, Delfim encontrou condições de expandir sua biblioteca, ao som do canto de centenas de tucanos, bem-te-vis, sabiás e jacus, também cuidados por Delfim e alimentados com dois sacos de semente de girassol por semana.

Os pássaros permaneceram no local, mas as quatro amplas salas de 1.500 m² foram esvaziadas e todos os livros colecionados foram doados para a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, a FEA, da Universidade de São Paulo.

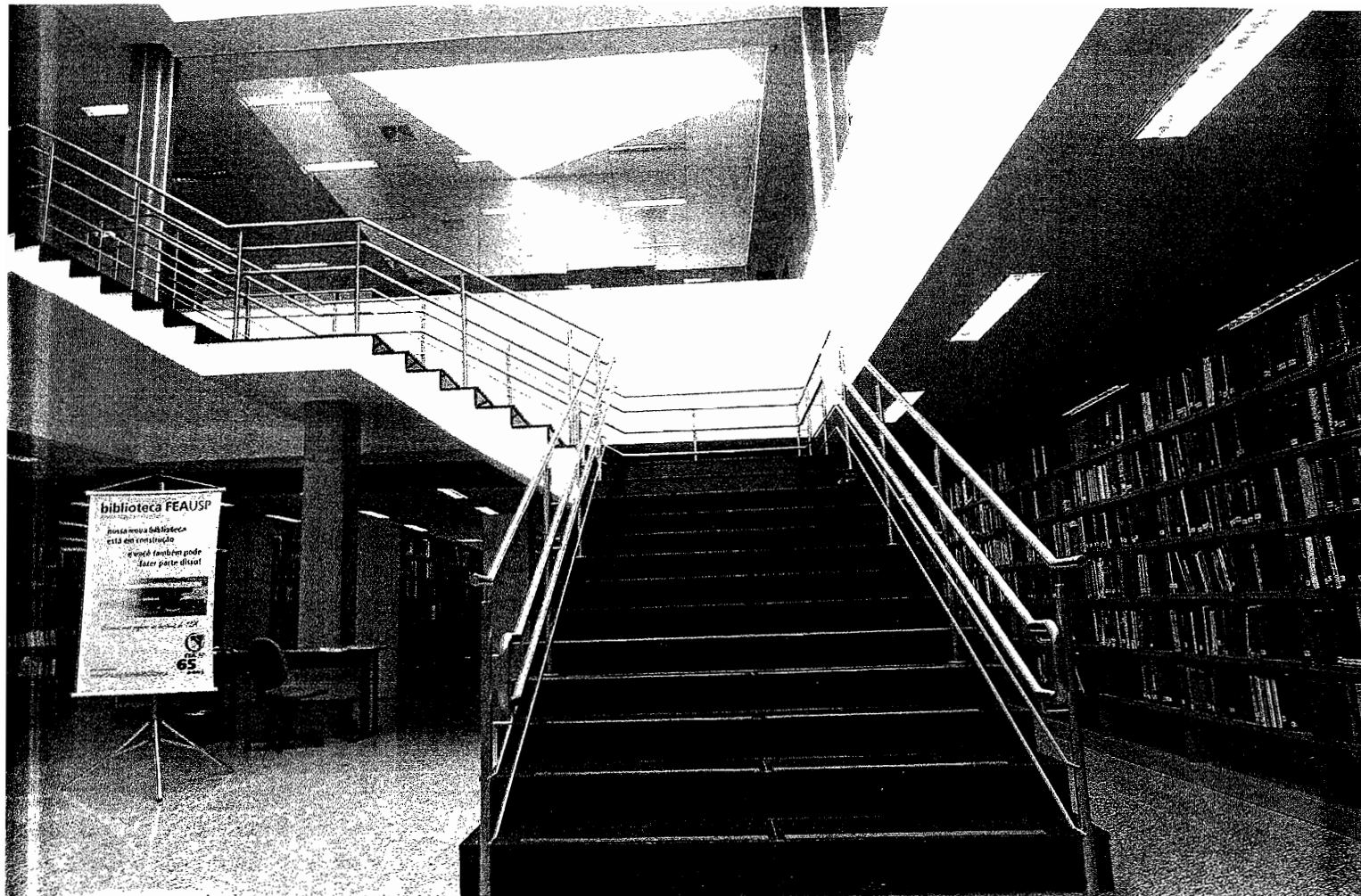
E Delfim explica - "Quase não leio um livro inteiro, apenas o capítulo que mais me interessa, mas sempre dou uma olhada em diagonal no restante". E considera que a leitura varia de acordo com o tempo porque *os livros são obras abertas.*

"Quando você lê o Adam Smith pela primeira vez, é um Adam Smith. Quando você, com mais idade, lê o Adam Smith, você acha que tudo está no Adam Smith."

Prof. Reinaldo Guerreiro, Antonio Delfim Netto e seu neto, Diva Benevides Pinho em cerimônia de inauguração da Nova Biblioteca da FEA-USP.

Cerca de 50% dos títulos do acervo são em inglês, 30% em português e o restante em francês, italiano, espanhol e alemão. "Como colecionador, Delfim tem uma visão ampla, sem dogmas, sem preconceitos", diz Reinaldo Guerreiro, diretor da FEA. Aprovado no vestibular da Universidade em 1948, inicialmente seguiu a carreira acadêmica, depois se afastou para ser Ministro do Governo Brasileiro e Embaixador do Brasil na França, recebeu da Congregação da FEA o honroso título de *Professor Emérito* e, agora, a FEA ofereceu-lhe uma Sala especial no novo andar da Biblioteca, construído especialmente para abrigar seu acervo, e onde ele continuará consultando seus livros (www.fea.usp.br/novabiblioteca/).

Professores Delfim Netto e Paulo Yokota em Cerimônia da doação do acervo Prof. Delfim a Biblioteca da FEA-USP

Faculdade de Direito da USP – importante marco de estudos jurídicos, políticos e

(...) Faculdade que foi minha alma mater, o lugar em que verdadeiramente aprendi as regras do Direito e do Dever". Barão do Rio Branco

Em 1954, concluí o curso da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP), também conhecida como Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, simplesmente São Francisco ou ainda "Arcadas", em alusão à arquite

tura de seu edifício principal. Formei-me com a chamada *Turma do Quarto Centenário de São Paulo*, isto é, a que concluiu o curso de Direito no ano das comemorações dos 400 anos da Fundação da Capital paulista pelo padre José de Anchieta, em1954.

Os cursos de graduação duravam cinco anos, de modo que pertenci à Turma matutina de 1953 e, quando passei para a quinta série, ausentei-me por um ano para cursar *Economia* na então *Faculté de Droit et Sciences Economiques* da *Université de Paris (agora Faculdade de Economia da Sorbonne ampliada),* como bolsista do Governo Francês – naquela ocasião, eu já era Assistente da Cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas da FFCL-USP.

A Turma de 1953 da Faculdade de Direito teve grandes catedráticos que durante três anos acompanharam a mesma Turma de alunos, com destaque para Basileu Garcia (catedrático de Direito Penal, frequentemente aplaudido de pé pe-

los alunos por suas brilhantes aulas-conferência, e Waldemar Ferreira, respeitada autoridade de Direito Comercial. Havia também os mestres–estrelas, como Miguel Reale (Filosofia do Direito); os mestres temidos, como Alexandre Correa (Direito Romano), os mestres criativos – como Antônio Ferreira Cesarino Júnior e sua numerosa equipe de Assistentes voluntários, encarregados das aulas práticas; e os mestres que davam oportunidade para a expansão do tradicional *humor dos bacharéis das Arcadas,* nos primeiros dez a quinze minutos das aulas, como Alvino Lima (Direito Civil), que *repetia sempre a mesma advertência-provocação aos 10% de alunas* (naquela época, ao contrário de hoje, as classes eram predominantemente masculinas) – *vocês deveriam estar em casa, cozinhando, lavando roupa, mas já que estão aqui, sentem-se na primeira fileira...* Então, a torcida masculina aplaudia, assoviava, gritava, cantava... era a oportunidade para repetirem as canções são-franciscanas – o famoso pique-pique (origem do parabéns a você) ou uma parte do *Quim Quim Querum...*

Enquanto isso, as poucas jovens dirigiam-se sem pressa para a primeira fileira... – demora que já fazia parte da costumeira encenação... E eu, que já estava na chamada *fila do gargarejo*, fingia ler durante os 15 minutos de espera...

Em meu quinquênio como aluna das *Arcadas* (essa era, na ocasião, a duração dos cursos matutinos de Direito), não me cansei de contemplar *encantada, absolutamente encantada (ou insanamente encanada, como diria Steven Jobs...),* seu importante acervo cultural - o mobiliário do Salão Nobre e da Sala da Congregação (confeccionados no Liceu de artes e Ofícios de São Paulo), os imensos retratos de antigos Mestres em Salões de aulas-conferência, as esculturas de renomados artistas, distribuídas pelos corredores... e os vitrais das escadarias internas... Que deslumbramento!

As aulas da *Turma Diurna,* de cerca de 250 alunos, eram então ministradas em diferentes Salões - subíamos e descíamos as escadas várias vezes na mesma manhã. E eu sempre contemplei embevecida os *vitrais* produzidos pela Casa Conrado Sorgenicht – que instalou mais de 50 conjuntos na cidade de São Paulo… Empresa fundada em 1889 pelo alemão que lhe deu o nome, a Casa Conrado Sorgenicht

produzia vitrais nacionais semelhantes aos importados da Europa, originários de antiga tradição artesanal europeia com raízes no século X. E decorou os principais prédios públicos, igrejas e mansões da Capital de São Paulo durante cerca de120 anos – tais como o Mercado Municipal, a Catedral da Sé, a Sala São Paulo, o Palácio das Indústrias, a Casa das Rosas, a Faculdade de Direito-USP etc.

O ápice da arte em vitrais em São Paulo teve dois momentos principais: (a) de 1920 a 1930, representou um *quase monopólio* da Casa Conrado, devido à sua parceria com o engenheiro e arquiteto Ramos de Azevedo; (b) de 1950 a 1960, sob a direção de Adalberto Sorgenicht (neto do fundador alemão, e já nascido em São Paulo), incluiu obras de diferentes artistas, tais são, por exemplo, os vitrais de mais de 230 metros da Beneficência Portuguesa e da FAAP, que apresentavam reproduções de Tarsila do Amaral, Carybé, Lina Bo Bardi, Portinari e Tomie Ohtake, entre outros.

Os maravilhosos vitrais contribuíram para aumentar a imponência arquitetural das Arcadas do Largo de São Francisco e ainda hoje continuam encantando seus alunos e visitantes, apesar da deterioração do entorno, parte aliás da decadência do Centro da Capital – decadência impressionante pela crescente poluição sonora e atmosférica de frenético trânsito de ônibus e carros, além da sujeira deixada por mendigos e *sem teto* que pernoitam na entrada da Faculdade e na Igreja...

Creio que hoje o próprio Barão do Rio Branco ficaria revoltado com a atual decadência do Largo de São Francisco. E sentiria mais saudades do passado...

Ainda sobre as lembranças do Barão do Rio Branco, devo acrescentar dois fatos históricos: somente a partir de 1946 é que a nova Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP começaria a preparar economistas, contabilistas e administradores de empresas públicas e privadas. E no campo *político,* a Faculdade de Direito-USP só encontraria concorrente no Curso de Ciências Sociais da FFCL-USP, nos anos 1960... e que abalariam, embora por poucos anos, o *mainstream* político e educacional do País...

Tradição de defesa da democracia

Historicamente, os movimentos políticos que marcaram a História do Brasil surgiam com o firme posicionamento democrático dos bacharéis de direito, estudantes e antigos alunos das Arcadas, a Faculdade de Direito fundada em São Paulo em 1827, concomitantemente com a Faculdade de Direito de Olinda, em Pernambuco.

Realmente, os são-franciscanos posicionaram-se em defesa da democracia. Entre os muitos exemplos, destacamos aqui um dos mais recentes - a **Carta aos Brasileiros** do Professor Goffredo da Silva Telles Jr., lançada em 8 de agosto de 1977, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, repudiando a ditadura militar e o Pacote de Abril de Ernesto Geisel alterando a Constituição - *já ela ilegítima, porque outorgada pela Junta Militar em 1969 - para criar os senadores biônicos e adotar várias outras medidas de restrição às liberdades.*

Na noite de 8 de Agosto de 1977, em plena vigência do regime de ditadura militar, o Prof. Goffredo leu sua **CARTA AOS BRASILEIROS**, na chamada *Tribuna Livre da Faculdade,* no pátio externo da FD, no Largo São Francisco - uma tribuna que pertence à Faculdade - diante da grande multidão de estudantes, altas personalidades, jornalistas e estudantes, em comemoração do Sesquicentenário da Fundação dos Cursos Jurídicos no Brasil. Em seguida, os estudantes saíram em passeata pelo centro de São Paulo.

> *(...) dirigimos, a todos os brasileiros esta Mensagem de Aniversário, que é a Proclamação de Princípios de nossas convicções políticas. Na qualidade de herdeiros do patrimônio recebido de nossos maiores, ao ensejo do Sesquicentenário dos Cursos Jurídicos no Brasil, queremos dar o testemunho, para as gerações futuras, de que os ideais do Estado de Direito, apesar da conjuntura da hora presente, vivem e atuam, hoje como ontem, no espírito vigilante da nacionalidade.*

Queremos dizer, sobretudo aos moços, que nós aqui estamos e aqui permanecemos, decididos, como sempre, a lutar pelos Direitos Humanos, contra a opressão de todas as ditaduras. Nossa fidelidade de hoje aos princípios basilares da Democracia é a mesma que sempre existiu à sombra das Arcadas: fidelidade indefectível e operante, que escreveu as Páginas da Liberdade, na História do Brasil.

Além do firme posicionamento democrático, há muito tempo os bacharéis são-franciscanos também continuam se destacando em múltiplas atividades dos Poderes Executivo, Judiciário e Legislativo do Brasil.

Na ***Presidência da República*** atuaram são-franciscanos como Prudente de Morais, Campos Salles, Afonso Pena, Rodrigues Alves, Delfim Moreira, Wenceslau Brás, Artur Bernardes, Washington Luiz e Jânio Quadros. No ***Governo do Estado de São Paulo***, após a República estiveram Américo Brasiliense, Jânio Quadros, Abreu Sodré e Franco Montoro. Também no Judiciário e no Parlamento os são-franciscanos se destacaram. Na ***literatura*** distinguiram-se grandes poetas – todos bacharéis das Arcadas: Castro Alves, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela, Guilherme de Almeida; e também grandes romancistas: José de Alencar e Bernardo Guimarães. Monteiro Lobato, que dispensa comentários. Houve ***famosos oradores***, como José Bonifácio; parlamentares como Joaquim Nabuco; jurisconsultos como Pimenta Bueno, Barão de Ramalho. No ***jornalismo*** distinguiram-se os Rangel Pestana e a Família Mesquita. E mais ***professores***, ***juízes***, ***promotores***, ***diplomatas***... Autoridades como João Mendes, João Mendes Jr., Pedro Lessa, Barão de Rio Branco, Waldemar Ferreira, Spencer Vampré, Reynaldo Porchat, Alcântara Machado, Francisco Morato, Vicente Ráo, Miguel Reale, Ulisses Guimarães, Cásper Líbero, Euzébio Matoso. Muitos dos bacharéis das Arcadas são referência internacional na ***cultura jurídica brasileira***, tais como Goffredo da Silva Telles Júnior, Miguel Reale Júnior, José Afonso da Silva, Nelson Pereira dos Santos, Lygia Fagundes Telles, Paulo Autran, Dalmo Dallari, Marco Mendonça, Otávio Frias Filho, Belisário dos Santos Junior, além de ministros do Supremo, como Sidney Sanchez e Celso Mello. Também no ***Judiciário***, ***Parlamento*** e ***Jornalismo***, os são-franciscanos ocupam posição de destaque, quer como oradores famosos (José Bo-

nifácio), parlamentares (Joaquim Nabuco), jurisconsultos (Pimenta Bueno, Barão de Ramalho) ou jornalistas (Rangel Pestana e a Família Mesquita). De modo geral, das Arcadas saíram personalidades muito importantes para atuação em diferentes atividades da vida cultural brasileira.

Pode-se dizer que desde sua fundação, a Faculdade de São Francisco abalou a *pequena São Paulo do Século XIX.* Os *documentos históricos* comprovam a intensa atuação dos são-franciscanos, especialmente os noticiários de importantes periódicos, jornais diários, revistas de arte, peças teatrais, obras literárias e poéticas daquela época. E os nomes de alguns dos famosos precursores estão gravados em placas de mármore, há mais de um século, em cima do portal de entrada da Faculdade de Direito.

Todavia, o monumental edifício dos anos 1930 é hoje *pequeno, insuficiente...* para as atividades atuais, sobretudo devido ao crescimento dos cursos e à criação de dez Departamentos e suas respectivas Bibliotecas, em decorrência da eliminação das cátedras com a Reforma Universitária do Ensino Superior Brasileiro, em 1968, anexos no entorno do edifício principal tentam atender suas necessidades mais imediatas... O edifício-sede, tombado pelo Patrimônio Histórico do Estado de São Paulo e popularizado com o nome "Arcadas", entretanto, ainda se sobressai no Largo de São Francisco por seu estilo neocolonial e elementos do barroco luso-brasileiro. E continua a evocar a tradição de cultura e de lutas democráticas que começaram no velho convento onde funcionaram, por mais de cem anos, os cursos de Direito da Capital Paulista.

Na década de 1930, a Faculdade passou por grande reforma - o prédio foi parcialmente demolido, preservando-se a estrutura de arcos - as famosas Arcadas que identificam a própria Faculdade e substituindo-se os dois andares antigos por quatro lances de construção.

Recentemente, a grande inovação foi a construção do Prédio Novo (ou Edifício Anexo), terminada em 1992: nos três primeiros andares há auditório, sala de computação, salas de seminário e alguns serviços administrativos da Faculdade; nos terceiro e quarto andares funcionam os Cursos de Pós-Graduação e aulas de

seminários dos Cursos de Graduação. No subsolo há garagem para os professores e funcionários, e os outros dez andares abrigam as secretarias dos Departamentos e as salas dos professores.

ARCADAS: ALGUMAS CURIOSIDADES E ALGUNS FATOS PITORESCOS

TÚMULO DE JULIUS FRANK

Conta-se que havia uma associação secreta criada em 1831, cujo objetivo era a ***Bucha*** ou *Burschenschaften Paulista* para ajudar os desfavorecidos por meio de uma rede de alunos e ex-alunos da São Francisco. A Bucha são-franciscana incentivou vários alunos de outras faculdades (como a Poli e a Pinheiros) a formarem suas próprias associações secretas. Aliás, o contato com aquelas duas faculdades era muito grande, sobretudo no começo deste século. Seu mais conhecido membro era um professor de História e Geografia do Curso Anexo da Faculdade: Julius Frank, nascido na Alemanha, em 1808. Os livros contam que, por ser protestante, esse professor não pôde ser enterrado em cemitérios católicos quando da sua morte, em 1841. Assim, os alunos resolveram enterrá-lo na própria Faculdade. Mas seus ossos foram retirados há algumas décadas...

MUSEU DA FACULDADE DE DIREITO

Pouco divulgado e pouco conhecido, mantém peças raras – como os Cadernos de Campos Salles e Rodrigues Alves (em um deles estão as provas escritas de Manuel Ferraz de Campos Salles, do dia 20/07/1863; em outros, há as provas escritas dos alunos Affonso Penna e Rodrigues Alves, do dia 29/07/1870).

Há também algumas lembranças pitorescas, tais como duas antigas carteiras de sala de aula, de madeira, então usadas por estudantes que nelas deixaram gravados

seus nomes com instrumento cortante, provavelmente canivete; painéis contando a história das Arcadas (em um deles há uma foto de Raymundo Correa, da turma de 1865, e um retrato a óleo do poeta ***Álvares de Azevedo);*** uma foto de 1954 do time de vôlei da Faculdade de Direito - em trajes femininos da época - e entre as jogadoras está Ivette Senise, a primeira diretora-mulher da FD-USP (na foto – é a terceira, da esquerda para a direita).

Fundação Arcadas

Criada para apoiar a Faculdade de Direito da USP, é pessoa jurídica de direito privado, de fins não lucrativos, aberta à colaboração de todos aqueles que se orgulham de fazer parte das tradições da gloriosa Academia de Direito do Largo de São Francisco.

Conta com o apoio efetivo de professores, acadêmicos e funcionários, antigos alunos, bem como de todos aqueles que lutam por um ensino público de qualidade, responsável e comprometido com o desenvolvimento da cidadania e os anseios de justiça da nossa sociedade. Sede: Rua Senador Feijó, 161.

Organizações estudantis:

- ***Centro Acadêmico XI de Agosto*** - fundado em 11 de agosto de 1903, é o mais antigo e o que mais se destaca em relevantes campanhas políticas nacionais, principalmente em movimentos de defesa do Estado democrático de direito, ameaçado, por exemplo, durante as ditaduras de Getúlio Vargas e Militar, e em múltiplas campanhas (com destaque para *O Petróleo é Nosso, movimento dos caras pintadas). Órgão representativo dos estudantes das Arcadas, recebeu o nome «XI de Agosto» em homenagem à data da lei que criou as duas primeiras Faculdades de Direito do Brasil, uma em São Paulo e outra em Olinda.*

- ***Associação Atlética XI de Agosto*** - agremiação esportiva estudantil fundada em 11 de agosto de 1933;

- ***Departamento Jurídico XI de Agosto*** - *fundado em 1919, e ligado ao* Centro Acadêmico XI de Agosto - *a maior e mais antiga* organização não governamental *de assistência jurídica gratuita* da América Latina - *declarado entidade de utilidade pública estadual (Lei nº 3.287/57) e municipal (Decreto nº 3.883/58). Atendimento mensal - cerca de 600, e um total superior a 4.000 causas já patrocinadas.*

Revista O Onze de Agosto

Fundada em 11 de agosto de 1903, pelo então acadêmico José Bento de Monteiro Lobato e originalmente ligada ao Centro Acadêmico XI de Agosto, a revista "O Onze de Agosto" tem sido o principal órgão de divulgação de ideias dos estudantes das "Arcadas". Dirigida por um conselho editorial independente eleito anualmente pelos estudantes da Faculdade, depois sucedida pelo jornal "O Pátio" como território livre para os debates da Velha Academia. Proibida de circular nos anos da ditadura militar, sugeriu como jornal na década de 1980.

Projeto do Centro Acadêmico: histórias são-franciscanas

Objetivo: comemorar os 170 anos da Faculdade de Direito com XI núcleos de História de resgate da tradição das Arcadas - Gênese, Personagens famosas, Pós-Graduação e Cursos Noturnos, Movimentos Políticos, Histórias pitorescas (A Bucha, Curral dos Bichos, Pindura, trovas e Canções Acadêmicas etc.).

Manual do calouro/97 publicou os principais resultados: (1) críticas à escolha de São Paulo para sediar a Faculdade de Direito em 1827 - os estudantes teriam

que viajar pela tenebrosa Serra do Mar e conviver com a "má pronúncia dos paulistanos". Vantagens: menor custo de vida e menor destruição dos livros por traças devido ao clima. Então, em 1º de março de 1828, iniciaram-se as aulas no Convento de São Francisco.

Primeira turma de formandos; Primeiro Diretor da Faculdade - general José Arouche de Toledo Rendon, de 71 anos, formado em Coimbra.

Primeiro professor - português José Maria de Avelar Brotero.

Revolução de 32: a Faculdade abrigou o primeiro quartel general, as aulas foram suspensas, alunos e voluntários incorporaram-se ao primeiro batalhão chamado "Voluntários do Piratininga".

Estado Novo – reprimiu várias vezes os movimentos são-franciscanos de retorno da Democracia. A Ditadura Militar tentou silenciar os são-franciscanos e fechar a Faculdade. Alunos foram agredidos, documentos do CA roubados e interventores nomeados para a direção do XI, mas sobreviveu a luta pela Democracia, Liberdade e Justiça. Em 1968, os estudantes mantiveram-se 26 dias dentro da Faculdade, e fecharam com tijolos os três arcos da entrada.

Mais recentemente, foi grande a pressão do CA pela Constituição de 88, pelo impeachment de Fernando Collor, além de outros movimentos como *Reforma Agrária acompanhada de eficiente política agrícola.*

Voto secreto – luta dos são-franciscanos nas décadas de 1910 a 1920. Pioneirismo na utilização desse sistema que foi adotado no Brasil em 1925.

Pindura

Os estudantes das Arcadas comemoravam o dia 11 de agosto, data de fundação da Faculdade de Direito, com vários tipos de *pindura*:

= ***pindura tradicional*** *- o estudante vai a um restaurante, faz o pedido, (se indagado, nega que seja estudante de Direito), come fartamente, pede a conta, coloca o ofício do Centro Acadêmico junto com a conta e canta a seguinte trova: "Garçom", tira a conta da mesa/ E bota um sorriso no rosto!/ Seria muita avareza/ Cobrar do "Onze de Agosto"!*

= ***pindura selvagem*** *(muito criticada), os estudantes fazem o pedido, comem, tomam o cafezinho (opcional) e saem correndo...*

= ***pindura diplomática,*** *o são-franciscano, sem se identificar como estudante, combina antecipadamente a refeição com o restaurante, comparece, consome sem preocupação, e na hora de pagar entrega o ofício do Centro Acadêmico e... espera a reação.*

Trovas Acadêmicas

Representam original e interessante parte das tradições são-franciscanas:

Onde é que mora a amizade,
Onde é que mora a alegria?
No Largo de São Francisco,
Na Velha Academia!...
Já tentei formas novas,
Foi mais ou menos em vão...

Hoje nestas velhas trovas
Falará o meu coração:

No Monumento ao Soldado Constitucionalista encontra-se gravada:

Quando se sente bater
No peito heróica pancada
Deixa-se a folha dobrada
Enquanto se vai morrer!

Muitas das trovas dos boêmios são-franciscanos referem-se às mulheres de modo satírico ou romântico:

A moça disse para outra:
Com este eu não me arrisco,
Pois ele estuda Direito
No Largo de São Francisco.

O amor de um estudante,
Dura apenas uma hora:
Bate o sino, vão pras aulas,
Vêm as férias, vão-se embora...

Outras trovas enaltecem o espírito são-franciscano de defesa da liberdade e Justiça, e o profundo orgulho de estudar na São Francisco:

Coloca nestas Arcadas
As cordas de meu violão,
O vento inventa a poesia
E o pátio vira canção!
Quem entra na São Francisco
Tem mais amor à verdade,

Pois leva sempre no peito
A chama da Liberdade!

Passou-se um século e meio
Cobriu-se o Largo de glória,
E a História da Faculdade
É a Faculdade da História!

Só o verdadeiro poeta
Vive alegria:
Ser filho da São Francisco,
Da Velha Academia!...

Memórias da São Francisco,
Que eu canto com emoção,
Em cada canto do Largo
Eu largo meu coração!

As Trovas também tratam do dia-a-dia da Faculdade, de suas festas e de seus professores, ou satirizam políticos, juristas e advogados. Ou, então, são completamente *non sense*.

Escola sem cola não é escola,
Escola sem cola não há.
Se tiram a cola da escola
Ninguém consegue passar!

Estava numa lanchonete
Tomando um refrigerante.
Veio o Goffredo e me disse:
"A norma é autorizante!"
Estava domingo na praia,
Comendo amendoim,

Chegou o Ataliba e disse:
"O Estado é meio e não fim".

Canções Acadêmicas

Muitas canções se perderam ao longo do tempo. Entretanto, os livros ainda guardam várias delas, que eram cantadas no cotidiano dos alunos do Largo. Ainda hoje, algumas canções são lembradas durante as competições esportivas com outros Centros Acadêmicos.

É famoso, por exemplo, o «pique-pique» do ‹Parabéns a Você› criado pelos estudantes.

Quim Quim Querum é outra canção famosa:

Dó ré mi fá sol lá si...
Frère Jacques, frère Jacques
Dormez vous, dormez vous,
Sonnez les matines, sonnez les matines,
Dem dim dom,
Dem dim dom.
J'ai perdu le don de ma clarinette,
De ma clarinette j'ai perdu le don,
Prá direito podê ganhá, prá lá lá,
É preciso juiz roubá, prá lá lá...
Um goal, camarada, um goal, camarada,
Um goal, um goal, um goal...
Escravos de Jó jogavam caxangá
Tira, põe, deixa zebelê ficá,
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zague-zá!
Eu vi, eu vi, passarinhos a 'voare',

Peixes do rio a tomar banho de 'mare'...
Quim quim querum good night querum
Quim quim querum, quim quim querum
Quim quim querum good night querum
Quim quim querum, quim quim querum.
Ó Nicodemus, ó Gelaúma,
Ó Nicodemus, ó Gelaúma,
Ó Nicodemus, ó Gelaúma,
Ó Nicodemus, ó Gelaúma,
Uma, uma, uma, uma, uma, uma, uma, uma...
Universidade! Universidade!
Olha a Gelaúma, uma, uma, uma, uma, uma, uma, uma, uma...
A-CA-DE-MI-A

A polêmica mudança da Biblioteca da FD

A falta de espaços, como se sabe, sempre provoca disputas e polêmicas... Foi o que aconteceu no último ato da gestão do então diretor Prof. Dr. João Grandino Rodas, antes de assumir o cargo de Reitor da USP – transferiu os livros do primeiro andar do histórico edifício para um local no próprio entorno, com o objetivo de conseguir mais espaço para as aulas, diante do crescente aumento de alunos e de disciplinas optativas. Justificou sua decisão: *os livros não cabiam mais na Faculdade*... E enfrentou muitas críticas...

O Gênero na FD-USP

Diminui progressivamente o "teto de vidro" que dificultava a ascensão profissional da advogada brasileira a postos decisórios e de comando.

Desde o final do século XX, observa-se o crescimento de uma nova sociedade centrada nas mudanças de nossa época e na divisão de responsabilidades entre

homens e mulheres... E como consequência da ascensão profissional da mulher surge também um novo enfoque filosófico: a "sacralização do humano", e suas consequentes mudanças políticas, econômicas e sociais em plano nacional e internacional.

Daí os filósofos franceses, Luc Ferry e Gilles Lipovestky, chamarem a atenção para o aumento do amor pelos seres humanos, pelos filhos, pela natureza e se preocuparem mais com o legado às gerações futuras, em especial a preservação ambiental, a sustentabilidade econômica e a educação.

Observaram aqueles dois filósofos o seguinte: se atualmente os jovens e os adultos do Ocidente não estão mais dispostos a morrer pela Pátria, pela Família, pela Religião ou por Deus, estão, entretanto, dispostos a enfrentar grandes sacrifícios por seus semelhantes. Daí, o aumento de medidas humanitárias de proteção da população civil contra massacres (ao contrário da *indiferença* dos aliados na Segunda Grande Guerra, que sabiam da existência de campos de extermínio de judeus pelos nazistas, mas não reagiam, tal como nada foi feito quanto à morte de milhares de civis japoneses nos ataques nucleares americanos a Hiroshima e Nagasaki.

Além disso, *novos fatores econômicos, políticos, sociais e culturais estão contribuindo para a ascensão profissional das mulheres. É o que se verifica também no caso das advogadas são-franciscanas.*

Até há pouco tempo, aliás, os cursos de Direito eram predominantemente masculinos. Daí o ineditismo da eleição da Diretora Ivette Senise Ferreira (professora titular), após 171 anos de funcionamento da Faculdade de Direito da USP, a primeira mulher a ocupar tal cargo nas Arcadas, depois de 36 Diretores... Já Esther de Figueiredo Ferraz (1915/2008) foi a primeira mulher a lecionar na Faculdade de Direito da USP (Direito Penal), e a primeira ministra de Estado (Educação).

Atualmente, entretanto, o número de alunas mulheres já supera o total de homens, tal como aconteceu na Faculdade de Medicina da USP, outra área predominantemente masculina durante séculos.

Atual explosão de Faculdades de Direito em todo o Brasil

Criada em 1827 como *instituição-chave para o desenvolvimento da Nação,* a Faculdade de Direito das Arcadas do Largo de São Francisco ainda é a única Faculdade pública, gratuita, que forma bacharéis em Direito na Capital do Estado de São Paulo. Somente na metade da década de 1950 é que surgiria na Capital paulista a primeira Faculdade particular de estudos jurídicos junto à Pontifícia Universidade Católica (PUC). Em seguida, outras Faculdades particulares de Direito seriam criadas na Capital paulista, chegando, em 2015, ao total de 36.

O interior do Estado de São Paulo e o Brasil também acompanharam a intensa "explosão dos cursos de Direito", principalmente em anos eleitorais. E a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) informa: no Brasil passou-se de aproximadamente 200 cursos jurídicos na década de 1990, para 1,3 mil atualmente.

O Presidente do Conselho Federal de Educação comentou que *o Brasil tem mais faculdades na área de Direito do que todos os outros países do mundo juntos... E* considera que o Exame da Ordem combate o "estelionato educacional", de modo que *sua extinção só interessa às faculdades de péssima qualidade.*

"O curso de Direito está banalizado", resumiu o presidente do Conselho Federal da Ordem dos advogados do Brasil, Marcus Vinícius Coelho, em entrevista ao **Congresso em Foco**. E comentou que, anualmente, o mercado de trabalho brasileiro recebe cerca de 60 mil novos advogados. Em nenhum país no mundo há tantos cursos de Direito quanto o Brasil. Aliás, nos EUA, a tendência tem sido o declínio das matrículas em cursos de Direito, segundo a *American Bar Association (ABA),* entidade equivalente à Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

Com a explosão de cursos, outra triste realidade veio à tona: a baixa qualidade de ensino oferecida aos alunos. Para a OAB, dos 1,3 mil cursos existentes, apenas cerca de 400, no máximo, são de boa qualidade.

Vice nas gestões dos Profs. Barbosa e Marcovitch, Pró-Reitores de Cultura.

Tive a excepcional oportunidade de participar das múltiplas atividades da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, em especial de seus **Centros Culturais** e ***Cursos de Extensão Universitária*** (Aperfeiçoamento, Atualização, Especialização e Difusão).

Entre os cursos de maior demanda do público destacam-se: a *Universidade Aberta à Terceira Idade*, cujo objetivo principal é possibilitar ao idoso aprofundar "conhecimentos em alguma área de seu interesse e ao mesmo tempo trocar informações e experiências com os jovens"; e o *Programa Nascente* – de revelação de novos talentos artísticos por meio de um concurso aberto aos alunos de graduação e de pós-graduação, inclusive estudantes da Escola de Arte Dramática da ECA-USP; Aprender com Cultura e Extensão; A USP e as Profissões; Giro Cultural USP etc.

A Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) abrange também muitas outras atividades: Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin, CPC (Centro de Preservação Cultural), CEUMA (Centro Universitário Maria Antônia), CINUSP (Cinema da USP Paulo Emílio), Coral USP, Estação Ciência, Museu de Ciências, OSUSP, Parque de Ciência e Tecnologia - Cientec, Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmus, TUSP (Teatro da USP).

O Centro Cultural **Dona Yayá** funciona na chácara que pertenceu a Sebastiana de Melo Freire (1887-1961), senhora da alta sociedade do interior paulista, cuja vida foi marcada por tragédias – morte de seus pais e irmãos e uma doença mental que a impediu de administrar e de usufruir de seus próprios bens.

Yayá, como era conhecida, havia frequentado o Colégio Sion. Seu último irmão (aluno da Faculdade de Direito do Largo São Francisco), diagnosticado como portador de uma doença mental, atirou-se ao mar durante uma viagem a bordo de um navio com destino a Buenos Aires.

Também doente, Yayá, segundo o tratamento psiquiátrico da época, foi mantida reclusa em sua residência no bairro paulistano do Bixiga, desde a juventude até seu falecimento, aos 74 anos, quando se extinguiu a linhagem dos Melo Freire.

Sem filhos ou parentes próximos, sua herança foi judicialmente considerada vacante e todos os seus bens transferidos à Universidade de São Paulo (de acordo com a legislação da época).

Sua residência na Capital – um palacete na Rua Sete de Abril - foi considerada inadequada para seu isolamento. Então, em 1925, seus curadores adquiriram um vasto casarão no bairro do Bixiga, à época convenientemente afastado do centro da cidade.

Paralelamente, ocorriam disputas judiciais pelo direito da curatela e pela guarda dos bens da enferma, notícias que estimulavam debates, acusações, escândalos e boatos pela imprensa.

Apesar de receber tratamento de alguns dos maiores especialistas da época, como Juliano Moreira e Franco da Rocha (pioneiros da psiquiatria brasileira), a doença de D.Yayá progredia continuamente. Em seus acessos, *"batia-se contra as paredes, feria-se com objetos e farpas, dizia impropérios, proclamava-se partidárias dos aliados na Primeira Grande Guerra, repetia 'eu sou católica, apostólica romana', rasgava roupas, chorava, cantava, queixava-se de ser ameaçada de morte e de violações, pedia o filho que julgava ter tido, imaginava amamentá-lo e embalá-lo"*.

Foi mantida isolada, sedada e quase imóvel em seu casarão no Bixiga por 36 anos; o equipamento dos banheiros e janelas eram inquebráveis, e só abriam do lado de fora. Além dela, ocupavam o casarão sua amiga Eliza Grant, seu enfermeiro, uma prima e os criados. Em 1952, foi construído um solário para que a enferma recebesse sol.

Em 1968, sua fortuna passou definitivamente para a Universidade de São Paulo: o casarão do Bixiga, hoje chamado Casa de Dona Yayá, sede do Centro de Preservação Cultural da USP, 27 casas na Rua do Hipódromo, 8 na Rua Piratininga, 6 na Visconde do Parnaíba, um edifício na rua que leva o nome de sua família, Mello Alves, outro na Rua Augusta, parte do edifício Veneza, uma chácara de 36 alqueires em Mogi das Cruzes, onde hoje se encontra o Centro Cívico da cidade, além de inúmeros outros imóveis, terrenos, contas bancárias, títulos e outros bens. O então Reitor da USP, Hélio Lourenço de Oliveira, comprometeu-se a "*prestar modesta homenagem à memória da falecida, cujo sacrifício favoreceu a mocidade estudantil desprovida de recursos que demanda os diversos cursos universitários*", acrescentando que "*A USP cuidará do patrimônio com a responsabilidade que lhe cabe e fará com que ele sirva aos estudantes tanto quanto não pôde servir à desditosa interdita*".

DIVA BENEVIDES PINHO: AGRADECIMENTO E RETRIBUIÇÃO À USP

INSTITUTO CARLOS E DIVA PINHO: mantenedor do Funcadi e da Casa da Cultura – site www.funcadi.com.br
Carlos Marques Pinho – parceria de 65 anos; homenagem e continuidade:

FUNCADI E CASA DA CULTURA CARLOS E DIVA PINHO
Diretoria – Presidente: Profa. Dra. Diva Benevides Pinho
Vice-Presidente – Profa. Lara de Medeiros Brum
Diretor Jurídico – Dr. Plínio Rangel Pestana

Apoio à FEAUSP – diz Diva Pinho: "Nosso objetivo principal consiste na sensibilização da 'Família Feana' (inclusive ex-alunos e ex-docentes) quanto à necessidade de se desenvolver uma cultura da cooperação, a fim de captar recursos e contribuir para que a FEAUSP continue sendo um núcleo de excelência acadêmica e referência internacional em pesquisa e produção científica. É, também, uma forma de reação à dependência da FEA quanto a recursos provenientes somente do orçamento da USP, isto é, de percentual da variável arrecadação do ICMS, e de repasses de agências de fomento à pesquisa."

Os Fundos de investimento, com base em doações de ex-alunos e de empresas, são importante instrumento para a captação de recursos com a finalidade de manter o alto nível as atividades da FEA e da USP. O êxito desses fundos depende dos trabalhos que estão sendo realizados em três frentes: a) jurídica, já que o Brasil ainda não conta com uma legislação específica de incentivo à contribuição de pessoas físicas; (b) política, para a superação de antigos preconceitos, sobretudo ideo

lógicos, e de forte oposição a parcerias com a iniciativa privada; (c) educacional, para mostrar que as doações de empresas e a constituição de fundos (endowments) não comprometem a autonomia, nem a orientação pedagógica das instituições de ensino superior.

Exemplos internacionais: as maiores universidades dos EUA, Inglaterra, Canadá, Japão e outros países desenvolvidos já contam com fundos de investimento há anos. Por exemplo, quase metade dos orçamentos das grandes universidades americanas, como Yale, Princeton, Stanford, Columbia e MIT, provém de fundos; a Universidade de Harvard, considerada a melhor do mundo, tem um orçamento anual de cerca de US$ 6 bilhões dos quais só 20% vêm do governo americano, e o restante dos dividendos de um fundo de investimentos constituído com recursos obtidos pela prestação de serviços à iniciativa privada (basicamente pesquisas e consultoria) e por doações de ex-alunos.

Visita ao FUNCADI - Casa de Cultura Carlos e Diva Pinho - pelo Prof. Delfim Netto e Membros da Diretoria da FEA e do Depto. de Economia da FEA-USP.

FUNCADI

"O Funcadi faz parte de um projeto nosso, meu e de meu marido Carlos Marques Pinho, de agradecer à USP pelos dois cursos gratuitos que dela recebemos e, ao mesmo tempo, valorizar o ensino público acadêmico do Estado de São Paulo."

AMEFEA

Associação de Amigos da FEA-USP – constituída por docentes, pesquisadores, pais de alunos, ex-alunos e demais pessoas interessadas, com o objetivo principal de apoiar as atividades educacionais e culturais dos Departamentos da FEA-USP.

Reitor Grandino Rodas - Destacou enfaticamente a Importância da captação de recursos para financiamento das atividades da USP: - "Ou as universidades públicas paulistas se conformam em obsolescer placidamente ou devem procurar outras fontes de financiamento". A universidade pública brasileira absorve cerca

de 25% dos universitários brasileiros. Um dos principais problemas das universidades públicas reside exatamente na dificuldade em aumentar seu orçamento na mesma proporção das suas crescentes necessidades. Financiar o ensino superior, infelizmente, não pode ser prioridade absoluta do poder público, pois há outras necessidades prementes, como a educação fundamental e média, a saúde, a segurança, a infraestrutura etc.

Em um mundo em constante evolução, para que a universidade, pública ou privada, mantenha-se atualizada, são necessários orçamentos cada vez maiores. Tal fenômeno verifica-se tanto no exterior quanto no Brasil, não sendo por acaso que as universidades mais importantes do mundo sejam também as campeãs na captação de recursos. E se até há pouco tempo bastavam quatro paredes, lousa, giz, mesas e cadeiras, bibliotecas e laboratórios, atualmente há necessidade de salas de aula com modernos meios eletrônicos, bibliotecas digitais e laboratórios de ponta,

Diretoria da Funcadi e da Casa da Cultura Carlos e Diva Pinho: Presidente Profª. Diva Benevides Pinho, Vice-Presidente: Profª. Lara de Medeiros Brumm e Secretário Geral: Dr. Plínio Rangel Pestana.

tudo sujeito à rápida obsolescência. Daí a importância da parceria público-privada, bem como das doações de mecenas, antigos alunos ou não.

As três universidades públicas paulistas -USP, UNICAMP e UNESP- recebem 10% do ICMS recolhido no Estado (quase R$ 7 bilhões em 2009), dos quais 85% são consumidos com a folha de pagamento, restando apenas 15% para todos os outros gastos: construções, compra de materiais, manutenções e pesquisa. Se não fossem as instituições de fomento à pesquisa, como a FAPESP e o CNPq, praticamente não haveria como financiar a pesquisa nessas universidades. É capcioso o argumento de que a entrada de recursos privados nas universidades públicas compromete a sua autonomia. Tal captação é apenas para tentar manter a liderança como centros de excelência.

Assim, a questão deve ser pensada sem ideologias; regras claras precisam ser delineadas, bem como um grande trabalho de conscientização: os antigos alunos de universidades públicas têm um débito para com elas e, consequentemente, para com a sociedade. Motivá-los a retribuir a formação que receberam, na medida de suas possibilidades, é salutar e necessário.

Biblioteca da FEA-USP recebe doação de Delfim Netto

O professor emérito da USP Delfim Netto, ex-ministro da Fazenda, inaugura a nova biblioteca da FEA (Faculdade de Economia e Administração), que recebeu 250 mil volumes de seu acervo particular. Com a doação, a biblioteca passou a somar 430 mil volumes e se tornou o maior acervo especializado em Economia, Administração, Ciências Contábeis e Atuariais da América Latina.

No evento, Delfim afirmou que os economistas têm um papel importante de promover o debate público de temas relevantes no mundo atual em que a "sociedade se empoderou" e define o seu próprio futuro.

"O empoderamento da sociedade está nos levando a construir um mundo mais civilizado. E os economistas vão ter de falar alguma coisa [para ajudar a sociedade em suas escolhas]. Vamos ter uma eleição. Há uma consciência clara de que esgotamos um caminho e de que é preciso usar os dois instrumentos de construção de uma sociedade civilizada –a urna e o mercado– de uma forma inteligente", disse. Segundo Delfim, o desenvolvimento de uma sociedade civilizada leva tempo e não pode ser apressado. "Cada vez que o homem tentou um curto-circuito nesse processo terminou em barbárie." Em seu discurso, o ex-ministro fez um agradecimento especial à professora emérita Diva Benevides Pinho, que fez uma das maiores doações à nova biblioteca (um dos dois auditórios do prédio). A professora é especialista em cooperativismo. "Eu devo à Diva [Benevides Pinho] uma correção muito importante da minha vida. Eu era uma pessoa muito individualista. A Diva, com seu trabalho lento, acabou me convencendo de que era possível haver

a cooperação. O cooperativismo pode dar certo. E hoje eu acredito que esse pode ser o destino de todos nós e dessa sociedade empoderada", disse. Delfim afirmou, ainda, que agradece o que de graça recebeu da USP – o curso superior de Economia, e só pagou um selo para sua matrícula! Daí, sua dívida de gratidão para com a Universidade. *Deixo aqui filhos (livros) muito importantes. Cuidem bem deles!"*

PROFª DRª DIVA BENEVIDES PINHO - AGRADECIMENTOS AO RECEBER DA FEA-USP O TÍTULO DE PROFESSORA EMÉRITA

Magnífica Reitora da USP – Profa. Dra. Suely Vilela, Magnífico Vice-Reitor, Exmo. Senhor Diretor da FEA-USP - Prof. Dr. Carlos Roberto Azzoni, Membros da douta Congregação e professores da FEA -USP, meus amigos e minhas amigas, meus familiares Benevides, Dotto, Pinho e Arvai-Pereira. Gostaria de saudá-los individualmente, mas na impossibilidade de dar um abraço em cada um, agradeço a presença de todos aqui. O Prof. Dr. Helio Nogueira da Cruz, que me apresentou, falou sobre o meu trabalho no início da década de 1970, ao chegar da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (FFCL, hoje FFLCH), a esta FEA em decorrência de ampla reforma universitária que extinguiu as cátedras, democratizou a carreira docente, criou os Departamentos como a menor Unidade da USP dirigida por Conselhos próprios, fracionou a dinâmica e politizada "FFLCH da Maria Antônia" em uma dezena de Faculdades especializadas, redistribuiu os docentes de acordo com a matéria que lecionavam, entre outras mudanças.

Realmente, cheguei na FEA em um momento difícil e delicado – além da reforma universitária, a FEA passava do ensino de uma economia institucional, de modelo francês, que havia se espalhado no Ocidente quando a França era o *carrefour du monde*, para o ensino de uma economia quantitativa, matematizada, de aplicação prática.

O abandono do modelo francês de estudos econômicos decorreu, sobretudo, das pesquisas desenvolvidas nos EUA durante a 2a. Grande Guerra (1939-1945) - período em que os Estados Unidos reuniram grandes especialistas do mundo inteiro nas áreas de economia, matemática, física, engenharia e outras especialidades, e ofereceu-lhes excelentes condições de pesquisas e de integração nas universidades (inclusive remuneração especial e nacionalidade norte-americana) para que ajudassem rapidamente a desenvolver teorias e planejar ações com o objetivo de "ganhar a guerra". Aliás, no pós-guerra, importantes desses estudos foram utilizados para a paz, inclusive nos campos da saúde e do ensino.

Naquela ocasião, surgiram também as bases da comunicação usada pelos EUA com suas tropas espalhadas pelos vários Continentes, e que contribuiriam para o desenvolvimento da Internet (anos 1960) e da WWW (Wide World Web) na década 1980 - hoje o meio de comunicação em tempo real mais difundido e que vem provocando extraordinárias mudanças em todas as áreas do conhecimento, inclusive no ensino.

Então, cheguei nesta FEA no momento de um complexo de grandes mudanças - a pressão desenvolvimentista da economia brasileira na década de 1970 (que se tornou conhecida como "milagre econômico brasileiro"), a implantação do ensino de uma Economia quantitativa, e a adequação da estrutura curricular dos cursos do Departamento de Economia da FEA para enfatizar as disciplinas básicas de teoria econômica, macroeconomia, econometria, planejamento do desenvolvimento econômico, economia financeira, além de criar novas disciplinas eletivas.

Foi grande o esforço de reciclagem dos professores do Departamento de Economia; e grande, também, o esforço de criação de indicadores econômicos de especial interesse do empresariado e do sistema financeiro e bancário de São Paulo e do Brasil. Ao mesmo tempo, avolumava-se a necessidade de economistas-consultores -assessores, especialmente no Estado de São Paulo e na Capital paulista, como decorrência de seu rápido desenvolvimento industrial. A Capital paulista deixava de ser a Metrópole do Café para se tornar a dinâmica Metrópole Industrial do Brasil. Paralelamente, cresciam as exigências para a atuação de economistas especializados

nas áreas da indústria, comércio, finanças, transportes e prestação de serviços.

Ao optar pelo modelo de fundação, mais flexível que o de instituto, o Departamento de Economia criou, em 1973, a FIPE, Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, porém vinculada ao IPE (criado em 1964) e à FEA-USP por meio de eleição periódica de seus dirigentes e de seu Conselho Curador pelo Conselho do Departamento de Economia. Aliás, meu marido Carlos Marques Pinho, também Professor Titular desta FEA, criou essa vinculação ao elaborar o Estatuto da FIPE (por solicitação do então Diretor da FEA, Prof. José Francisco de Camargo).

Concomitantemente, intensificava-se a ascensão do economista na área governamental e, então, os governos da União, Estados e Municípios começaram a convidar nossos professores para assessorá-los e orientá-los. Era um fato altamente positivo para a FEA-USP, que se afirmava como "centro de excelência" e destacava-se no cenário econômico nacional e internacional. Contudo, esse destaque da FEA provocava o aumento da demanda de especialistas junto ao Departamento de Economia. Como Chefe do Departamento de Economia (EAE), durante oito anos, eu vivi aquele momento crucial de solicitações de afastamento de docentes de Economia por altas autoridades administrativas e políticas do País e o sacrifício dos docentes que tinham suas cargas didáticas multiplicadas em áreas diversas. É que, embora os afastamentos fossem sem remune ração, a Reitoria não autorizava a contratação de substitutos. Momento delicado, mas fui apoiada pelo Conselho do Departamento de Economia e, com a cooperação dos docentes, conseguimos manter o alto padrão de ensino de Economia que caracteriza a FEA.

E hoje, neste momento, eu acompanho outras mudanças muito importantes (aqui eu abro um parêntese para destacar a importância da longevidade...). Muitas dessas mudanças decorrem da inesperada crise financeira de 2008, o "tsunami" que começou nos Estados Unidos, o coração do capitalismo mundial, e atingiu os países mais desenvolvidos da Europa.

Essa crise súbita, iniciada com a quebra do Banco Lehman Brothers, nos EUA, deixou atônitos os analistas econômicos e as maiores autoridades da área econômico-financeira mundial. E então, a eficiência dos principais indicadores econômicos passou a ser vigorosamente contestada: como se pode fazer projeções com base no PIB (Produto Interno Bruto), que mede a produtividade, porém não mede os danos ambientais, a sustentabilidade, o progresso social, a qualidade de vida, a saúde, a educação?

A crise de 2008 levantou, portanto, a questão da urgente necessidade de revisão do instrumental estatístico e econômico até então utilizado. Aliás, a rainha da Inglaterra, em visita à renomada London School of Economics logo após a crise

Diva Pinho recebe o Título de Professora Emérita da Reitora da USP, Profª. Suelly Vilela e do Diretor da FEA-USP, Professor Carlos Azzoni.

financeira de 2008, indagou se tal crise poderia ter sido prevista e as respostas que obteve foram insatisfatórias. Mas Sarkozy (Presidente da França) foi além: liderou a convocação de um grupo de notáveis, entre os quais vários prêmios Nobel da Economia, para analisar o instrumental macroeconômico e estatístico utilizado nas projeções econômicas e sugerir outras ferramentas.

E assim, com a crise de 2008, a Economia quantitativa começou a sentir a necessidade de reencontrar seu complemento - a Economia qualitativa, de "face humana", para que se pudesse preparar o economista dentro de uma visão não apenas multidisciplinar, mas também transdisciplinar, em conexão com o mundo, com a ética, a vida e o ser humano.

Lembro-me de um mestre da Missão francesa, Gilles Gaston Granger, especialista em metodologia da ciência econômica, que há muitas décadas já observava: a economia é uma ciência que enfrenta um grande dilema, porque ela é, ao mesmo tempo, uma ciência social e uma ciência de coisas concretas, que são produzidas, avaliadas, pesadas, contadas, transportadas e vendidas em mercados nacionais e internacionais. Então, como compatibilizar conflitantes interesses – humanos e econômicos? Sabe-se, entretanto, que investir em educação e saúde de pessoas é tão importante quanto investir na produção de bens para aumentar o PIB (Produto Interno Bruto).

Esse conflito de finalidade da ciência econômica também transparece na denúncia de Joseph Stiglitz, prêmio Nobel de Economia (2001) quando criticava o FMI (Fundo Monetário Internacional), criado em Bretton Woods, na reunião de Chefes de Estado (com a presença do grande economista Keynes), no final da 2ª Grande Guerra (1945). Dizia que o "remédio amargo" que o FMI impunha às economias em desenvolvimento, como o Brasil, criava uma "paz de cemitério" porque arrasava a produção, aumentava o desemprego e desestatizava em direção ao "Estado mínimo".

Mas em 2008, quando a crise abalou os principais países capitalistas - EUA e União Europeia, qual foi o remédio para acudir as economias mais importantes do mundo? Foi uma enorme estatização, um socorro financeiro fantástico do Estado, liberando rapidamente bilhões para socorrer bancos e empresas... (É claro que os custos serão cobrados das próximas gerações...).

Na realidade, a rápida volta do keynesianismo segurou a crise. E um ano depois parecia superada a ameaça de uma grande depressão, do tipo 1929-30. Segundo os maiores economistas do mundo, inclusive da Wall Street (os mesmos que não previram a crise de 2008...), não estamos mais *na beira de um abismo*, embora a situação ainda seja frágil. E por que o mundo está saindo da crise? Porque os BRICs - novos atores em cena – estão "puxando" a economia mundial para cima. Sigla criada na Wall Street para designar quatro países – Brasil, Rússia, China e Índia - de dimensões quase continentais, os BRICs pouco têm em comum en-

tre si, a não ser a vontade de participar do centro do poder mundial ou G7. E agora está sendo redesenhada uma nova "gerência não intrusiva" da economia mundial na qual as cúpulas de chefes de Estado do G20 substituirão as reuniões anteriores, que se realizavam apenas com a presença de ministros e de presidentes centrais do G7. E já se fala em G30, com a presença, também, dos presidentes de bancos centrais e de financistas.

Assim, o Grupo de países desenvolvidos, mais países emergentes e autoridades financeiras e monetárias - comporiam um novo fórum mundial incumbido de discutir uma nova política global e de corrigir desequilíbrios como aqueles que estiveram na origem da crise de 2008. E o FMI, por sua vez, poderia se converter em um "Banco Central Global", com nova missão em debate, inclusive no sentido de criar amplos fundos de segurança para evitar graves turbulências das economias dos países.

Então, eu vivo em um momento muito gratificante porque estou presenciando grandes transformações econômicas no mundo e participando de reflexões sobre seus impactos no ensino de economia e no reconhecimento da necessidade de embasamento humano da Economia – reflexões que, há várias décadas, já eram levantadas pelos professores de Economia da Missão Francesa na USP.

E como *estou* aposentada mas não *sou* aposentada, quero participar dos esforços da FEA para reintroduzir esse "supplément d'âme" de que falava Bérgson, e tão necessário à formação de economistas.

Finalmente, ao terminar, quero agradecer à USP pela oportunidade que tivemos, eu e meu marido, de realizar na USP dois cursos superiores – Economia e Direito. E como o Prof. Dr. Carlos Pinho também amava muito a FEA, chegou a planejar um esquema do que deveria ser feito com as poupanças que nós conseguimos acumular ao longo de várias décadas: estimular pesquisas econômicas de mestrado, doutorado e trabalhos de fim de curso de alunos de graduação.

Certa vez, conversei com o professor Azzoni para ancorar nesta FEA o FUNCADI, um Fundo de apoio ao Programa Carlos e Diva Pinho, como parte do nosso reconhecimento à USP. E agora, falando pelos dois Pinhos, eu agradeço à USP pela oportunidade que ambos tivemos de aqui estudar gratuitamente e, ao longo de nossa carreira docente, receber autorização de afastamentos com vencimentos para reciclagem nos EUA e em alguns países europeus.

Quero juntar meus esforços aos de meus colegas e participar, como voluntária, de atividades culturais e de associações de amigos da FEA - a AMEFEA, a fim de que nossa USP continue sendo um importante celeiro de novo talentos.

Reitora Suely Vilela, Vice-Reitor, Diretor da FEA e professores Eméritos dos três Departamentos da FEA-USP - Economia, Administração e Contabilidade (foto 2009).

Discurso de Diva Benevides Pinho na Casa da Fazenda do Morumbi e Solenidade em comemoração aos Fatos Históricos de Maio/2012

Homenageadas:

(1) Profa. Dra. Diva Benevides Pinho – Economista, Advogada e Professora Emérita da FEA/USP,

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo

(2) Casa da Cultura Carlos e Diva Pinho (www.funcadi.com.br) - representada por sua Diretoria – Presidente Profa. Dra. Diva Benevides Pinho;

Diretora Vice-Presidente - Profa. Lara Medeiros Brum; Diretor Jurídico e Secretário Geral Dr. Plínio Rangel Pestana.

- **Homenagens da Academia Brasileira de Arte, Cultura e História e do Instituto Biográfico do Brasil**, *com a presença de suas Diretorias, Conselhos e membros ilustres, entre os quais o Presidente de Honra Dr. Marco Antonio Rangel Pestana de Campos Salles e personalidades de nosso meio político e cultural.*

A ABACH e o IBB, associações sediadas na Casa da Fazenda do Morumbi, representam a feliz reunião de tradição, história, cultura e arte em um ambiente histórico que é uma relíquia do século XIX - construída em 1813 pelo Regente Padre Antônio Feijó, em terreno doado por D. João VI a um grande produtor inglês de chá (John Maxwel Rudge), para transformar a região do Morumbi na primeira fazenda de chá no Brasil. A vinda da Família Real para o Brasil e os dois Reinados (D. Pedro I e D. Pedro II) trouxeram grandes mudanças, especialmente o Segundo Império, que durou 49 anos, com início em 23 de julho de 1840 (declaração da maioridade constitucional de D. Pedro II, então com 14 anos) e fim em 15 de novembro de 1889, com a Proclamação da República.

No Segundo Império, especialmente, houve muitas mudanças sociais, políticas e econômicas, entre as quais:

- ***Agitações revolucionárias*** (Farroupilha; Praieira (Pernambuco); Guerra do Paraguai, 1864 a 1879, derrotado pela Tríplice Aliança - Brasil, Argentina e Uruguai, com apoio da Inglaterra.
- ***Lei Áurea*** *(1888): assinada pela Princesa Isabel, aboliu a escravidão no Brasil e provocou grandes mudanças no sistema produtivo e na força de trabalho.*
- ***Êxito do Ciclo do Café***, que criou recursos para a industrialização de São Paulo e refletiu-se em diversas atividades e na arquitetura (como as mansões na Avenida Paulista).

- ***Resistência da classe média brasileira*** *(funcionários públicos, profissionais liberais, jornalistas, estudantes, artistas, comerciantes), que se identificava com os ideais republicanos e reivindicava maior participação nos assuntos políticos do País.*

- ***Descontentamento dos agricultores,*** *desde os prósperos cafeicultores do Oeste Paulista (que queriam maior poder político), até os fazendeiros de regiões mais pobres do País (que reclamavam das dificuldades de contratar mão de obra após a abolição do escravismo.*

O Marechal Deodoro da Fonseca assumiu a oposição com o apoio dos republicanos, destituiu o Conselho de seu presidente, assinou manifesto proclamando República no Brasil (15 de novembro de 1889) e instalou um Governo provisório. D. Pedro II e a Família imperial brasileira partiram para a Europa.

A Casa da Fazenda, sucessivamente habitada por ilustres famílias tradicionais, recebeu há poucos anos importantes obras de restauro da ABACH, que nela instalou um original polo cultural para promoção da Cultura, Arte e História, inclusive exposições de arte.

Associação cívica apolítica, a ABACH inspira-se em valores constitucionais, sem fins econômicos, nem distinção de raça, sexo ou religião. E soma seus trabalhos ao Instituto Biográfico do Brasil - **IBB** - uma editora cultural especializada em obras históricas e culturais com ênfase em fatos e datas marcantes nacionais. Dois importantes trabalhos estão em andamento no IBB: (1) Brasil de Todos os Povos - A saga dos imigrantes e (2) São Paulo – Um desafio, um sonho, uma cidade.

E assim, há uma feliz convergência de tradição, história, cultura e arte entre a Casa da Fazenda do Morumbi e a Casa da Cultura Carlos e Diva Pinho.

- **A escolha do mês** (MÊS DE MAIO/2012) para as homenagens:

Maio é um mês historicamente marcado por importantes fatos históricos, culturais e sociais:

- Em maio de 1500 ocorreu a Cerimônia de posse de nossa terra por Cabral, e também a Celebração da segunda missa no Brasil, que marcou sua vocação religiosa cristã. Foi ainda em maio que Cabral deixou as costas brasileiras rumo às Índias, e mandou a Portugal a carta de Pero Vaz de Caminha (1500) – o mais antigo documento sobre o Brasil e que se tornou uma espécie de certidão do nascimento de nosso País.

- O escravismo deixou de ser nossa vergonha internacional em 13 de maio de 1888, por ato da Princesa Izabel, filha de D. Pedro II.

No mês de MAIO há, também, quatro comemorativas datas de destaque: uma religiosa - Corpus Christi; outra afetiva (mas que virou comercial) – o Dia das Mães; o Dia do Sol – o centro de nosso sistema planetário e fonte de vida na Terra; o Dia da PAZ, que marca o fim da 2ª Guerra Mundial em 1945, encerrando o ciclo de horror de duas guerras internacionais do violento século 20.

Então, na noite de 11 de maio de 2012 a ABACH e o IBB prestaram duas homenagens: uma, à Profa. Emérita da FEA-USP pela iniciativa de fundar a Casa da Cultura Carlos e Diva Pinho; e a outra, à Casa da Cultura Carlos e Diva Pinho, representada por sua Diretoria – Profa. Dra. Diva Benevides Pinho, Profa. Lara Medeiros Brum, e Dr. Plínio Rangel Pestana, respectivamente Presidente, Diretora Vice-Presidente e Diretor Jurídico e Secretário Geral.

A Casa da Cultura é uma associação que integra o Instituto Carlos e Diva Pinho, juntamente com o FUNCADI, de apoio às atividades acadêmicas do Departamento de Economia da FEA-USP. Foram criados como reconhecimento do casal Pinho à USP, Universidade de São Paulo, pela oportunidade que ambos tiveram de estudar gratuitamente Economia e Direito em tão renomada Universidade, e de conviver e debater com especialistas respeitados internacionalmente,

especialmente no Conselho Universitário (o órgão deliberativo máximo da USP), na Congregação da FEA-USP e no Conselho do Departamento de Economia da FEA-USP.

O FUNCADI está explicado na Carta Aberta da Tia Diva a Francisco Arvai Pereira Picarelli (cf. www.funcadi.com.br): destina-se a captar recursos para apoiar as atividades acadêmicas do Departamento de Economia da FEA-USP e também a AMEFEA (Associação dos Amigos da FEA-USP, idealizada pelo Prof. Joaquim José Martins Guilhoto e fundada com a cooperação de uma equipe de docentes dos três Departamentos da FEA (cf. sites da Amefea e do Funcadi).

O objetivo principal está vinculado à necessidade de se sensibilizar a "Família Feana" (inclusive ex-alunos e ex-docentes) quanto à necessidade de se desenvolver uma cultura da cooperação para captar recursos e contribuir para que a FEA-USP continue sendo um núcleo de excelência acadêmica e referência internacional em pesquisa e produção científica. É, também, uma forma de reação à dependência da FEA de recursos provenientes somente do orçamento da USP, isto é, de um percentual variável de arrecadação do ICMS, e de repasses de agências de fomento à pesquisa.

Aliás, com a ampliação dos cursos de graduação e de pós-graduação dos diversos "campi "da USP, bem como a criação de novas disciplinas (tão indispensáveis à atualização dos estudos de Economia), o atual orçamento da USP, além de insuficiente, está quase totalmente comprometido com a 'Folha de Pagamentos' de docentes, pesquisadores, bolsistas, funcionários e prestadores de serviços aos alunos e à comunidade, quer da Capital paulista, quer de cidades do interior do Estado de São Paulo e de alguns outros Estados brasileiros.

Como se sabe, a Universidade de São Paulo compreende um complexo de múltiplas atividades de docência, pesquisa e prestação de serviços à Comunidade: além do Campus Armando de Salles Oliveira e da USP-Leste, na Capital, há os *campi* de Ribeirão Preto (com 8 Faculdades), São Carlos (Engenharia, Ciências Matemáticas, Computação, Física, Química e outros cursos), Bauru (Odontologia), Lorena (Engenharia), Piracicaba (Agronomia) e Pirassununga; 6 Hospitais

Profª. Diva Benevides Pinho recebe a Comenda Funcadi: 9 de julho de 1932.

Universitários que abrangem pesquisas, inclusive um deles na área de Veterinária, 63 Bibliotecas (com destaque para a Biblioteca Central da USP/São Paulo); 10 museus (inclusive o Museu de Arte Contemporânea, que funciona no campus do Butantã e no centro da Capital; e o Museu Paulista, também conhecido como Museu do Ipiranga, localizado no Parque da Independência (em cujo acervo estão objetos, mobiliário e obras de arte relacionados à Independência do Brasil, e a famosa tela de 1888 do artista Pedro Américo - "Independência ou Morte)", Centros Culturais (Maria Antonia, D. Yayá e outros), Estação Ciência, Instituto Oceanográfico, pesquisas científicas em Bases Avançadas (entre as quais o Engenho São Jorge dos Erasmos, de beneficiamento de cana-de-açúcar e um dos três mais antigos do Brasil, construído por iniciativa de Martim Afonso de Sousa, em 1532, e cujas ruínas integram o patrimônio da USP há 51 anos, quando o terreno onde estão situadas foi doado para a USP), Engenharia Marinha do Instituto de Ciências Biológicas, ICB), Centro Avançado de Pesquisas em Monte Negro, Rondônia, estabelecido em fevereiro de 1997, e que também oferece assistência médica e odontológica gratuita à população do município; conta com um Ambulatório Médico Especializado, para o atendimento de doenças tropicais, e um completo laboratório de pesquisas de doenças endêmicas da Amazônia, como malária, leishmanioses, toxoplasmose, micoses, doença de Chagas e outras; dispõe de transporte para deslocamento de equipes de pesquisa, alojamento para 60 pessoas e um auditório para 50 pessoas; atua em parceria com a Faculdade de Odontologia da USP de Bauru e entidades internacionais). Além disso, como Universidade, a USP tem outras intensas atividades culturais, tais como teatro, cinema, orquestra; atividades recreativas e esportivas (com destaque para o Centro Poliesportivo do campus de São Paulo).

Ora, os fundos de investimento com base em doações são importantes para a captação de recursos de ex-professores, ex-alunos, amigos, empresas privadas e outras instituições, com o objetivo de se manter em alto nível todas essas variadas atividades da USP. O êxito desses Fundos, entretanto, depende de trabalhos ainda em realização em três frentes: (a) jurídica, já que o Brasil ainda não conta com

uma legislação específica de incentivo à contribuição de pessoas físicas; (b) política, para a superação de antigos preconceitos, sobretudo ideológicos, e de forte oposição a parcerias com a iniciativa privada; (c) educacional, para mostrar que as doações de empresas e a constituição de fundos (endowments) não comprometem a autonomia, nem a orientação pedagógica de instituições de ensino e de pesquisas em nível superior.

E mais: as maiores Universidades dos EUA, Inglaterra, Canadá, Japão e outros países desenvolvidos, contam com Fundos há muito tempo. Por exemplo, quase metade dos orçamentos das grandes universidades americanas, como Yale, Princeton, Stanford, Columbia e MIT, provêm de fundos; a Universidade de Harvard, considerada a melhor do mundo, tem um orçamento anual de cerca de US$ 6 bilhões dos quais só 20% vêm do governo americano, e o restante dos dividendos de um fundo de investimentos constituído com recursos obtidos pela prestação de serviços à iniciativa privada (basicamente pesquisas e consultoria) e por doações de ex-alunos.

Proposta de Parceria

Considerando-se a semelhança de objetivos ente a Casa da Cultura Carlos e Diva Pinho e a Academia Brasileira de Arte, Cultura e História (ABACH) - propomos a criação de um ***Grupo de Trabalho*** para analisar as possibilidades de realização de alguns estudos em conjunto.

Agradecimento final - aos Diretores e Conselheiros da ABACH e do IBB, Autoridades, Professores da USP, Amigos e Familiares aqui presentes.

Palavras Finais:

Formada em Ciências Sociais (FFCL-USP) e em Ciências Jurídicas (Faculdade de Direito) a economista Diva Pinho dedicou-se integralmente ao magistério e as pesquisas na USP. Termino este texto com a frase de D. Pedro II, o Magnânimo, Imperador do Brasil (*), de louvor à profissão docente: *Se não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro. Confesso, portanto pelo magistério superior e pelas pesquisas econômicas.*

(*)D. Pedro II, cujo nome completo é Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga. Nasceu no Rio de Janeiro (02-12-1825) e faleceu em Paris (05-12-1891). Filho mais novo do Imperador D. Pedro I do Brasil e da Imperatriz Dona Maria Leopoldina de Áustria, e membro do ramo brasileiro da Casa de Bragança.

Bibliografia da Profª. Drª. Diva Benevides Pinho:

Presidente do FUNCADI e da Casa da Cultura,
Professora Emérita da FEA-USP, Economista e Advogada.
Publicações - áreas de Economia, Mercado de Arte e Cooperativismo:
Fontes: Google Acadêmico, FUNCADI (www.funcadi.com.br)e Yasni.

Título / Autor	Ano
Manual de economia DB Pinho, AP Gremaud Saraiva	2004
O cooperativismo no Brasil: da vertente pioneira à vertente solidária DB Pinho Saraiva	2004
Economia e cooperativismo DB Pinho Saraiva	1977
O pensamento cooperativo e o cooperativismo brasileiro: Manual do cooperativismo DB Pinho São Paulo: Brascoop/CNPq 1	1982
A doutrina cooperativista nos regimes capitalista e socialista–suas modificações e sua utilidade DB Pinho São Paulo: Editora Pioneira	1966
Manual de economia AF Montoro Filho, AET Lanzana, CA Luque, CM Pinho, D Alves, G de Lima ... Saraiva	1988
Manual de economia AP Gremaud, DB Pinho, MAS de Vasconcellos Saraiva	2001
Os países subdesenvolvidos Y Lacoste, DB Pinho Difusão Europeia do livro	1961
Que é cooperativismo DB Pinho DESA	1986
Manual de economia MAS VASCONCELLOS, DB PINHO Equipe de Professores da USP	2006
Evolução da ciência econômica DB PINHO Manual de Introdução à Economia	1983
O cooperativismo de crédito no Brasil: do século XX ao século XXI ESETec	2004
O cooperativismo no Brasil DB PINHO São Paulo: Saraiva	2004

A empresa cooperativa: análise social, financeira e contábil
DB Pinho 1986
Coopercultura

Tipologia cooperativista
DB Pinho 1986
CNPq

Avaliação do cooperativismo brasileiro
DB Pinho, Fundação de desenvolvimento cooperativa 1980

Cooperativas e desenvolvimento econômico
DB Pinho 1962
São Paulo

O setor externo da economia brasileira
AET LANZANA, DB PINHO, MAS VASCONCELLOS 2002
Manual de economia 3, 483-508

Dicionário de cooperativismo
DB Pinho 1962
São Paulo: FFCL–USP

A moeda: introdução à análise e às políticas monetárias e à moeda do Brasil
P Hugon, DB Pinho 1967
Universidade de S. Paulo

A problemática cooperativista no desenvolvimento econômico
D PINHO 1973
São Paulo: Artegráfica

A empresa cooperativa
DB PINHO 1982
PINHO. DB Administração de cooperativas. São Paulo: CNPQ 3, 15-40

A doutrina cooperativa e a problemática do desenvolvimento econômico
DB PINHO 1974
UTUMI, Américo et al. A problemática cooperativista no desenvolvimento ...

Economia informal, tecnologia apropriada e associativismo
DB Pinho, Universidade de São Paulo. Instituto de Pesquisas Econômicas 1986
Instituto de Pesquisas econômicas

A arte como investimento: a dimensão econômica da pintura
DB Pinho 1989
Nobel

Administração de cooperativas
DB Pinho 1982
CNPq

Cooperativismo: fundamentos doutrinários e teóricos
DB Pinho 2001
ICA

Manual de introdução à economia
DB Pinho, MAS VASCONCELLOS 2006
São Paulo: Saraiva

Doutrina cooperativa
DB PINHO 1976
São Paulo: Secretaria de Agricultura e Abastecimento

Manual de cooperativismo DB Pinho, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq	1984
Concentração de cooperativas: das fusões e incorporações ao controle acionário DB PINHO Curitiba: ASSOCEP	1977
Dicionário de cooperativismo: doutrina, fatos gerais e legislação cooperativa brasileira DB Pinho, P Hugon Secção Gráfica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade ...	1962
Cooperativas brasileiras de trabalho: atividade solidária, criação de emprego e qualidade de vida DB Pinho, CM Amaral Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas	1993
O cooperativismo no" Brasil desenvolvido" e no" Brasil subdesenvolvido." DB Pinho Universidade de São Paulo	1965
Sindicalismo e cooperativismo DB Pinho Instituto Cultural do Trabalho	1967
Economia política e a História das doutrinas econômicas DB Pinho Estudos Avançados 8 (22), 325-328	1994
As grandes coordenadas da memória do cooperativismo brasileiro DB Pinho Organização das Cooperativas Brasileiras	1991
Evolución del pensamiento cooperativista DB Pinho Intercoop	1987
Universidade, gênero e cooperativas: OCB debatendo grandes temas do século XXI DB Pinho SESCOOP	2000
A problemática cooperativista no desenvolvimento econômico A Utumi, CM Pinho, DB Pinho, GSL Rios, GN Lamming, HH Gerber, JA Moraes, MH ... São Paulo	1974
O cooperativismo nos meios capitalista e socialista: suas modificações e sua utilidade DB Pinho Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras	1961
Gênero e desenvolvimento em cooperativas: compartilhando igualdade e responsabilidades DB Pinho, Serviço Nacional de Aprendizagem de Cooperativismo (SESCOOP)	2000
Cooperativismo e desenvolvimento das zonas rurais do Estado de São Paulo DB Pinho, CI da Bacia Paraná-Uruguai Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai	1964
Sindicalismo e cooperativismo: evolução doutrinária e problemas atuais DB Pinho Instituto Cultural do Trabalho	1967
Educação cooperativa informal e formal DB PINHO, CM PINHO Curitiba: ASSOCEP	1975

Cooperativismo e problemas de desenvolvimento regional: possibilidades de utilização do cooperativismo no desenvolvimento da região do Ribeira DB Pinho Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade da São Paulo	1964
Trabalho e qualidade de vida desafios a sociedade latino-americana DB Pinho Icone	1988
Doutrina cooperativista e desenvolvimento econômico DB Pinho Departamento de Assistência ao Cooperativismo	1967
O cooperativismo no Brasil desenvolvido. DB Pinho São Paulo, SP (Brazil)	1964
Aspectos do pensamento econômico do Brasil, 1940-1960 DB Pinho Instituto de Pesquisas Econômicas	1986
Cooperação, cooperativa e cooperativismo: ensaio de conceituação DB Pinho Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras	1961
1. Congresso Estadual de Cooperativismo de Minas Gerais. DB Pinho Belo Horizonte, MG (Brazil)	1976
As cooperativas-importante instrumento de desenvolvimento econômico DB Pinho, Brazil Ministério do Trabalho, Secretaria de Emprego e Salário	1979
Curso de organização e administração de cooperativas para dirigentes sindicais [Brasil]. DB Pinho, CM Pinho São Paulo, SP (Brazil)	1981
Cooperativas, conceito e principais categorias. DB Pinho São Paulo, SP (Brazil)	1963
Reavaliação do cooperativismo brasileiro DB Pinho FUNDEC	1980
Desenvolvimento e subdesenvolvimento econômico: noções fundamentais DB Pinho Secção Gráf. da Fac. de Filosofia, Ciências e Letras da Univ. de São Paulo	1963
Cooperativismo e problemas de desenvolvimento regional [Comunidade rural; Cooperativa de consumo; Cooperativa de credito; Cooperativa de produtores; Vale do Ribeiro; São Paulo; Brasil]. DB Pinho São Paulo, SP (Brazil)	1964
Brasílio Machado Neto e a economia brasileira H Fanganielo, DB Pinho IPE-USP	1991
Planejamento regional e cooperativismo DB Pinho Instituto Superior de Pesquisas e Estudos de Cooperativismo	1965

As grandes coordenadas da memória do cooperativismo brasileiro. Volume 2. Avaliação do cooperativismo e modernização da agricultura cooperativista. DB Pinho Brasília, DF (Brazil)	1991
A atividade econômica cooperativista DB Pinho	1976
O cooperativismo de crédito no Brasil do século XX ao XXI. DB Pinho, VMA Palhares Santo André, SP (Brazil)	2004
Tipologia cooperativista. Manual de cooperativismo [Brasil]. DB Pinho, A Utumi, GC Cabral, MH Magalhaes, R Lauschner, TC Oliveira, DS ... São Paulo, SP (Brazil)	1994
Concentração de Cooperativas DB Pinho	1962
A RESPEITO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA F Haddad, JL Coraggio, P Singer, DS Leser, DC Sylvia, D Pinho, M Massola, P ...	1962
Papel das cooperativas de eletrificação rural no quadro do desenvolvimento agrícola do Estado de São Paulo DB Pinho Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras	1961
Cooperação, cooperativa e cooperativismo DB Pinho	
Concentração de cooperativas das fusões e incorporações ao controle acionário [Brasil]. DB Pinho Curitiba, PR (Brazil)	1976
Atuação das cooperativas em alguns países desenvolvidos e subdesenvolvidos DB Pinho FFCL/USP	1964
Jovens da Periferia da Capital Paulista: Arte, Cooperação e Inclusão Social DB PINHO	
Economia informal, tecnologia apropriada e associativismo, n. 33. DB Pinho São Paulo, SP (Brazil)	1986
Le coopérativisme dans les milieux capitaliste et socialiste: ses modifications et son utilité DB Pinho Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras	1961
Avaliação do cooperativismo brasileiro [Sociologia rural; Microeconomia]. DB Pinho Belo Horizonte, MG (Brazil)	1980
Administração de cooperativas. Manual de cooperativismo [Brasil]. DB Pinho, E Giovenardi, HL Correa, H Matulis, N Nogueira, OV Nascimento, R ... São Paulo, SP (Brazil)	1982
Bases operacionais do cooperativismo. Manual de cooperativismo [Brasil]. DB Pinho, CM Pinho, H Matulis, MK Guimaraes, GC Cabral, MH Magalhaes, M ... São Paulo, SP (Brazil)	1982
A Atividade econômica cooperativista: Diva Benevides Pinho DB Pinho Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Secção Gráfica	1976

Integração universidade e cooperativa
D Pinho — 2000
Anuario de estudios cooperativos, 299-304

Seminário alternativas de desenvolvimento: pesca-coleta e cultivo.
DB Pinho — 1977
São Paulo, SP (Brazil)

A evolução do pensamento econômico no Brasil: da docência à pesquisa e à tecnocracia de 1827 a 1940
DB Pinho, CM Pinho — 1978
Universidade São Paulo, Faculdade de Economia e Administração, Departamento ...

Fotos de Diva Pinho

com parentes e amigos

Carlos e Diva na Igreja da Consolação

Casal no Sul da França

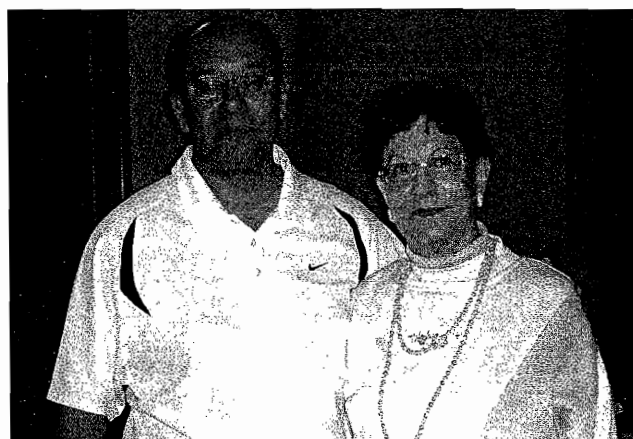
Carlos e Gil

Doação para OCB da tela "Trabalhadores Rurais Volantes"

Família Gil e Nilce Pinho

Diva e afilhado Marco Aurélio

Isaías e Diva

Diva e Miura

Gil e Diva

Família Benevides Carvalho

Ana Maria, José Luiz e Diva

Diva e amigas

Decio, Rose e membros da Viola Caipira

Dulcinéia, Diva e Alda

Sobrinhas Diva e Dirce

Lurdes, Diva e Maria Tereza

Vander, Rodrigo, Diva e Nidia

Nilce, Gil, Diva, M. Emília e Benê

Amigos do Grupo Viola Caipira

Encontro AMEFEA-USP

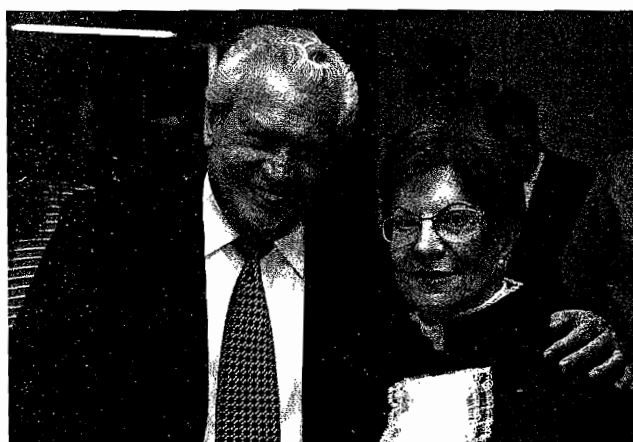
AMEFEA - Recepção dos pais em 2015

Reunião dos Pais/AMEFEA

Bolsistas da AMEFEA e Profª. Diva

Diva em Lançamento Livro: Mercado da Arte

Carlinhos, Cassiana e Diva

Diva e Delfim no FUNCADI

Jano e Diva

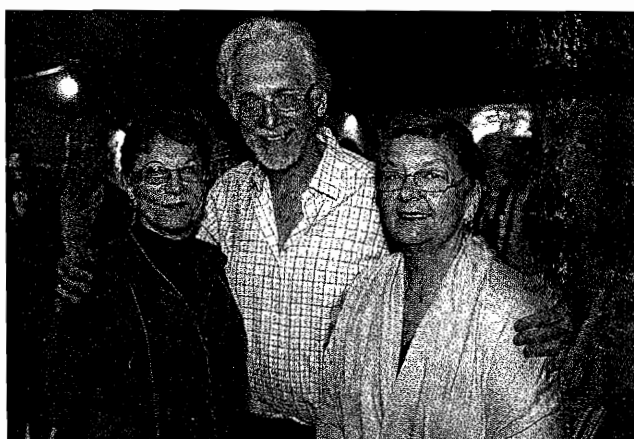
Delfim e Diva - inauguração Biblioteca /FEA

Familiares e amigas/os

Diva- Livro "FEA Séc. XXI"

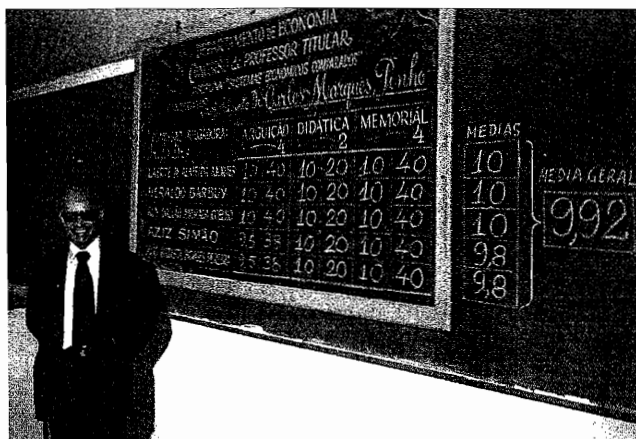
Bolsistas AMEFEA e Profª. Diva

Diva e representantes da AMEFEA

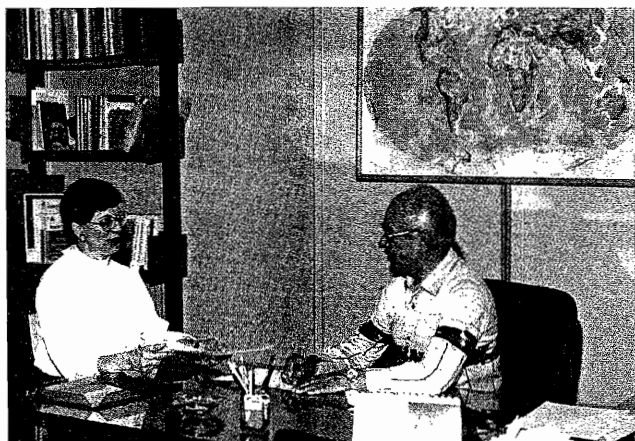
Carlinhos e Diva

Diva, Valdemir e Katy

Lara, Diva e Guilhoto

Lara e Diva no 2º Aniversário FUNCADI

Diva e Comitê do Gênero da OCB

Concurso de Prof. Títular de Economia da FEA-USP

Utumi, Diva e Terezinha

Maurício, Paula, Murilo, Diva e Liliam e os Pets Cléo e Dalai

Diva e Carlos na Chefia do Departamento de Economia

Luiz, Diva, Lavínia e Ralph

Amigos da Família Pereira

Valdeson

Diva e parentes Dotto e Pinho

Diva e Ana Cristina Limongi-França

Diva e Mirian

Alda, Diva e Pedro

Diva e Amigas

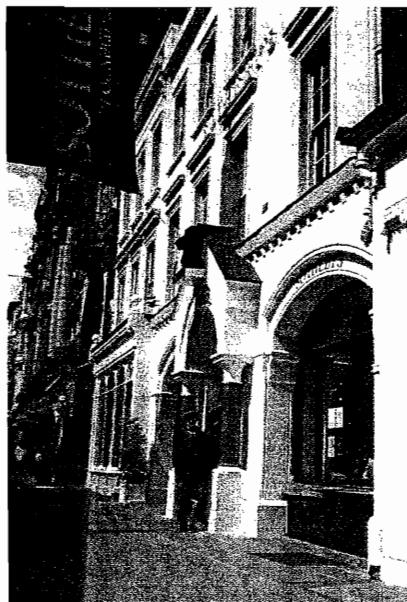
Diva e Denisard e esposa

Roberto Macedo e Diva Pinho

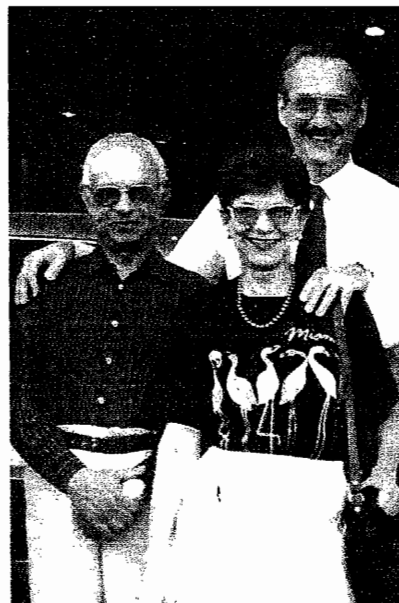
Márcia e Diva Pinho

Hamilton e Diva

Fábio Frezzati, Diva e Guilhoto

Diva e sua querida Dalai

Diva em Londres

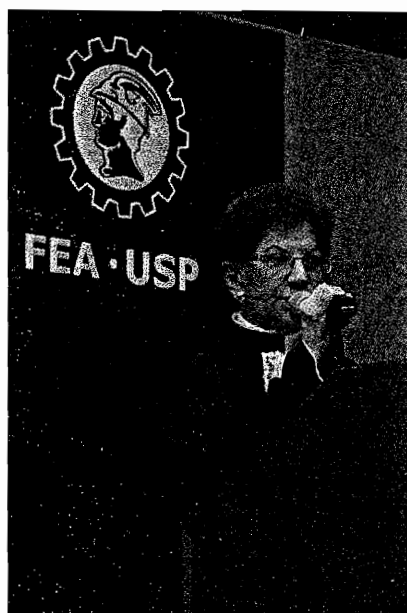
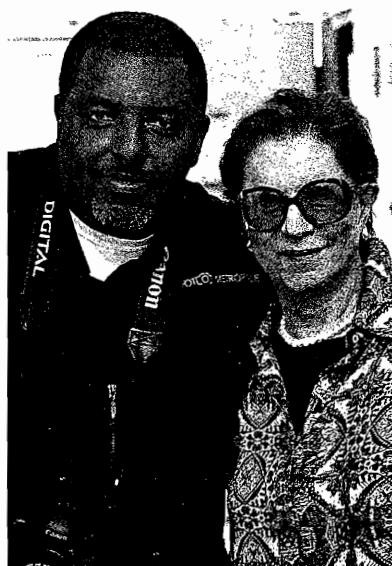
Carlos, Diva e Maria Tereza

Carlos e Diva: curso em Fortaleza

Carlos, Diva e Vladimir Pereira

Lançamento da Pedra Fundamental da FEA-CUASO

Carlos em Paris

Diva no Anf. Camargo Guarnieri

Diva em Reunião da AMEFEA

Diva - Prof[a] Emérita FEA-USP

Diva e Ismael do Rosário (Responsável pela Editoração Eletrônica deste trabalho)

Diva no 2º Aniversário FUNCADI